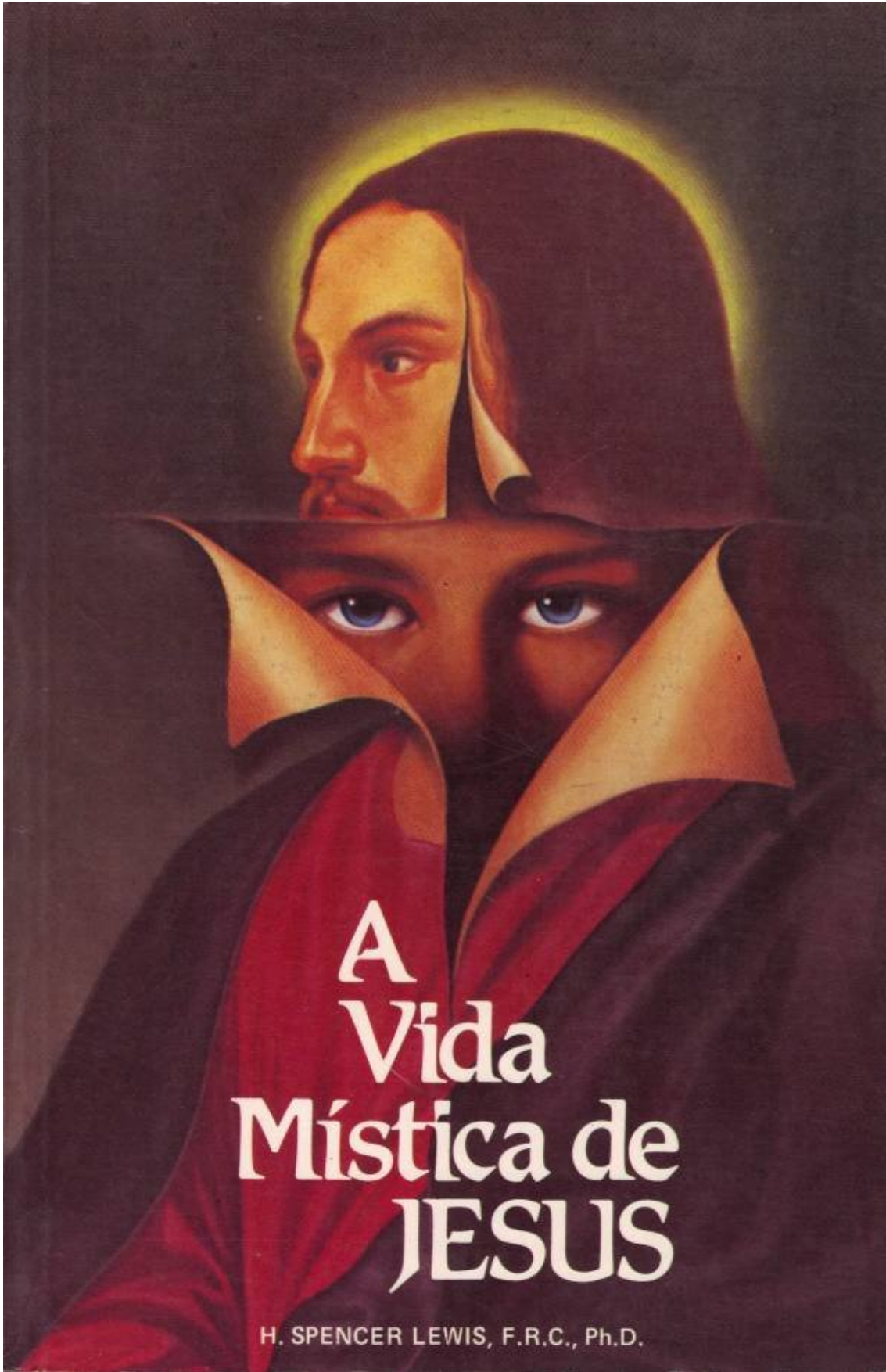


H. Spencer Lewis, F.R.C.

A Vida Mística de Jesus



www.espelhosdatradicao.blogspot.com



A
Vida
Mística de
JESUS

H. SPENCER LEWIS, F.R.C., Ph.D.

Os mistérios na vida de Jesus. . .

O que há por trás do véu. . .

Jesus, o Místico!

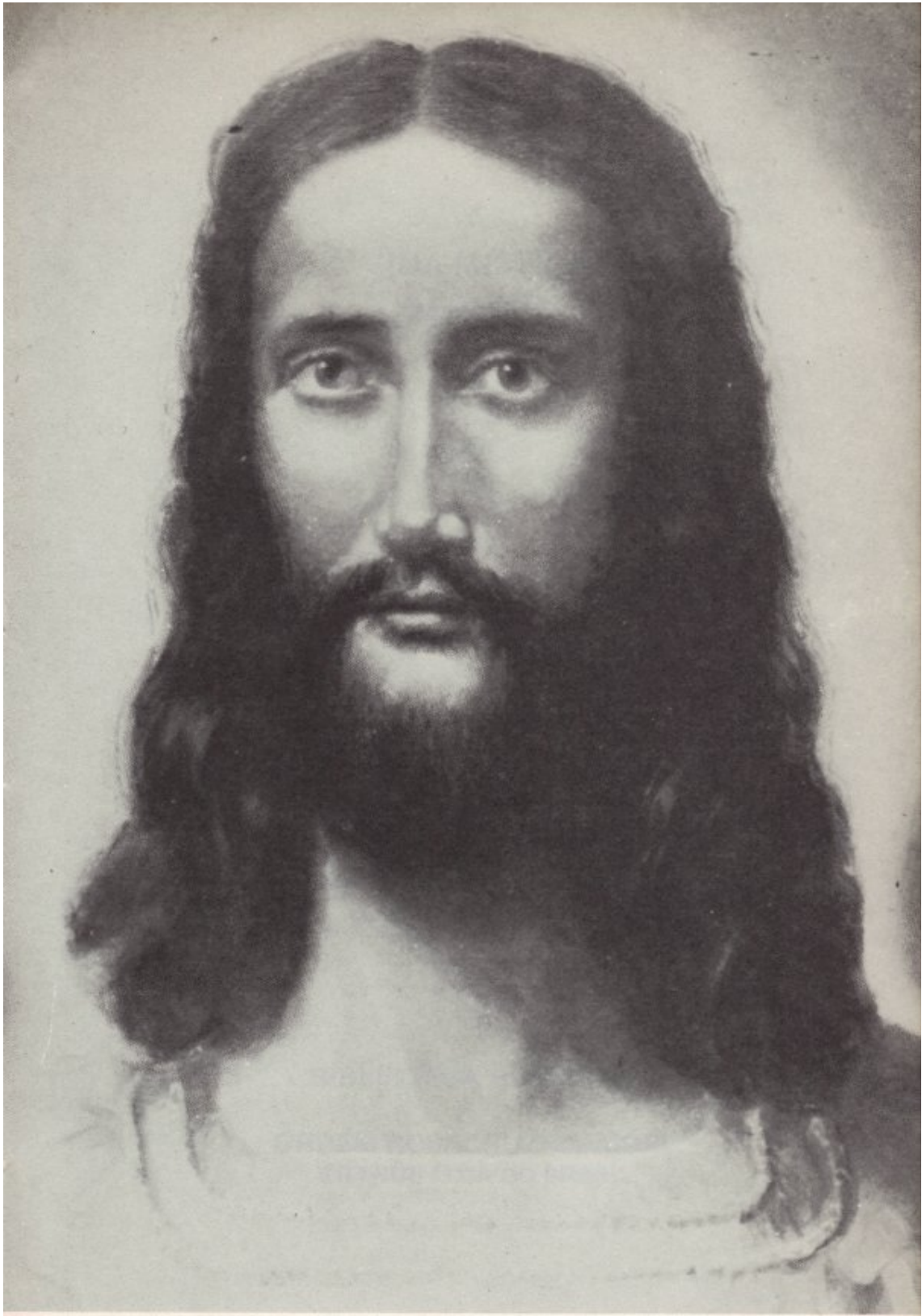
Fatos há muito mantidos em
segredo por uns poucos, e agora
divulgados neste impressionante
livro em sua primeira
edição pela Grande Loja do
Brasil – AMORC.

Esta obra é resultado de
anos de trabalho e infatigáveis
estudos e pesquisas nos
arquivos Rosacruzes em
terras estrangeiras, abrangendo os
registros dos Essênios, Nazarenos
e Nazaritas, bem como os registros
completos da Grande Fraternidade
Branca no Tibete, na Índia e no
Egito, fontes fidedignas para o
pesquisador sincero da história
de todos os Avatares.
E, especialmente, de Jesus.

ISBN-85-317-0045-0



Biblioteca da Ordem Rosacruz - AMORC



Jesus, o Gentio Ariano

VIDA MÍSTICA DE JESUS

por

H. SPENCER LEWIS, F.R.C., Ph.D.

COORDENAÇÃO E SUPERVISÃO

ORDEM ROSACRUZ

Charles Vega Parucker, F.R.C. Grande Mestre



BIBLIOTECA ROSACRUZ

ORDEM ROSACRUZ - AMORC GRANDE

LOJA DO BRASIL



www.espelhosdatradicao.blogspot.com

DEDICATÓRIA



Aos

Cavaleiros da Milícia,

participantes da numerosa comitiva de homens e mulheres

de todas as partes da América do Norte que me acompanharam, junto com

minha família, em nossa longa

e cansativa jornada pela Palestina, Egito, Itália,

Turquia, Grécia, Suíça, França, Alemanha e Inglaterra,

em busca dos Santuários Sagrados e da comprovação

de fatos que já nos eram conhecidos por estudos e pesquisas

feitos em comum ao longo de muitos anos,

É DEDICADO ESTE LIVRO

como lembrança de nossa Sagrada Missão

e de nossa Iluminação no ano de 1929.



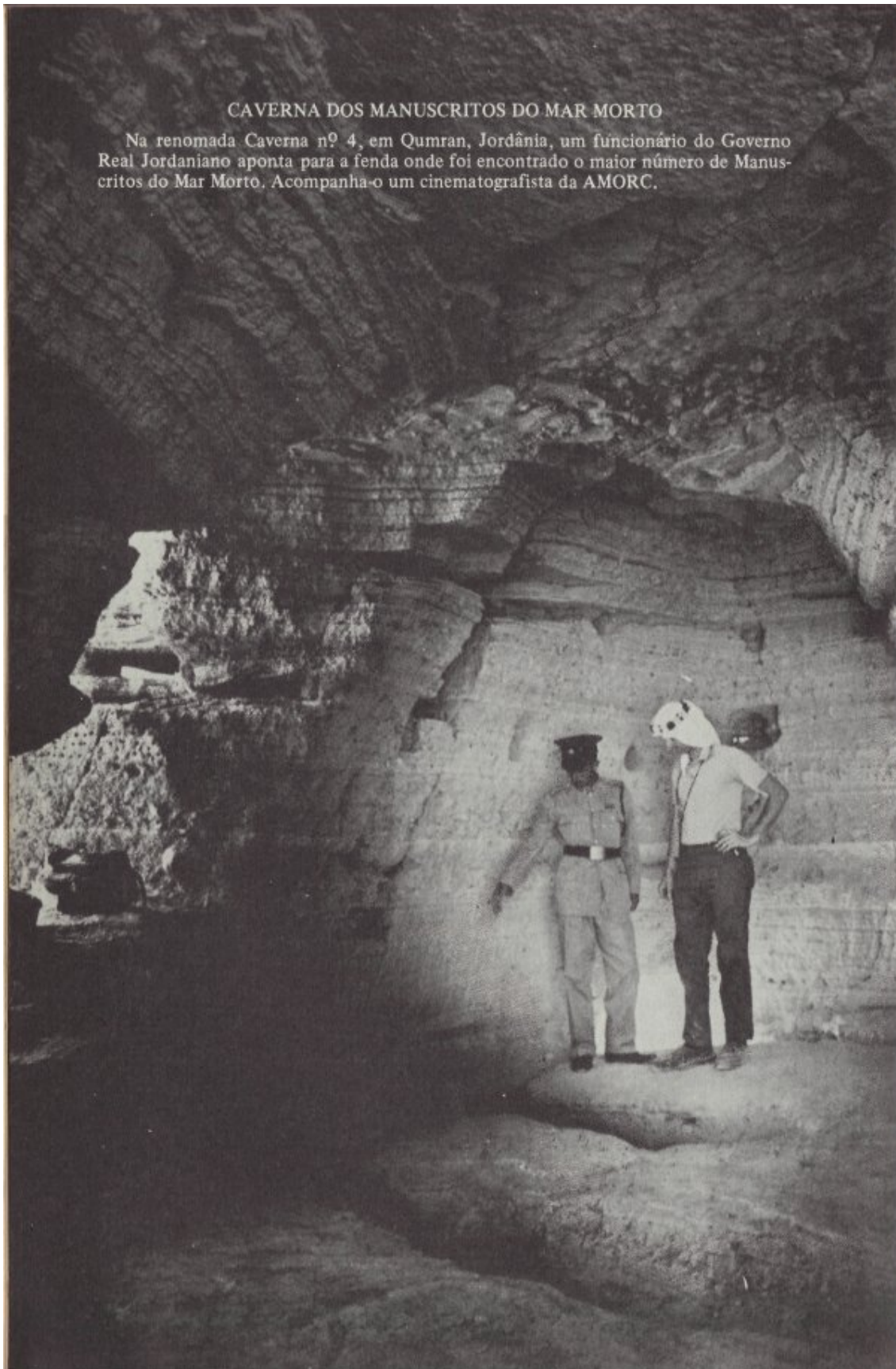


Figura 1: Salão de refeições dos essênios (Na Jordânia, vendo-se as margens do Mar Morto a distância, encontram-se as ruínas do salão de refeições da antiga seita mística dos Essênios>Não muito longe desta colônia que outrora floresceu, estão as cavernas onde foram encontrados os famosos Manuscritos do Mar Morto.



CAVERNA DOS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

Na renomada Caverna nº 4, em Qumran, Jordânia, um funcionário do Governo Real Jordânico aponta para a fenda onde foi encontrado o maior número de Manuscritos do Mar Morto. Acompanha-o um cinematografista da AMORC.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: O MISTÉRIO DOS ESSÊNIOS	16
CAPÍTULO II: OS VIZINHOS DE JESUS	34
CAPÍTULO III: OS PAIS DE JESUS.....	42
CAPÍTULO IV: A DIVINA CONCEPÇÃO DOS AVATARES.....	59
CAPÍTULO V: O NASCIMENTO MÍSTICO DE JESUS	78
CAPÍTULO VI: O LOCAL DE NASCIMENTO E OS MAGOS.....	90
CAPÍTULO VII: A DATA DE NASCIMENTO DE JESUS.....	101
CAPÍTULO VIII: A INFÂNCIA DE JESUS.....	112
CAPÍTULO IX: JESUS INICIA SEU SACERDÓCIO	127
CAPÍTULO X: JESUS INICIA SEU SACERDÓCIO SECRETO	141
CAPÍTULO XI: JESUS ALCANÇA A MAESTRIA.....	152
CAPÍTULO XII: JESUS SE TORNA CRISTO	162
CAPÍTULO XIII: O MÍSTICO INÍCIO DA MISSÃO DO CRISTO	170
CAPÍTULO XIV: OS VERDADEIROS MILAGRES E DOCTRINAS DE JESUS	178
CAPÍTULO XV: A VERDADE SOBRE A CRUCIFICAÇÃO.....	193
CAPÍTULO XVI: OS FATOS SECRETOS DA RESSURREIÇÃO	217
CAPÍTULO XVII: A VIDA DESCONHECIDA DE JESUS.....	228
APÊNDICE	242
ALGUMAS CRÍTICAS INTERESSANTES.....	242

ORDEM ROSACRUZ



INTRODUÇÃO

Já é fato comprovado que, muitas vezes, a verdade é mais interessante que a ficção. Isto se aplica especialmente à vida de Jesus. Talvez devido ao Ciclo Cósmico pelo qual a humanidade está passando, ou talvez simplesmente por razão do desenvolvimento intelectual do homem, está havendo um interesse maior pela vida do Grande Redentor do que em qualquer outro período desde a aurora do cristianismo.

Em meus contatos com buscadores das verdades espirituais durante Vinte e cinco anos, descobri que o estudante de misticismo, metafísica, psicologia e ocultismo acaba sendo inevitavelmente atraído para um estudo mais minucioso e analítico da vida e dos ensinamentos de Jesus, o Cristo. Toda a sua missão, suas doutrinas, parábolas, milagres e exortações esclarecedoras vão gradualmente fascinando e se harmonizando com o lado espiritual de todo estudante místico, provocando-lhe uma inquietação que só encontra alívio quando ele se aprofunda nos mistérios de Sua vida.

Às razões para a existência de mistérios na vida de Jesus são reveladas em certos capítulos deste livro. Após muitos anos de cuidadosos estudos e pesquisas, que incluíram uma viagem aos locais místicos e Santos da Europa, da Palestina e do Egito, continuo a me considerar despreparado para dizer se os Santos Padres que autorizaram a versão incompleta, parcialmente



errônea e bastante velada da vida de Jesus, que aparece na Bíblia Cristã, tiveram motivos justos para suas ações, ou não. E certo que, ainda hoje, nem todos estão preparados para compreender e apreender o significado místico da maioria dos mistérios ligados ao cristianismo antigo. É inegável que existem milhares, talvez milhões de pessoas que estão agora preparadas para a verdade; ainda assim, essas pessoas representam apenas uma pequena parte daqueles que aceitaram e encontraram Paz e Salvação naquilo que a Igreja Cristã lhes ofereceu.

Para aqueles que, com ortodoxa sinceridade, rejeitarem as informações apresentadas neste livro, só posso dizer: "Apeguem-se àquilo que lhes parece bom!" Se sua fé, seu conhecimento e sua convicção no que se refere aos assuntos cristãos lhes satisfaz, se não existe um impulso para olhar o que está por trás do véu, então não o façam. Não permitam que coisa alguma enfraqueça ou diminua sua adoração e culto a Ele que é seu Salvador e Senhor.

Para aqueles que crêem que um conhecimento mais íntimo de Jesus, o Filho de Deus, o Mestre, o Avatar e o Místico, há de torná-lo ainda mais caro ao seu coração; para aqueles cujo Eu interior necessita que mais luz seja lançada sobre os mistérios de Sua missão, apresento os capítulos de Vida Mística de Jesus como uma pesquisa que abrange fatos há muito mantidos em segredo por uns poucos, e que ora são merecedores de maior divulgação.

A história da vida de Jesus, tal como é apresentada neste livro, não contém nenhum apelo sectário. Sei que é verdadeiro que o Jesus aqui revelado é



aceitável tanto para judeus como para gentios, tanto para católicos romanos como para protestantes; nestes dias de controvérsias religiosas e profunda preocupação quanto ao aumento dos incontáveis milhares de pessoas que não freqüentam nenhuma igreja e que parecem estar perdendo o interesse por assuntos religiosos, sinto-me feliz em dizer que estou certo de que milhares de pessoas encontrarão neste livro uma chave para seu problema e um incentivo para voltarem a ler a Bíblia Cristã e reexaminar sua rejeição da Igreja.

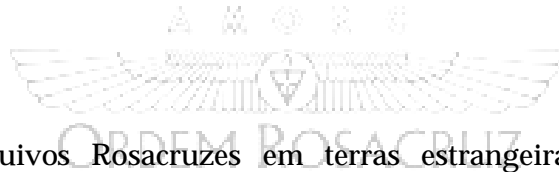
Eu disse que sei estas coisas. Devido à minha condição oficial, tenho contato com muitos milhares dessas pessoas na América do Norte e outras regiões. Em minhas palestras públicas nos Estados Unidos, durante doze anos, em entrevistas pessoais com pessoas espiritualmente inquietas e no decorrer de viagens a países estrangeiros, pude verificar o efeito destas verdades. Partes de alguns capítulos foram usadas em discursos públicos, alguns fatos interessantes foram introduzidos em lições privativas, e outros apresentados em conversas pessoais. O resultado sempre foi um despertar de interesse pela vida e os ensinamentos de Jesus e, de modo geral, a agradável surpresa de perceber que Jesus e Suas doutrinas eram totalmente aceitáveis nas novas revelações.

Em anos recentes surgiram panfletos afirmando que continham certos fatos ocultos referentes à vida de Jesus. Na maioria dos casos, eles continham inverossimilhanças ou informações inconsistentes de tal teor que os condenava a serem taxados de meras invencionices. Em vários desses panfletos mais populares afirmava-se que eles eram o resultado da descoberta de um raro



manuscrito ou registro até então escondido em um mosteiro isolado. A origem real daquilo que era aceitável nesses panfletos foi a divulgação de certos livros Sagrados dos antigos e que continham referências casuais à vida de Jesus, rejeitadas pelos Santos Padres quando as primeiras versões autênticas da Bíblia foram compiladas.

Os fatos contidos neste volume não foram tirados de quaisquer manuscritos, escrituras ou registros recentemente descobertos. Na verdade, não se pode sequer dizer que os fatos aqui contidos sejam novos tanto para os Santos Padres da primitiva Igreja Cristã, como para os mais profundos e analíticos escritores de assuntos místicos, ou mais avançados místicos de muitas nações.



Os arquivos Rosacruz em terras estrangeiras, abrangendo os registros dos Essênios, Nazarenos e Nazaritas, assim como os registros completos da Grande Fraternidade Branca no Tibete, na Índia e no Egito, sempre foram fontes de conhecimento para o pesquisador sincero da história de todos os Avatares e especialmente de Jesus. Foi dessa fonte fidedigna que foram tirados os fatos contidos nesta obra — não de uma só vez e não sem anos de trabalho e infatigáveis estudos e serviços.

Sempre que possível, foi obtida a confirmação ou verificação dos escritos e registros dos primeiros padres da Igreja, historiadores ou arquivistas.



Também foram tirados excertos dos escritos judaicos, e até mesmo dos chamados pagãos, sempre que viável. Estas citações são claramente indicadas.

Desejo aproveitar a oportunidade para agradecer a todos aqueles que, nos anos que passaram, examinaram cuidadosamente partes de meus escritos sobre o assunto e chamaram minha atenção para pontos adicionais que mereciam ser considerados. Também agradeço aos Membros que, em minha viagem ao Oriente Próximo em janeiro, fevereiro e março deste ano, acompanharam-me em minhas pesquisas especiais, e ajudaram minha secretária e eu na obtenção de informações necessárias à autenticação de importantes declarações contidas neste livro. Foi um trabalho glorioso, e desejo que cada um desses muitos companheiros seja de alguma forma recompensado por seus esforços ligados a este livro, que lhes é dedicado.

H. SPENCER LEWIS

Templo Egípcio Parque Rosacruz San José, Califórnia 15 de abril de 1929.



CAPÍTULO I: O MISTÉRIO DOS ESSÊNIOS

Antes que se possa compreender e apreciar adequadamente a história e o relato real do nascimento e da vida do Mestre Jesus, é preciso ter uma idéia das antigas organizações e escolas que contribuíram para a preparação de Sua vinda.

Nos últimos cem anos muitas anotações de escrituras sagradas foram descobertas, relativamente à Fraternidade Essênia e às atividades desta organização na Palestina logo antes da vida de Jesus e durante a mesma. Muitas dessas anotações confirmaram as referências feitas aos Essênios por eminentes historiadores como Filo e Josefo, e explicaram muitas referências misteriosas encontradas nas escrituras sagradas dos hebreus e traduzidas para a Bíblia Cristã.

A possível relação entre a Fraternidade Essênia e as primeiras atividades cristãs não só despertou o interesse de centenas de eminentes clérigos e autoridades bíblicas, mas também fez com que uma pergunta fosse feita por milhares de estudantes da literatura mística: "Por que a história dos Essênios foi excluída do conhecimento geral?"

A resposta é que aqueles que conheciam sua história desejaram manter a Fraternidade Essênia envolta em mistério para evitar que seu trabalho



e seus ensinamentos fossem publicamente discutidos e eventualmente escarnecidos pelos estudantes ou professores do cristianismo ortodoxo que se dedicaram com tanto afincio a fazer do Cristo e do cristianismo um mistério ainda maior.

Os registros Rosacruz sempre contiveram amplos detalhes sobre as atividades da Fraternidade Essênica, e nenhum iniciado da Ordem Rosacruz, nenhum estudante profundamente dedicado aos antigos mistérios, que tenha se tornado digno de entrar em contato com os registros antigos, foi deixado na ignorância quanto aos Essênios. Hoje, o véu pode ser afastado e alguns fatos relativos aos Essênios podem ser revelados ao mundo, graças ao progresso feito nos estudos da literatura oculta, e por causa do ponto de vista mais amplo adotado pela média dos estudantes de assuntos místicos e espirituais. Por este motivo sinto-me justificado em apresentar os seguintes fatos relativos aos Essênios¹.

Em primeiro lugar, talvez seja suficiente dizer, neste breve esboço da organização dos Essênios, que eles eram um ramo da iluminada fraternidade da Grande Loja Branca, que nasceu no Egito nos anos que precederam Akhenaton, Faraó do Egito e grande fundador da primeira religião monoteísta, o qual

¹ Nota do Editor: Descobertas arqueológicas feitas em 1946 -17 anos depois que este capítulo foi escrito - muito fizeram para ampliar nosso conhecimento sobre os Essênios e para confirmar o que aqui foi dito a respeito dos mesmos. Recomendamos a leitura do artigo de Edmund Wilson, publicado em 14 de maio de 1955, na revista The New Yorker, e também seu livro Pergaminhos do Mar Morto, publicado pela Editora da Universidade de Oxford, New York e Toronto (1955).



apoiou e encorajou a existência de uma fraternidade secreta voltada ao ensino das verdades místicas da vida.

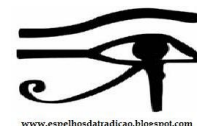
As diversas escolas místicas do Egito, que se uniram no que constituiu a Grande Fraternidade Branca, tomaram diferentes nomes em diferentes partes do mundo, de acordo com o idioma de cada nação e com as peculiaridades do pensamento religioso e espiritual do povo em geral. Verificamos que, em Alexandria, os membros da Fraternidade adotaram o nome de Essênios. Os cientistas têm feito consideráveis especulações quanto à origem deste termo e seu real significado. Foram apresentadas tantas especulações insatisfatórias quanto à sua raiz que ainda persistem muitas dúvidas na mente da maioria das autoridades quanto a este aspecto. A palavra deriva realmente da palavra egípcia Kashai, que significa "secreto". Existe uma palavra judia que tem um som semelhante, chsahi, que significa "secreto" ou "silente"; esta palavra foi naturalmente traduzida para essaios ou "Essênio", com o significado de "secreto" ou "místico". O próprio Josefo descobriu que os símbolos egípcios para luz e verdade são representados pela palavra choshen, que tem o correspondente grego "Essen". Foram encontradas referências históricas segundo as quais os sacerdotes dos antigos templos de Éfeso tinham o nome de Essênios. Um ramo da organização estabelecido pelos gregos traduziu a palavra Essênio derivada do termo sírio asaya, que significa "médico", para o termo grego therapeutes, com o mesmo significado.



Os registros Rosacruz diz claramente que a palavra original pretendia descrever uma fraternidade secreta e que, embora a maioria de seus membros se tornassem médicos e curadores, a organização era devotada a muitas outras práticas humanitárias além da arte de curar, e que nem todos os seus membros eram médicos.

A expansão da organização para muitas terras próximas ao Egito foi lenta e natural, acompanhando o despertar da consciência do povo; e então vemos que a Fraternidade Essênica tornou-se um ramo definido da Grande Fraternidade Branca, representando as atividades externas dessa Fraternidade, que era, principalmente, uma escola de aprendizado e instrução. Assim, por vários séculos antes do advento da Era Cristã, a Fraternidade Essênica, um grupo de trabalhadores ativos, manteve dois centros principais, sendo um no Egito, às margens do Lago Moeris, onde o grande Mestre Moria-El, o Ilustre, nasceu em sua primeira encarnação conhecida, foi educado, preparado para sua grande missão e estabeleceu a lei e o princípio do batismo como passo espiritual no processo da iniciação. O outro centro importante da Fraternidade Essênica foi estabelecido primeiro na Palestina, em Engaddi, perto do Mar Morto.

Ao examinar os registros Rosacruz referentes aos Essênios, encontrei milhares de anotações a respeito desses dois ramos, das quais selecionei as declarações que se seguem, por tê-las considerado as mais interessantes e mais definidas, com relação à vida de Jesus.



O ramo da Palestina teve de enfrentar o despotismo dos governantes do país e o ciúme da classe sacerdotal. Estas condições forçaram os essênios da Palestina a manter um silêncio e uma solidão maiores do que costumavam guardar no Egito. Antes de se mudarem de suas pequenas construções e do recinto sagrado em Engaddi para as antigas edificações no Monte Carmel, sua principal ocupação, aparentemente, era a tradução de manuscritos antigos e a preservação de tradições e registros que constituíam a base de seus ensinamentos.

Consta dos registros que, ao chegar o momento de se transferirem de Engaddi para o Monte Carmel, o maior problema foi o transporte secreto desses manuscritos e registros. Felizmente para nós, eles conseguiram preservar os manuscritos mais raros que já foram retirados do Egito, e de outras formas preservaram as histórias e ensinamentos antigos e tradicionais. É daí que derivamos a maior parte de nosso conhecimento dos essênios e da Grande Fraternidade Branca. Uma descrição do seu modo de viver, e daquilo em que acreditavam e que ensinavam, constitui, sem qualquer dúvida, uma história de profundo interesse para todos os estudantes modernos do misticismo e da literatura sacra.

Todos os essênios do Egito e da Palestina, ou os Therapeuti, como eram chamados em outras terras, tinham de ser descendentes arianos de sangue puro. Este ponto é muito importante com relação aos fatos que serão revelados sobre o nascimento e a vida do Mestre Jesus. Os essênios também estudavam os



textos do Avesta e aderiam aos princípios neles contidos, os quais davam grande importância a um corpo saudável e uma mente poderosa. Antes que qualquer ariano apto pudesse se tornar um Adepto da Fraternidade Essênica, tinha de ser preparado, durante a infância, por certos professores e instrutores; crescia com um corpo sadio, e devia ser capaz de exercer certos poderes mentais em condições de teste. Todo candidato adulto a quem se permitia partilhar da refeição diária no prédio da Fraternidade era designado para uma missão definida em sua existência, por ocasião de sua iniciação, e essa missão devia ser cumprida a despeito de quaisquer obstáculos e tentações, ainda que com o sacrifício da própria vida. Alguns decidiam ser médicos ou curadores, outros decidiam ser artesãos, professores, missionários, tradutores, escribas, e assim por diante. Todos os bens materiais que possuísem ao tempo de sua iniciação tinham de ser doados ao fundo comum, do qual todos podiam retirar apenas o que lhes fosse necessário. A vida simples que levavam, livre de qualquer gratificação nos prazeres comuns à população em geral, só tornava necessário fazer uso desse fundo comum em raras ocasiões.

Imediatamente após a iniciação, cada membro passava a usar uma veste branca composta de uma só peça de pano, e só usava sandálias quando o clima ou as circunstâncias assim o exigissem. Sua roupa era tão distinta e peculiar que eles eram conhecidos entre o povo como os Irmãos de Branco. O termo Essênio não era popularmente conhecido, e só os entendidos o



empregavam. Isto explica a falta de referências aos Essênios na maioria das histórias populares ou dos escritos da época.

Eles viviam em construções bem cuidadas, geralmente num local fechado e bem protegido, formando uma comunidade. Todos os seus assuntos eram regulados por uma comissão ou conselho de juizes ou conselheiros, em número de cem, que se reuniam uma vez por semana para regulamentar as atividades das organizações e ouvir os relatórios dos trabalhadores do campo. Todas as discordâncias, todas as queixas, todas as provas e tribulações eram ouvidas por este conselho, e um dos regulamentos indica que os Essênios eram sempre cuidadosos ao expressarem opiniões a respeito uns dos outros ou de pessoas estranhas à organização, e que não criticavam a vida e os assuntos das pessoas que tentavam reformar ou auxiliar. Também aderiam estritamente a uma de suas leis: "Não julgues — para não seres julgado."

É possível apresentar aqui os artigos de fé dos Essênios, tais como estão registrados em documentos antigos e secretos. Embora esses artigos de fé sejam apresentados de forma ligeiramente diferente nos vários ramos da organização essênica, estão indubitavelmente baseados nos artigos de fé adotados pela Grande Fraternidade Branca, ao tempo em que foi estabelecida a organização essênica.

Número Um: Deus é princípio; Seus atributos só se manifestam através da matéria, ao homem exterior. Deus não é uma pessoa, nem se revela ao homem

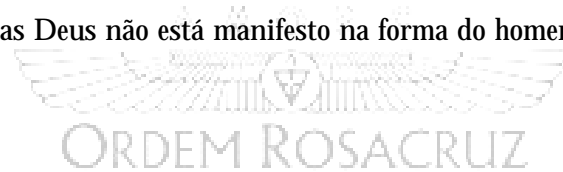


exterior em qualquer forma de nuvem ou glória. (Note a semelhança deste artigo com a declaração de João IV:24: "Deus é Espírito, e os que O adoram têm de adorá-lo em espírito e verdade.")

Número Dois: O poder ou a glória do domínio de Deus não aumenta nem diminui segundo a crença ou descrença do homem; e Deus não põe de parte Suas leis para agradar a humanidade.

Número Três: O ego no homem é de Deus, uno com Deus, sendo conseqüentemente imortal e eterno.

Número Quatro: As formas do homem e da mulher são manifestações da verdade de Deus, mas Deus não está manifesto na forma do homem ou da mulher como um ser.



Número Cinco: O corpo do homem é um templo no qual habita a alma, por cujas janelas vemos as criações e evoluções de Deus.

Número Seis: Por ocasião da transição ou separação do corpo e da alma, a alma entra naquele estado secreto em que nenhuma das condições da terra tem qualquer encanto, mas a brisa suave e o grande poder do Espírito Santo oferecem conforto e consolo para os extenuados ou ansiosos que estão à espera de novas atividades. Aqueles, entretanto, que fracassam em utilizar as bênçãos e dons de Deus, que seguem os ditames do tentador, dos falsos profetas e das ardilosas doutrinas dos iníquos, permanecem no seio da terra até que sejam libertos dos poderes aprisionadores do materialismo, purificados e enviados ao reino secreto. (Isto explica o antigo termo místico "preso à



terra", com referência àqueles que ainda ficam escravizados a tentações materiais por algum tempo após a transição.)

Número Sete: Guardar o dia santo da semana, para que a alma possa comungar em espírito e ascender e entrar em contato com Deus, descansando de todos os labores e usando de bom discernimento em todas as ações.

Número Oito: Manter silêncio nas disputas, fechar os olhos diante do mal, e fechar os ouvidos aos blasfemadores. (Isto equivale ao original da lei oriental, "não falar o mal, não ver o mal e não ouvir o mal".)

Número Nove: Preservar as doutrinas sagradas contra os profanos, jamais falar delas àqueles que não estejam preparados ou qualificados para compreendê-las, e estar sempre pronto a revelar ao mundo o conhecimento que possa capacitar o homem a elevar-se a maiores alturas.

Número Dez: Permanecer fiel às amizades e a todas as relações fraternas, até a morte; em qualquer circunstância ligada à confiança, nunca abusar do poder ou do privilégio recebido; e em todas as relações humanas, ser benévolo e capaz de perdoar, mesmo aos inimigos da fé.

Todos os departamentos da organização eram supervisionados por administradores encarregados das coisas materiais entregues ao fundo comum por cada membro. Este fundo comum era chamado de fundo dos pobres, sendo usado para aliviar os sofrimentos dos desfavorecidos em todas as terras. Isto



nos faz recordar o que disse Mateus XIX:21: "Vai vender teus bens e dá aos pobres, ... e sé meu seguidor."

Abrigos para o cuidado de pobres e doentes foram estabelecidos pelos Essênios em várias comunidades, especialmente em períodos de fome ou epidemias. Esses locais eram chamados Bethsaida. Foi deste tipo de trabalho que se originaram os abrigos e hospitais que se tornaram comuns séculos mais tarde. Uma equipe especial de pessoas ligadas a esses locais passou a ser conhecida pelo nome de Hospitaleiros. Nisto encontramos a origem de outro ramo da Fraternidade, o qual tornou-se, mais tarde, uma organização mais ou menos separada. Os Essênios também estabeleceram albergues em várias comunidades e na entrada da maioria das cidades havia um lugar chamado de Portão, onde os estranhos ou aqueles que necessitavam de alimento ou orientação recebiam cuidados temporários. Recentes descobertas em Jerusalém revelaram a existência de um Portão conhecido como Portão Essênio.

Os Essênios não gostavam de viver em cidades e se estabeleceram em comunidades de pequenas aldeias, fora dos limites ou muros de quase todas as cidades das regiões onde existiram. Nessas comunidades, cada membro tinha sua pequena casa com quintal, e os solteiros moravam numa casa comunitária. O casamento não era proibido entre os Essênios, ao contrário do que geralmente se acredita, mas seus ideais relativos ao matrimônio eram muito elevados, e apenas os nubentes bem harmonizados e cuja união fosse aprovada pelos grandes oficiais podiam se casar.



As mulheres podiam associar-se à Fraternidade e em poucas oportunidades tinham permissão para entrar nos graus iniciais do trabalho. Isto ocorria não porque os Essênios acreditassem que as mulheres fossem inferiores aos homens em capacidade mental ou espiritual, mas porque o ramo Essênio da Grande Fraternidade Branca era uma organização estritamente masculina, destinada a realizar um trabalho próprio de homens em cada comunidade. Entretanto, mães, irmãs e filhas dos membros de cada comunidade essênica tinham permissão para participar da comunidade e tornarem-se membros associados. As mulheres solteiras, e que não desejavam se casar, freqüentemente adotavam crianças órfãs e, desta forma, realizavam um trabalho humanitário para a organização.

Ao considerarmos seus assuntos mais privativos, vemos que os essênios não tinham criados, pois a servidão era considerada contrária à lei; cada casa tinha de ser cuidada pelos seus moradores. Algumas regras e regulamentos registrados em documentos Rosacruz levam a crer que as idéias essênicas, no que se refere a servidores e à servidão eram bastante fanáticas, comparadas com o nosso moderno ponto de vista. Devemos lembrar que, ao tempo em que essas regras foram adotadas, a maioria dos serviços de qualquer casa rica, ou os servidores de reis e potentados de qualquer espécie, eram como escravos, e, naturalmente, para os Essênios todo homem e mulher ora um ser livre, sendo a escravidão e a servitude de qualquer tipo absolutamente proibidas. Em cada comunidade, todos participavam de qualquer trabalho



referente à comunidade como um todo, e todos tinham sua cota de tarefas humildes a serem executadas. Os novos iniciados tinham de trabalhar nos campos e, em certas ocasiões, serviam às mesas comunitárias, na cozinha e às mesas dos albergues.

Assim como ocorreu com outros ramos da Grande Fraternidade Branca, os Essênios nunca fizeram contratos ou acordos que exigissem juramentos ou qualquer forma de documento escrito. A respeito deles, tornou-se de conhecimento geral que sua palavra valia tanto quanto qualquer acordo ou contrato por escrito. Eles possuíam regras e regulamentos que regiam suas vidas, os quais eram bem conhecidos de todos aqueles com quem tinham contato; os mais altos potentados da terra sabiam que os Essênios não podiam se prender a quaisquer juramentos, mas eram extremamente responsáveis quando empenhavam sua palavra numa promessa. O próprio Josefo, ao escrever sobre os Essênios, em 146 a.C., informou que eles tinham sido isentados da necessidade de jurar lealdade a Herodes. É mais que certo que eles se negariam a fazer qualquer promessa em nome de Deus, pois, para eles, como para os judeus que deles herdaram a idéia, o nome de Deus só podia ser mencionado de maneira sagrada nos templos e, em outras ocasiões, o nome de Deus não podia ser pronunciado. Se houvesse uma discórdia com estranhos, os Essênios pagavam qualquer preço que lhes fosse exigido e faziam os sacrifícios que fossem necessários para evitar discussões ou relacionamentos estremecidos. Por esta razão, os Essênios eram bem considerados pelos fariseus e outras seitas



da Palestina, embora essas outras seitas criticassem severamente as práticas religiosas dos Essênios.

Falando de juramentos, entretanto, tenho permissão para apresentar aqui o juramento oficial prestado pelos iniciados, o qual era o único juramento admissível. Era feito em nome da honra do iniciado, ao entrar ele no grau final de iniciação, que poderíamos chamar de quarto grau de seu progresso na organização. O juramento era o seguinte:

"Prometo, na presença de meus superiores e dos Irmãos da Ordem, sempre praticar a humildade diante de Deus e mostrar justiça a todos os homens; não causar mal a qualquer criatura viva, por minha própria vontade ou a mando de outros; a sempre abominar o mal, e prestar auxílio com retidão e justiça; devotar fidelidade a todos os homens, particularmente àqueles que sejam meus superiores em sabedoria; e, ao ser colocado em posição de autoridade, jamais abusarei dos privilégios ou do poder que me for temporariamente outorgado, nem tentarei humilhar outros pela exibição mundana de minha capacidade mental ou física; a verdade sempre terá a minha veneração e me esquivarei dos que se comprazem na falsidade; manterei as mãos limpas de qualquer furto, e manterei a alma livre da contaminação do lucro material; dominarei minhas paixões, e jamais me entregarei à ira ou a qualquer demonstração exterior de emoções malévolas; jamais revelarei as doutrinas secretas de nossa Fraternidade, mesmo com o risco da própria vida, a não ser àqueles que forem dignos; jamais comunicarei essas doutrinas de outra forma que não seja a forma em que foram por mim recebidas; nada acrescentarei ou subtrairei dos ensinamentos, e sempre tentarei preservá-los em



sua prístina pureza, e defenderei a integridade dos livros e registros de nossa Ordem, os nomes dos Mestres, Legisladores e de meus superiores."

Após ter o iniciado alcançado o que poderíamos chamar de quarto grau e ter feito este juramento, era ele admitido à mesa comunal para participar da única refeição simbólica do dia, quando a meditação e a contemplação, assim como a discussão dos problemas do trabalho, formavam uma parte do período em questão.

É interessante notar que toda a alimentação dos Essênios era preparada de acordo com regras e regulamentos contidos nos documentos antigos, de modo científico, porém simples; embora fossem usadas verduras e muitas formas de alimentos crus, não é verdade que a carne fosse proibida. Nunca ocorria qualquer forma de excesso no comer ou banquetes e, certamente, as regras da moderação em todas as coisas também eram aplicadas ao comer e beber; por isto não havia embriagues nem gula.

Os Essênios raramente participavam de discussões públicas, e nunca participavam de discussões sobre religião ou política. Geralmente se mantinham calados enquanto os outros falavam, e o silêncio era, aparentemente, o seu lema. Eram bem treinados no uso da voz e entoação de encantamentos, e conheciam tão bem o valor dos sons vocálicos que, através de treinamento, adquiriam uma voz suave, mesmo em conversações comuns. Por este motivo, eram conhecidos como os homens de fala suave.



É muito natural que os Essênios tivessem adquirido não só uma personalidade magnética, mas também um corpo sadio, roupas limpas e hábitos salutareos, mas também que tivessem desenvolvido auras tão belas que em muitas ocasiões se tornavam visíveis aos profanos, o que confundia principalmente os judeus, que desconheciam o desenvolvimento da natureza mística, muito embora suas tradições e sua religião contivessem muitas leis místicas maravilhosas que eles não aplicavam de maneira prática.

Todos os Essênios costumavam lavar as mãos e os pés ao entrarem em suas casas ou na casa de outras pessoas, e também purificavam os pés e as mãos antes de qualquer cerimônia e de cada prece diária. Em seus lares individuais, eles passavam longo tempo diante do altar em seu sanctum, ou estudando manuscritos e livros raros, os quais circulavam entre eles de acordo com seu grau de progresso. Eram especialmente bem versados em astrologia, astronomia elementar, história natural, geometria, química elementar e alquimia, religião comparada, misticismo e leis naturais.

Os que eram médicos, na organização, evidentemente despertavam a curiosidade dos povos da Palestina acostumados aos métodos de cura daquela terra, os quais incluíam sortilégios, encantamentos pronunciados com voz aguda, a recitação de fórmulas misteriosas, instrumentos grosseiros e o uso de drogas poderosas. Os Essênios, por sua vez, falavam suavemente com os pacientes e usavam certos sons vocálicos sem qualquer evidência de representarem uma fórmula, e, freqüentemente, faziam as maiores curas pela



simples oposição de mãos ou instruindo o paciente a retirar-se para o silêncio do lar e dormir, enquanto a cura era conduzida metafisicamente.

Todos os Irmãos Essênios e as mulheres a eles associadas prometiam educar seus filhos de acordo com os ensinamentos e princípios que constituíam a base da crença essênia, e a criar cada filho dentro do escopo da organização até o décimo segundo ano de vida, quando a criança era aceita condicionalmente até completar vinte e um anos, época em que os varões eram admitidos ao primeiro grau, atingindo o quarto grau por volta dos trinta e quatro anos. As mulheres eram admitidas como membros associados aos vinte e um anos, e permaneciam nessa categoria pelo resto de suas vidas, se provassem ser dignas por seu modo de viver.

Apenas ocasionalmente um Essênio recebia permissão para falar publicamente ou fazer milagres em público, e mesmo assim não com fins de demonstração, mas apenas como prestação de um serviço. Aqueles dentre os Essênios que tinham passado pelo maior número de encarnações e por isto eram mais evoluídos, eram escolhidos como líderes e, dentre eles, um era escolhido em cada ciclo para sair pelo mundo e organizar o trabalho essênio em uma nova terra.

Os Essênios esperavam ansiosamente pela vinda de um grande Salvador que nasceria dentro da organização, e seria a reencarnação do maior de seus líderes do passado. Através de seu conhecimento altamente



desenvolvido e do contato íntimo com o Cósmico, eles estavam bem informados sobre os acontecimentos futuros; a literatura da Fraternidade Essênica e a literatura de muitos países contêm referências à existência de profetas entre os Essênios. Manem, por exemplo, foi um de seus profetas, famoso por profetizar que Herodes se tornaria rei.

Ao que parece, havia um regulamento ou lei não escrita, entre os Essênios, segundo a qual nenhum membro deveria se dedicar a qualquer tarefa diária que fosse destrutiva, mas, sempre construtiva. Assim, verificamos que a lista de Essênios proeminentes inclui tecelões, carpinteiros, viticultores, jardineiros, mercadores, e os que contribuía para o bem-estar do público. Nunca existiu na organização o armeiro, o açougueiro ou aquele que se dedicasse a qualquer prática ou negócio ligado à destruição do menor ser vivo.

Deve estar claro aos leitores que a Fraternidade Essênica pareceria ter sido uma das seitas da Palestina e que, portanto, deveria ser classificada como tal pelos judeus e pelas autoridades governamentais. É por isto que freqüentemente encontramos, em registros recentemente descobertos, referências aos Essênios como uma das seitas da Palestina. Seria natural, para os judeus, considerar os Essênios como organização religiosa ao invés de fraternal ou mística, e, sem dúvida, como uma organização contrária às práticas e doutrinas judaicas. Em tais condições, nada mais natural que os Essênios estabelecessem seus lares em certas comunidades onde viviam seus iguais,



onde poderiam encontrar o companheirismo que viesse fortalecer seus interesses.

Os Essênios não eram judeus por nascimento, raça ou religião e freqüentemente foram chamados Gentios em muitos escritos sagrados, inclusive na Bíblia Cristã.

NOTA DO EDITOR: Evidências que reforçam o teor da atividade cultural dos membros da Fraternidade Essênica foram apresentadas em um relatório publicado no New York Times de 2 de abril de 1953. O mesmo se refere à descoberta de importantes manuscritos às margens do Mar Morto, 25 milhas a leste de Jerusalém. Dele retiramos a seguinte citação: "O arqueólogo (G. Lankester Harding, Diretor de Antigüidades, na Jordânia) disse que os pergaminhos foram encontrados há vários meses em uma caverna próxima às ruínas de uma colônia hoje conhecida pelo nome de Khirbet Qumran. Ele acrescentou que parecia bastante certo que a colônia havia sido um lar dos Essênios há cerca de 1.900 anos e que os pergaminhos provieram de sua biblioteca, tendo sido escondidos na caverna provavelmente por motivos de segurança." Esta nova descoberta inclui documentos até agora desconhecidos (Apócrifos) e "descrições da conduta e da organização dos Essênios... que viveram na Palestina do segundo século a.C. até o segundo século d.C. Os Essênios se distinguiam por seu estrito ascetismo e por características como a posse comunal da propriedade, a prática da caridade e a busca da virtude".



CAPÍTULO II: OS VIZINHOS DE JESUS

Para melhor compreendermos a magnitude do advento do Mestre Jesus, devemos ter uma idéia das condições dos povos que habitavam o país onde Ele nasceu, e com os quais teve de entrar em disputa no início de Sua missão.

Em primeiro lugar, a Palestina não era um país de um só idioma, com os objetivos que costumam unir as pessoas pelos laços do interesse mútuo. Era, ao contrário, uma terra de muitas nações, muitas línguas e muitos interesses diferentes entre si. Era uma terra onde vivia uma mistura de povos hostis, cujos interesses não eram apenas diferentes, mas tão divididos e opostos que a paz e a harmonia entre eles era impossível. Os que pertenciam à fé judaica não eram todos hebreus, e os que o eram pertenciam a um grupo humano, a uma nova raça, que se originara ao tempo do Êxodo do Egito. Entre estes hebreus havia muitos em cujas veias corria sangue ariano, em consequência de casamentos inter-raciais; por isto, existiam numerosas castas. Entre os hebreus, como entre os seguidores da fé judaica, havia alguns que não reconheciam outros da mesma fé, e acreditavam que Deus havia ordenado as distinções por eles próprios estabelecidas.

Em meio a esses povos havia os pagãos, cujos templos se multiplicavam e cujos rituais e costumes estavam se tornando predominantes.



Ao nordeste viviam os nômades, povos selvagens que viviam sem restrições ou leis, mas a grande maioria dos povos daquela parte do país se compunha de sírios, gregos e pagãos. A leste e oeste da Palestina, os ritos egípcios, gregos e fenícios, lutavam pela supremacia, e na parte central, bem no coração da Palestina, prevaleciam a língua e os ritos gregos.

Na parte setentrional, conhecida como Alta Galiléia, viviam povos denominados gentios. Tiberíades era totalmente não-judaica. Gaza tinha sua divindade própria. Jafa havia sido influenciada por uma religião paga, segundo os judeus. Cesaréia era uma cidade essencialmente paga e simbolizava Roma para os judeus - a Roma de Edom - e deveria ser destruída, pois Cesaréia e Jerusalém, segundo o ponto de vista dos judeus, não podiam existir simultaneamente.



As classes cultas de toda a Palestina falavam o grego. A língua das tribos de Israel havia passado por uma grande mudança. O antigo hebraico tinha cedido lugar ao dialeto aramaico, a não ser nas academias e escolas de teologia.

Os rabinos da religião judaica afirmavam que a única e verdadeira terra de Israel era a parte que ficava imediatamente ao sul de Antiórquia. Mas, singularmente, foi ali que a primeira igreja dos gentios foi organizada e surgiram os primeiros discípulos cristãos.



A Palestina, e especialmente Jerusalém, eram indubitavelmente pagas pouco antes da chegada do Mestre Jesus. Embora seja verdade que a religião judaica estivesse bem estabelecida, ela com certeza não abrangia as massas nem era praticada por todos os que ocupavam os mais altos escalões do poder.

O próprio judaísmo representava um grande problema na época. Os fariseus e saduceus eram as outras duas seitas mais numerosas, se é que podemos considerar os Essênios como uma seita do ponto de vista judeu; mas ambas defendiam dois princípios opostos, enquanto que os Essênios, naturalmente, não participavam nem de uma nem de outra.

Havia um sentimento comum que unia todos estes povos da Palestina em uma só emoção unânime. Os importantes e os humildes, os cultos e os ignorantes, os ricos e os pobres, os pagãos, os judeus, os cidadãos comuns e os governantes, todos estavam unidos pelo intenso ódio aos gentios.

No mundo financeiro, os hebreus representavam a riqueza e a influência das diversas nações; todas as transações financeiras e os grandes negócios comerciais estavam em suas mãos. As mercadorias do Extremo Oriente passavam pela Palestina através dos portos fenícios, onde rotas de navios pertencentes aos judeus estavam sempre de prontidão para transportar bens a outras partes do mundo. Os judeus, comerciantes e banqueiros, estavam bem atentos ao valor desta situação e por sua influência financeira detinham



um considerável poder também no mundo da política. Tinham condições de descobrir segredos de estado e ocupar os postos civis e militares de outras nações gentias, o que lhes permitia manipular as complexidades da diplomacia, com o objetivo de assegurar os interesses dos hebreus.

Devo lembrar que os judeus ou hebreus ortodoxos eram hospitaleiros para com seus compatriotas, sendo esta hospitalidade considerada uma grande virtude; quanto aos estrangeiros, especialmente os gentios, eles dispensavam um tratamento totalmente oposto, em todas as ocasiões.

Os que viviam em Jerusalém, então a mais avançada cidade da Palestina, tinham agentes especiais e correspondentes em todas as partes importantes do mundo; cartas eram levadas de Jerusalém a muitas outras cidades por mensageiros e mascates. Os judeus ricos davam verdadeiras fortunas para apoiar e defender a fé judaica, considerando tais doações como investimentos que trariam grandes lucros. Os hebreus tinham seus próprios governantes na maioria das cidades, e recebiam os mesmos direitos de cidadania dos romanos e os direitos dos cidadãos asiáticos, além de privilégios especiais que exigiam por terem sido instruídos por seu Deus para gozarem desses privilégios, visto que eram o povo escolhido de Deus. Os direitos de cidadania romana lhes permitiam ter um governo civil próprio, independente da jurisdição dos tribunais das cidades onde viviam. Gozavam de ilimitada liberdade religiosa e dos privilégios religiosos que eles mesmos negavam aos nativos de sua própria terra e que não pertencessem à sua fé.



A classe dominante dos hebreus se tornava ofensiva aos demais cidadãos porque fechava suas lojas no sábado e saía a passear em trajes suntuosos, numa atitude marcante de desprezo e desgosto por tudo o que a cercava. Os membros dessa classe tinham o desejo secreto de converter ao judaísmo as esposas e parentes do sexo feminino de todos os homens que tivessem poder, influência e riqueza, pois, através dessas conversões poderiam exercer influência a favor dos interesses de Israel; era do conhecimento comum que o objetivo final deste proselitismo era a total aniquilação dos gentios na Palestina.

Nas sinagogas, locais de reunião da classe dominante dos hebreus, a separação de classes era estritamente observada, sendo as mulheres consideradas incapazes, quanto a exercer qualquer posição na igreja. Esta atitude para com as mulheres está retratada em muitas passagens da liturgia judaica usada nas sinagogas, quando a ação de graças é expressa da seguinte forma: "Bendito sejas, meu Senhor e meu Deus, que não me fizeste mulher." As mulheres eram consideradas criaturas sem alma, não podiam desenvolver qualquer grau de espiritualidade, sendo, portanto, incapazes de se tornarem angelicais. É sempre interessante, para os ocidentais que viajam pelos países do Oriente, verificar que todas as estátuas de anjos são do sexo masculino. Esta idéia da mulher sem alma se manteve em todas as línguas latinas, nas quais a palavra "anjo" é sempre masculina. Nenhum rabino se permitiria conversar com



uma mulher sobre problemas religiosos, nem discutir com ela qualquer assunto espiritual.

Secretamente, ou em silêncio, os judeus ou os ortodoxos de Israel se ressentiam porque o centro do poder fora arrebatado da Judéia e o povo escolhido de Deus se encontrava sujeito ao governo de Roma. Esta era uma humilhação que os judeus esperavam desfazer. Israel aguardava esperançosa o dia em que seu povo subiria ao poder e o "Rei da Glória" apareceria para de novo restabelecer o poder e o reinado de Israel.

Assim, Israel aguardava. Em silêncio e com emoção contida, os fiéis esperavam a chegada do grande dia.

Em minha recente viagem ao Egito, senti a mesma emoção controlada nos egípcios. Ao vê-los moverem-se em silêncio, com expressão fria e destituída de emoção em seus rostos, contendo-se para não falarem dos dias que já foram e dos dias que virão, era possível sentir que, internamente, havia uma grande chama, à espera de apenas um sinal para explodir em uma conflagração capaz de varrer todo o país. Os egípcios também aguardam hoje o dia em que o grande poder e iluminação que vivem em suas tradições e arquivos secretos os tornará os poderosos governantes de sua própria terra. Por ser tão fácil sentir a possibilidade de uma grande conflagração naquela terra, podemos compreender e apreciar a condição existente na Palestina na época do nascimento de Jesus. A inquietação havia tomado conta do povo, que sentia o



jugo em seu pescoço, que sabia que era mantido escravizado, e que só suportaria por mais um pouco de tempo.

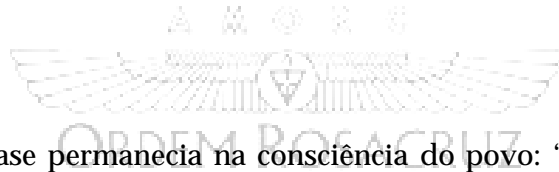
Do ponto de vista sociológico, os vícios e práticas degradantes haviam se popularizado entre as massas, com os padrões morais bem próximos da licenciosidade. Até nos tribunais havia intriga e crime. O poder governante estava dividido entre duas classes, a nobreza e o clero. A nobreza só buscava a gratificação mais baixa dos sentidos, tentando manter-se dentro da lei apenas o suficiente para lhes permitir alcançarem seus propósitos egoístas. A maioria dos nobres professava pertencer à seita dos saduceus. Por outro lado, a classe sacerdotal dos fariseus, conhecidos como "os puros, os separados", porfiava constantemente em seu determinado esforço de manter o poder e impor a estrita aderência à letra de suas leis. Os saduceus eram seus inimigos, especialmente quando eram favorecidos por qualquer tipo de cargo ou posição.

As massas eram oprimidas e mantidas na ignorância de sua verdadeira condição; mas acreditavam haver uma possibilidade de se sublevarem pela vinda de um grande líder. Não é de surpreender que essas pessoas, em sua maioria incultas e inexperientes, aderissem a qualquer movimento que lhes permitisse livrar-se dos grilhões ou lhes desse oportunidade de subir a alturas que eles apenas sentiam em sonhos. Por conseqüência, os incultos e desfavorecidos seguiam líderes e princípios que os colocavam em situação grave e de grande desapontamento. A grande esperança era a de que o esperado Messias modificasse essa situação de sofrimento,



estabelecendo a coesão e união do povo de Israel. Como isto ocorreria ninguém sabia: somente os pretendentes que encabeçavam os falsos movimentos tentavam dar uma explicação.

A Casa de Davi, da qual viria o verdadeiro líder do povo de Israel, há muito havia passado para mãos estrangeiras. Os altos sacerdotes dentre os quais poderia surgir um grande Messias, só eram judeus pelos cargos, pois politicamente eram romanos e gregos, e, por seu nascimento, tudo podiam ser, menos membros da grande Casa de Davi. Assim sendo, o grande Salvador que os lideraria na libertação, como havia feito Moisés, não poderia vir através da linhagem daqueles que estava à testa da nação, nem através dos luminares do clero.



Uma frase permanecia na consciência do povo: “Dentre meus irmãos escolherei um que guiará meu povo”!



CAPÍTULO III: OS PAIS DE JESUS

Não se pode considerar adequadamente o nascimento e a infância de Jesus sem primeiro conhecer seus pais e a relação destes com os fatos místicos envolvidos. Por isto, permitam-me expor primeiro os fatos importantes, comprovados por nossos registros, e depois apresentar as provas a eles referentes.

Jesus nasceu de pais gentios em cujas veias fluía sangue ariano e em cuja mente e coração haviam sido implantados os ensinamentos da Fraternidade Essênia, bem como os mais secretos ensinamentos da Grande Fraternidade Branca. Esta é uma declaração simples e definida, tal como se encontra nos registros Rosacruz.

Encontramos a confirmação disto na Bíblia Cristã, no Talmude e em muitas obras fidedignas. Os pais de Jesus viviam na Galiléia. Não é possível discutir este ponto, o que significa que eles eram galileus no completo sentido da palavra. Nossas primeiras considerações, portanto, devem se voltar para a Galiléia e para os galileus.

Em São Mateus IV:15, encontramos: "A Galiléia dos gentios". Por estranho que pareça, a média dos estudiosos da Bíblia dá pouca importância a esta expressão, perdendo de vista seu importante significado. O próprio Jesus



era chamado O Galileu. Por isto, devemos considerar Jesus como tendo sido classificado por Seu próprio povo, ou pelo menos pelo povo da Palestina, como alguém que não era igual. Isto nos autoriza a investigar a situação real e descobrir por que os galileus eram gentios, e por que haviam gentios vivendo na Galiléia.

Em Macabeu I, 5:15, lemos que mensageiros da Galiléia, muito angustiados e com as roupas rasgadas, vieram a Judas Macabeu e contaram que "As gentes de Ptolemaida, de Tiro, de Sídon e de toda a Galiléia dos gentios se haviam unido para nos aniquilar." E Judas disse a Simão, seu irmão, que escolhesse certos homens para ir à Galiléia resgatar os judeus que lá estavam, para que não fossem perseguidos pelos gentios. Simão levou três mil homens para a Galiléia, onde lutou muitas batalhas contra os "pagãos", após o que os judeus que viviam na Galiléia, com suas mulheres e filhos, foram trazidos em segurança para a Judéia.

Este episódio mostra de imediato as condições que existiam em parte da Palestina, e como os judeus ortodoxos consideravam os galileus, não só como gentios, de diferente raça e religião, mas como inimigos de seus melhores interesses.

A transferência dos judeus que viviam na Galiléia, acima referida, foi feita no ano 164 a.C. Mais ou menos na mesma época, Judas Macabeu salvou



seus irmãos que viviam entre os "pagãos" no norte do país (a leste do Jordão), trazendo-os todos para Jerusalém.

De acordo com esta narrativa, e muitas outras, havia judeus na Galiléia muito depois do ano de 164 a.C. Isto dignifica que a Galiléia continuou a ser uma nação de "gentios" até 103 a.C., quando Aristóbulo, neto de Simão, e primeiro rei dos judeus (Macabeus), forçou todos os habitantes da Galiléia a adotarem a circuncisão e a lei mosaica.

Vemos, portanto, que os gentios que habitavam a Galiléia, inclusive os pais de Jesus, eram de sangue ariano, gentios por classificação religiosa natural, místicos pelo pensamento filosófico e judeus por imposição. Em outras palavras, os gentios da Galiléia, após o ano 103 a.C. foram forçados a adotar a circuncisão e respeitar a lei mosaica, segundo a qual todas as crianças, a uma certa idade, tinham de aceitar a fé judaica de modo formal, comparecendo à sinagoga para serem admitidas em caráter probatório. Se esta combinação de circunstâncias for mantida na mente do leitor, permitirá que compreenda muitas declarações estranhas existentes na literatura sacra.

Nas inscrições cuneiformes de Tiglatpileser, há uma referência à conquista da Galiléia, a qual é geralmente mal compreendida, como o são muitas afirmações sobre a Galiléia, pois poucos sabem que a Galiléia também é citada como a terra de Hamath.



Este mesmo nome, Hamath, é usado no Antigo Testamento, mas parece que os modernos estudantes dos escritos antigos não reconheceram nesta palavra o nome da antiga capital da Galiléia. Entretanto, fica o registro de que Hamath é a famosa fonte termal, localizada a meia hora de Tiberíades, na costa oeste do Mar da Galiléia.

No Antigo Testamento, podemos ler a respeito da "entrada para Hamath", sempre se referindo a partes da fronteira norte da Palestina. Trata-se do Wady Alhammans (passo Alhammans) perto de Magdala, três milhas ao norte de Tiberíades, onde nasceu Maria Magdalena. Em outras partes da Bíblia lemos que o rei de Hamath, que mandou seu filho saudar Davi, era galileu; os armazéns ou silos que Salomão mandou construir em Hamath estavam situados perto do Mar da Galiléia.

A verdadeira grafia deste nome é Hammoth, ou Hammath, sendo a forma assíria Hammati, que significa "fonte termal". Muitas outras citações podem servir para demonstrar que Hamath ficava na Galiléia. Poderemos verificar, por outras referências, que um grande número de assírios foram enviados a Hamath como colonos, sendo que outras referências nos revelam que os assírios eram todos arianos. O próprio Sargão II nos conta de que forma deportou um potentado da Média para Hamath, com todos os seus parentes.



Foi por causa desse núcleo de arianos nas vizinhanças da Galiléia e da raça de arianos que surgiu naquela comunidade, que os arianos do Egito pertencentes à Grande Fraternidade Branca e à organização essênica mandaram seu povo para o norte da Palestina, para viver nas praias da Galiléia e se associar com pessoas de sua própria raça. Também existem muitas anotações históricas nos registros egípcios, especialmente nos antigos registros da Grande Fraternidade Branca, indicando que havia um relacionamento bastante íntimo entre os arianos da Galiléia e os arianos do Egito.

Nossos registros também mostram que, ao tempo do nascimento de Jesus, os galileus falavam uma língua que não era o hebraico. Já é sabido há muitos séculos, pelos estudantes de literatura sacra, que o Mestre Jesus falava outra língua além do hebraico, havendo indicações de que falava vários idiomas. Estas indicações vêm intrigando os estudiosos da literatura sacra, havendo muitas especulações sobre o assunto entre as autoridades. O consenso entre estas autoridades é o de que Jesus apresentou a maioria de Suas parábolas e ensinamentos ao povo em aramaico, e também acreditam ter Ele usado alguma outra língua que não era o hebraico. Nossos registros indicam claramente que Ele usava o grego e o aramaico em discursos e conversas gerais, só usando o hebraico quando falava com pessoas que não entendiam as outras línguas. A maioria de Suas belas e poéticas parábolas e seus discursos foram feitos ou em aramaico em grego. Mais tarde revelaremos de que forma Jesus aprendeu a língua grega. Encontramos o emprego de expressões estrangeiras



nas palavras de Jesus, em versículos da Bíblia como os de Marcos V:41, Marcos VII.34, Marcos XIV :36 e em muitas outras passagens.

O dialeto galileu era uma fonte inesgotável de caçadas para os judeus. Pedro também era da Galiléia e de raça gentia; em Mateus XXVI :73, verificamos que alguém disse a Pedro: "Tu certamente és também um deles, pois, de fato, o teu dialeto te trai." Muitas anotações históricas indicam que os judeus sabiam quem era galileu, porque esses gentios não conseguiam pronunciar corretamente os sons guturais semíticos.

O que acabamos de relatar representa apenas parte de centenas de fatos que poderiam ser apresentados para demonstrar que os pais de Jesus eram gentios e falavam uma língua que não era a judaica. Isto nos faz imediatamente questionar a genealogia exaustivamente apresentada na Bíblia para provar que Jesus era descendente da Casa de Davi. Esta genealogia é apresentada na Bíblia por dois autores diferentes, e as gerações apresentadas por ambos não concordam entre si. Além desta discrepância, a genealogia é apenas uma tentativa por parte dos admiradores e seguidores posteriores de Jesus para fazer parecer que Ele descendia da Casa de Davi, tal como era esperado pelos judeus. Devemos ter em mente que em nenhuma ocasião de Sua vida Jesus se referiu a seus ancestrais, nem deu a entender aos judeus que Ele era o Messias da Casa de Davi que eles tanto aguardavam. Também nada encontramos em registros históricos contemporâneos, ou entre os registros judaicos autênticos, que indique que, durante a vida de Jesus ou nos primeiros cem anos após o seu



tempo, os judeus ou quaisquer outros acreditassem em Jesus como descendente da Casa de Davi. Exatamente quando a genealogia que tentava introduzir esta ligação foi preparada e introduzida nos escritos sagrados não se sabe, mas certamente foi uma adição bastante posterior.

Agora devemos passar a tratar de outra fase da história dos pais de Jesus e Dele mesmo. Em grande parte da literatura cristã Jesus é chamado de Nazareno, sendo comum acreditar-se que Jesus nasceu ou passou a maior parte de Sua vida em Nazaré. É estranhável que os estudiosos da literatura bíblica, especialmente os que escreveram tão exaustivamente sobre a vida de Jesus, apresentando em seus ensinamentos e preleções os detalhes pitorescos de Sua vida, nunca tivessem dado a devida atenção no título de Nazareno nem investigado a sua significação. Todas essas autoridades, escritores e professores presumiram que, sendo Jesus chamado de Nazareno, deveria ser [da cidade chamada Nazaré, e que, visto que Ele e Seus pais viveram na Galiléia, a cidade de Nazaré deveria estar localizada naquela região. Com base neste raciocínio, afirma-se, de modo geral, que Nazaré foi a cidade natal dos pais de Jesus, e que Nazaré, na Galiléia, foi o lugar onde Jesus passou sua infância.

Estive recentemente em Nazaré e fiz exaustivas pesquisas com o propósito de comprovar as declarações conluias nos registros Rosacruz; a maioria de meus leitores ficará provavelmente surpresa em saber que, ao tempo em que Jesus nasceu, não havia cidade ou vila na Galiléia com o nome de Nazaré, e que a cidade que hoje traz este nome, na Galiléia, não só é uma cidade



recente, mas também veio a ter este nome por causa da insistência dos investigadores em encontrar alguma localidade que tivesse o nome de Nazaré, na Galiléia.

Em primeiro lugar, devemos tornar claro que o título de Nazareno não queria dizer que a pessoa que o tivesse fosse de uma cidade chamada Nazaré. O título de Nazareno era dado pelos judeus a pessoas estranhas que não seguiam sua religião e que pareciam pertencer a um culto ou seita secreta que existira ao Norte da Palestina por muitos séculos; podemos verificar na Bíblia Cristã que o próprio João Batista era chamado de Nazareno. Também encontramos muitas outras referências a pessoas conhecidas como nazarenos. Em Atos XXIV:5, encontramos um homem qualquer sendo condenado como provocador de uma rebelião entre os judeus em todo o mundo, e sendo chamado de "líder da seita dos nazarenos". Sempre que os judeus entravam em contato com alguém em seu país que fosse de outra religião, e especialmente se tivesse uma compreensão mística das coisas da vida e vivesse de acordo com um código ético ou filosófico diferente do judaico, chamavam-no de Nazareno por falta de um nome mais adequado.

Existiu realmente uma seita chamada Os Nazarenos, citada nos registros judaicos como uma seita de Primitivos Cristãos ou, em outras palavras, aqueles que eram essencialmente preparados para aceitar as doutrinas cristãs. De fato, os enciclopedistas e autoridades judaicas parecem concordar em que o termo Nazareno abrangia todos os cristãos que haviam nascido



judeus, que não desejavam ou não podiam abrir mão de seu antigo modo de vida, mas que tentavam ajustar as novas doutrinas às antigas. As enciclopédias judaicas também afirmam ser bastante evidente que os Nazarenos e os Essênios tinham muitas características em comum, e mostravam, portanto, tendência para o misticismo. Os Essênios e Nazarenos, na verdade, eram considerados heréticos pelos judeus cultos, mas existe a seguinte diferença ou distinção no uso destes dois termos: Os Essênios não eram tão conhecidos pela população da Palestina como os Nazarenos; um homem dificilmente era chamado Essênio a não ser por pessoas bem informadas, que conhecessem a diferença entre Essênios e Nazarenos, enquanto que muitos Essênios e membros de outras seitas que levavam uma vida peculiar ou não aceitavam a religião judaica eram chamados de Nazarenos.



São Jerônimo, famosa autoridade bíblica, refere-se ao fato de que em seu tempo ainda existia entre os judeus, em todas as sinagogas do Oriente, uma heresia condenada pelos fariseus, cujos seguidores eram chamados de Nazarenos. Ele disse que estes acreditavam que Cristo, o Filho de Deus, havia nascido da Virgem Maria, havia sofrido sob Pôncio Pilatos e ascendido aos céus. "Mas," disse São Jerônimo, "embora pretendessem ser ao mesmo tempo judeus e cristãos, não eram nem uma coisa nem outra."

Consultando as mais altas autoridades da Igreja Católica Romana, vemos que o título de Nazareno, aplicado ao Cristo, só ocorre uma vez na versão da Bíblia feita por Douai, e esta autoridade declara que o termo "Jesus



Nazareno" foi uniformemente traduzido como "Jesus de Nazaré", o que representa um erro de tradução, sendo a forma correta "Jesus, o Nazareno." Em nenhuma parte do Antigo Testamento existe a palavra Nazaré descrevendo uma cidade existente na Palestina, mas no Novo Testamento encontramos referências a Jesus regressando a uma cidade chamada Nazaré. Estas referências resultam da tradução da frase "Jesus voltando aos Nazarenos" para "Jesus retornando a Nazaré." Um ponto interessante é reforçado pelas autoridades católicas romanas, que dizem que Jesus, embora fosse comumente chamado de Nazareno, não pertencia absolutamente àquela seita.

Reunindo os registros judaicos e católicos romanos e comparando-os com as informações contidas em nossos próprios registros, verificamos que os nazarenos constituíam uma seita de judeus que, embora tentasse seguir os antigos ensinamentos judaicos, acreditava na vinda do Messias, que nasceria de maneira singular e seria o Salvador de sua raça. Depois de iniciado o ministério de Jesus, esses Nazarenos aceitaram Jesus como o Messias e também as doutrinas que Ele pregava, ao mesmo tempo que continuavam a tentar seguir muitos fundamentos de sua religião judaica. Os registros judaicos afirmam que os Nazarenos rejeitaram Paulo, o Apóstolo dos Gentios, e que alguns Nazarenos só exaltavam em Jesus o fato de ser um homem justo.

Outro termo para esses heréticos judeus era "Nazarita". De acordo com as autoridades judaicas, o termo Nazarita foi aplicado àqueles que viviam à parte ou separados da raça judia, por causa de alguma crença ética, moral ou



religiosa distinta. Os registros judaicos dizem que essas pessoas eram, freqüentemente, as que não bebiam vinho ou qualquer bebida feita de uvas, ou que não cortavam o cabelo, ou que não tocavam nos mortos durante qualquer cerimônia fúnebre. Os mesmos registros nos dizem que a história ou origem da seita nazarita na antiga Israel é obscura. Afirmam também que Sansão era nazarita, como o fora sua mãe, e que a mãe de Samuel prometera dedicá-lo à seita dos naziritas. Os registros judaicos também dizem que era comum os pais dedicarem seus filhos menores à seita nazarita, e afirmam claramente haver referências ao fato de que se falava que Jesus fora dedicado aos naziritas quando ainda estava no ventre de sua mãe. Esses registros judaicos dizem que Lucas 1:15 é uma referência a esta dedicação. A rainha Helena, e Míriam de Palmira são mencionadas como naziritas nos registros judaicos, e muitas outras pessoas famosas na literatura sacra são apresentadas como naziritas.

Está claramente indicado em muitos registros históricos que os termos Nazarita e Nazareno nada tinham a ver com uma cidade ou vila chamada Nazaré. Dissemos que a atual cidade de Nazaré, na Galiléia, recebeu este nome porque tinha de haver um local que se encaixasse naquilo que se entendia como a aldeia onde viveram os pais de Jesus e onde Ele passou a infância. Durante os primeiros séculos depois de Cristo, quando as doutrinas cristãs estavam se formando e os Santos Padres da Igreja Católica Romana e estudiosos de religião em geral buscavam todos os locais históricos ligados à vida de Jesus, incidentes e pontos ligados à vida deste grande homem foram ansiosamente tabulados e



glorificados. Minha recente visita à Palestina deixou bem evidente que este desejo de encontrar locais históricos e sagrados, e de glorificá-los, não se apagou e provavelmente continuará a existir por centenas de anos. O absurdo desta situação se torna aparente quando o turista casual descobre que três, quatro ou cinco locais diferentes lhe são mostrados, nos quais ocorreu um determinado incidente da vida de Jesus.

Houve grandes dificuldades na busca de um lugar que correspondesse ao nome de Nazaré, na Galiléia, visto que nenhuma cidade com este nome fora mencionada no Antigo Testamento, e nenhum dos mapas antigos do tempo do Cristo revelava a existência desse local. Um pequeno povoado chamado "en-Nasira", entretanto, foi localizado bem longe do Mar da Galiléia, e imediatamente rebatizado "Nazaré" e associado à infância de Jesus. A descoberta deste povoado en-Nasira ocorreu no terceiro século depois de Cristo, e desde então passou a ser conhecido pelo nome de Nazaré, embora ainda hoje continuem a faltar quaisquer evidências que justifiquem o uso desse nome. Em Marcos VI:1,2 diz-se que Jesus voltou a seu próprio país e que Seus discípulos O seguiram, e que quando chegou o Shabat, ele começou a ensinar na sinagoga. No quarto verso do mesmo capítulo, Jesus se refere ao fato de que Ele era um profeta em Seu próprio país, entre seus próprios parentes e em Sua própria casa. Essas referências foram interpretadas como sendo relativas a Nazaré, a cidade onde muitos estudiosos da Bíblia acreditam que Jesus nasceu e passou a infância. Ora, se é verdade que Jesus retornou à Sua cidade natal e



pregou na sinagoga para grandes multidões, não poderia ter sido em en-Nasira, ou a chamada Nazaré; mesmo no segundo e terceiro séculos após o nascimento de Jesus, en-Nasira ou Nazaré ainda não tinha uma sinagoga nem era suficientemente grande para possuir qualquer edificação ampla onde multidões pudessem ter ouvido Jesus pregando, nem havia multidões nas vizinhanças, para ouvi-Lo. Portanto, as referências de Marcos à Sua cidade natal não podem ter sido relativas a en-Nasira. En-Nasira era tão-somente um povoado em torno de um poço chamado na época de "poço da casa da guarda", embora, segundo descobri, tenha sido chamado, nos últimos anos, de "Poço de Santa Maria". Esta mudança de nome e a atribuição de significado religioso a um local sem importância da Palestina é bem típica das modificações que estão sendo feitas naquele país para agradar os turistas.



Procurando nos registros judaicos, vemos que estes confirmam que só nos livros do Novo Testamento, escritos muito após a vida de Jesus, há menção de Nazaré como uma cidade da Galiléia, e que este local não é mencionado no Velho Testamento, nos escritos históricos de Josefo nem no Talmude. Durante a vida de Jesus, a cidade de Jafa era a mais importante na Galiléia, sendo a que mais atraía os viajantes e era mais citada nos escritos históricos.

Nos registros da Igreja Católica Romana e nas suas enciclopédias, vemos que o vilarejo en-Nasira era conhecido estritamente como um povoado judeu até o tempo de Constantino, havendo referências de ser habitado



totalmente por judeus. Esta pequena aldeia, em volta de um poço, portanto, não poderia ter sido o centro da população gentia da Galiléia. Hoje em dia há uma pequena igreja ou capela em Nazaré, a qual visitei, supostamente erigida sobre a gruta onde Maria e José viviam no tempo da anunciação, quando o arcanjo revelou a Maria o iminente nascimento da encarnação do Logos.

Todos os fatos acima apresentados indicam claramente que José, Maria e a criança, eram considerados como Nazarenos ou Nazaritas, junto com muitos outros de sua localidade, ou seja, pessoas pertencentes a uma seita não-judaica. Muitas outras referências a esta seita mostram claramente que a mesma defendia pontos de vista religioso e místicos que mereceram ser aceitos como fundamentos da doutrina cristã. Levando isto em consideração temos de imediato um quadro interessante das condições existentes na Palestina e arredores, pouco antes da era cristã. Primeiro, temos um grande número de homens, mulheres e crianças, que eram judias por nascimento, gentias por nascimento, ou de várias raças, e se recusavam a aceitar completamente a lei mosaica, somente sendo judias porque as leis da terra as forçavam a adotar a circuncisão e apresentarem-se na sinagoga ao completarem doze anos, e só seguiam os ensinamentos judeus no que revelavam de Deus e de Suas leis e lhes serviam em seus estudos dos princípios divinos. Eram eles preparados por alguma escola ou sistema que os tornava aptos a aceitar os ensinamentos místicos mais elevados, revelados de tempos a tempos pelas mentes evoluídas ou pelos ensinamentos dos Avatares.



Por outro lado, existia uma organização de místicos com o nome de Essênios, a qual se dedicava a muitas formas de atividades humanitárias que incluíam hospitais, casas de socorro e locais que dispensavam cuidados aos pobres e necessitados. O centro norte dos Essênios ficava na Galiléia, entre os arianos, porque tinham sido mandados a esta localidade por sua organização no Egito, a Grande Fraternidade Branca.

Os Essênios não eram muito conhecidos pelo povo, eram quietos e discretos em suas atividades, e só eram reconhecidos pela população por suas vestes brancas. Os Nazaritas, os Nazarenos e os Essênios se misturavam livremente e sem dúvida procuravam exercer suas atividades próprias sem interferirem uns com os outros, embora seja certo que tivessem muitos ideais e propósitos em comum. Os nazaritas e nazarenos, entretanto, eram conhecidos pelo povo, motivo pelo qual todos os que não aceitavam a fé judia ou eram heréticos em suas crenças judaicas eram classificados como Nazarenos e Nazaritas, e não como Essênios.

Essas pessoas, na maioria gentios de sangue ariano de diferentes seitas, que eram Nazaritas, Nazarenos e Essênios, viviam na costa do Mar da Galiléia e seus arredores. Elas também esperavam pela vinda do grande Mestre, do grande Avatar, do grande Messias, que não redimiria apenas a Palestina mas o mundo todo, e traria contentamento para Israel e todos os seus povos. Esses místicos contemplavam, com profunda compreensão, a reencarnação de seus próprios grandes Mestres. Devemos lembrar que a crença na reencarnação não



era uma crença exclusiva desses místicos, classificados como heréticos e gentios, mas também dos mais ortodoxos povos judeus daquele tempo. Isto explica as muitas referências feitas na literatura sacra, inclusive na Bíblia cristã, a um grande homem, um grande mestre, que fora outra pessoa em um outro tempo; isto porque acreditavam que os maiores dentre eles eram grandes por causa da preparação anterior, de uma existência anterior e realizações anteriores. Naturalmente eles esperavam que o novo grande Mestre, o novo redentor do mundo, viesse do passado em um novo corpo e como uma pessoa muito bem preparada para elevadas realizações.

Os registros Rosacruz mostram que cada lar Essênio, Nazareno e Nazarita, tinha um sanctum no qual eram feitas preces e solenes meditações diárias e que, além disto, muitas horas do dia e da noite eram dedicadas a práticas místicas para o desenvolvimento do poder espiritual, o que tornava possíveis os muitos milagres que faziam e o grande trabalho que realizavam entre os pobres e carentes.

Eles eram muito avançados na compreensão da maioria das leis místicas que os Rosacruz e outros místicos de hoje estudam e praticam, e conheciam as potencialidades de certas leis espirituais aplicadas especificamente a um dado propósito. Para eles, milagres como Encarnações de uma natureza Divina e elevada, a vinda de um grande líder em seu meio, por intermédio de leis materiais não-contaminadas, não eram impossíveis, nem



improváveis, e viviam uma vida idêntica à vivida pelos Mestres do Tibete e partes da Índia e do Egito, como a imaginam os místicos de hoje.

Não só José era um Essênio dedicado, e carpinteiro por profissão, de acordo com as regras da organização, mas também Maria, sua esposa, era membro associado. Entretanto, ambos tinham sido obrigados a aceitar a igreja judaica e haviam se identificado com essa fé de modo puramente formal, de acordo com as leis da terra.

Com estes fatos em mente, passemos a analisar agora o interessante tema do nascimento de Jesus.



CAPÍTULO IV: A DIVINA CONCEPÇÃO DOS AVATARES

Esta parte da vida dos Avatares é muito difícil de tratar e de apresentar para os que ainda não alcançaram o elevado grau de compreensão e despertar místicos que trariam naturalmente ao estudante o entendimento da concepção e do nascimento dos Avatares.

Tenho plena consciência de que a história da concepção de Jesus por uma virgem, apresentada pelos cristãos, não é aceita por aqueles que rejeitam as doutrinas cristãs. Na verdade, a versão cristã autorizada, referente à concepção divina é muito difícil de ser compreendida pelo não-iniciado e pelo místico não desenvolvido; certamente parece uma história inverossímil para as mentes analíticas e que não têm conhecimento das leis e princípios místicos ensinados pelos antigos Mestres.

Talvez eu possa me sair melhor do que outros que tentaram, no passado, transformar a fase mística do nascimento de Jesus em uma apresentação apenas parcialmente mística; também é possível que eu fracasse completamente. Acontece que não estou limitado por credos ou dogmas que me obriguem a ater-me a uma versão padronizada; se eu não conseguir fazer o leitor compreender, ou quem sabe apreender, o verdadeiro mistério da concepção de Jesus, será por falta de palavras adequadas que expressem em



termos gerais algo que todo místico compreende interiormente, e também por causa da impossibilidade de alguns leitores lerem nas entrelinhas e tomarem ciência daquilo que não posso reduzir a precárias palavras impressas.

Primeiramente, deverá ser compreendido por aqueles que se acercarem deste grande mistério com a mente aberta e destituída de preconceitos, que Jesus não foi o primeiro grande Mestre, Avatar ou Filho de Deus a "nascer de uma virgem". A versão cristã autorizada da concepção e do nascimento de Jesus apresenta a história como se fosse única e exclusivamente uma manifestação cristã. Se em nenhuma outra época da História dos mensageiros de Deus na terra, ou da realização dos planos de Deus para a redenção do homem em todas as eras e ciclos, tivesse ocorrido um acontecimento semelhante ou uma manifestação semelhante dos grandes poderes místicos do universo, operando na forma de manifestação não usual do Deus onipotente, então o mistério da concepção e do nascimento deste grande homem seria bem mais difícil de explicar e muito mais difícil de compreender.

Para os místicos do Oriente em todas as terras e em todas as épocas, o grande mistério da Virgem e do nascimento espiritual de um Filho de Deus não só é uma possibilidade, mas um fato natural na vida de todo grande Avatar. Cristãos ou estudantes da literatura cristã, na América, acostumados a ouvir o mistério da Concepção da Virgem descrito como um dos problemas de fé, um dos pontos da doutrina onde se desfaz a fé de milhares de cristãos, ficam surpresos, ao viajarem para terras estrangeiras, quando descobrem que pessoas



que nem sequer pertencem à fé cristã, como muçulmanos, hindus, budistas e outros, não têm qualquer dificuldade em aceitar a história de uma concepção e um nascimento divinos e espirituais, acreditando, inclusive, que esta característica de Sua vida é a única que justifica a afirmação de que Jesus foi o grande Redentor e Salvador do mundo. Na verdade, em minha recente viagem por terras onde entrei em contato com pessoas de religiões orientais, verifiquei que a maioria não-cristã se expressava sobre o assunto do seguinte modo: "Se vocês cristãos acreditam que Jesus era Filho de Deus, ou o Mensageiro Divinamente Nomeado para redimir qualquer parte do mundo pela mensagem que trazia, então devem acreditar que Ele foi divinamente concebido e trazido à luz, pois este é o único nascimento aceitável, se Ele foi realmente um Mensageiro Divino." Quando expliquei a essas pessoas que havia cristãos ou estudantes da doutrina cristã que não conseguiam aceitar a idéia da Divina concepção e nascimento, mas que acreditavam ser Jesus um grande Mestre, um Mensageiro Divinamente Nomeado, um verdadeiro Filho de Deus, um Avatar de extraordinária autoridade superior, esses orientais simplesmente sorriram e disseram que este ponto de vista era um absurdo, pois - de acordo com seu modo de pensar nenhum homem humanamente concebido e nascido poderia alcançar um grau de Autoridade Divina capaz de torná-lo o Cristo de seu tempo.

Vemos, portanto, que o grande problema não é o problema relativo ao fato da concepção da Virgem ou da Divina Filiação de Jesus, mas o problema da compreensão humana por parte da consciência do mundo Ocidental em



comparação com a consciência que encontramos no mundo oriental. Em outras palavras, estamos frente a frente com o fato de que não é a validade da afirmação quanto à divina concepção pela Virgem Maria que deve merecer uma meditação séria por parte dos estudantes de misticismo no mundo ocidental, e sim a falta de compreensão por parte de milhões que ainda não alcançaram o devido grau de compreensão espiritual a respeito de leis espirituais em ação por ocasião de acontecimentos tão importantes.

Os orientais de qualquer religião nos apontam o fato de que, no mundo ocidental, estamos tentando resolver um princípio do mundo espiritual com o qual estamos muito pouco familiarizados, e alcançar uma compreensão para a qual não temos o menor preparo. Os místicos de todas as terras concordam em dizer que, enquanto o homem não estiver preparado, pelo desenvolvimento espiritual e pela compreensão das leis maiores, a compreender facilmente e com sublime plenitude a verdade da concepção e do nascimento divino, não está de forma alguma pronto a compreender os ensinamentos e a verdadeira mensagem trazida a este mundo por qualquer grande Avatar, especialmente o último e maior de todos, Jesus, o Cristo.

Isto não significa que é impossível que o estudante sincero das doutrinas cristãs compreenda pelo menos as leis místicas envolvidas na possibilidade da Concepção Divina, mas significa que cada estudioso deve tentar ver e compreender o misticismo que forma a base de todas as doutrinas cristãs. Os Rosacruzes seguem o mesmo ponto de vista dos orientais sobre o



assunto; ou seja, o de que o cristianismo ortodoxo do mundo ocidental de hoje despreza excessivamente o misticismo e os princípios místicos fundamentais para o cristianismo e que constituíram o prístino cristianismo da antigüidade. Em outras palavras, dedicam muito tempo ao significado literal das palavras e à interpretação material dos princípios do cristianismo, o que significa uma negligência quase total quanto ao misticismo puro, o qual torna possível uma compreensão real ou espiritual do cristianismo, tal como era originalmente.

Acrescente-se a relutância por parte do mundo ocidental em aceitar como fatos e possibilidades reais os chamados milagres da Bíblia. Não concordo com autoridades como o falecido William Jennings Bryan e outros, que afirmaram que a tendência científica do nosso pensamento e nossa educação muito científica nos levaram à cegueira quanto às verdades espirituais da Bíblia e da literatura sacra em geral. Não acredito que a ciência materialista seja de qualquer forma responsável pela incapacidade ocidental de compreender as declarações espirituais dos escritos sagrados da Bíblia e de outros livros de outros credos. Acredito, isto sim, que a falta de capacidade da mente ocidental se deve ao estado adormecido do lado espiritual de nossa natureza e a ausência (a não ser nas várias escolas de metafísica e ocultismo do mundo ocidental) de ensinamentos espirituais que nos preparem adequadamente para compreender coisas que são facilmente compreendidas e aceitas completamente pela mentalidade oriental.



Eu afirmei anteriormente que devemos ter em mente que Jesus não foi o primeiro dos grandes mestres mensageiros de Deus a nascer de uma virgem, ou a ser concebido pelo Princípio Divino. Algumas referências a incidentes semelhantes do passado ajudarão os leitores a compreender o que significa a afirmação que fiz.

É tão verdadeiro que Nascimento Divino e Concepções Divinas eram fatos aceitos pelos antigos, que sempre que ouviam falar de alguém que se distinguiu notavelmente nos assuntos humanos, era imediatamente classificado como uma pessoa nascida de linhagem sobrenatural. Mesmo nas religiões pagas, supunha-se que vários deuses haviam descido do Céu e se encarnado como homens. O erudito Thomas Maurice, em seu singular livro *Indian Antiquities*, chega a declarar que "em todas as eras e em quase todas as religiões do mundo asiático, parece haver florescido uma tradição uniforme e imemorial segundo a qual um deus, por toda a eternidade, tinha gerado outro deus".

Posso acrescentar que nossos próprios registros de tradições antigas e escrituras sagradas contêm muitas referências a movimentos religiosos da antigüidade, cujo grande líder era considerado "O Filho de Deus".

A Índia teve um grande número de Avatares ou Mensageiros Divinos, Encarnados por Concepção Divina, tendo dois deles levado o nome de "Christna", ou "Christna o Salvador". Consta que Christna nasceu de uma virgem casta chamada Devaki que, por sua pureza, fora escolhida para se tornar a mãe



de Deus. Neste exemplo, encontramos a antiga história de uma virgem dando à luz um mensageiro de Deus divinamente concebido.

Buda foi considerado por todos os seus seguidores como gerado por Deus e nascido de uma virgem chamada Maya ou Maria. Nas antigas histórias sobre o nascimento do Buda, tais como são compreendidas por todos os orientais e como são encontradas em seus escritos sagrados muito anteriores à Era Cristã, vemos como o poder Divino, chamado o Espírito Santo, desceu sobre a virgem Maya. Na antiga versão chinesa desta história, o Espírito Santo é chamado Shing-Shin.

Os siameses tinham igualmente um deus e salvador nascido de uma virgem e que eles chamaram Codom. Nesta velha história, a bela e jovem virgem fora informada com antecedência de que se tornaria mãe de um grande mensageiro de Deus e, um dia, enquanto fazia seu período usual de meditação, concebeu através de raios de sol de natureza Divina. O menino nasceu e cresceu de maneira singular e notável, tornou-se um protegido da sabedoria e fez milagres.

Quando os primeiros europeus visitaram o Cabo Comorin, na extremidade sul da península do Indostão, surpreenderam-se ao encontrar os naturais do lugar, que nunca haviam tido contato com as raças brancas, cultuando um Senhor e Salvador que fora divinamente concebido e nascera de uma virgem.



E quando os primeiros missionários jesuítas visitaram a China, escreveram em seus relatórios que haviam ficado consternados por encontrarem na religião paga daquela terra a história de um mestre redentor que nascera de uma virgem por concepção divina. Ao que consta, esse deus havia nascido 3468 anos a.C. Lao-Tse, o famoso deus chinês, também nascera de uma virgem, de pele negra, sendo descrita como bela e maravilhosa como o jaspe.

No Egito, bem antes do advento do cristianismo, e muito antes do nascimento dos autores da Bíblia ou de qualquer doutrina concebida como cristã, o povo egípcio já tivera vários mensageiros de Deus nascidos de virgens por Concepção Divina. Hórus, segundo o sabiam todos os antigos egípcios, havia nascido da virgem Ísis, sendo sua Concepção e nascimento um dos três grandes mistérios ou doutrinas místicas da religião egípcia. Para eles, todos os incidentes ligados à Concepção e ao nascimento de Hórus eram pintados, esculpidos, adorados e cultuados como o são os incidentes da Concepção e do nascimento de Jesus pelos cristãos de hoje. Outro deus egípcio, Rã, nascera de uma virgem. Examinei uma das paredes de um antigo templo na margem do Nilo, onde há um belo quadro esculpido, representando o deus Tot — o mensageiro de Deus — dizendo à jovem Rainha Mautmes que daria à luz um Divino Filho de Deus, que seria o rei e Redentor de seu povo.

Ao nos voltarmos para a Pérsia, descobrimos que Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido em plena



inocência, pela concepção de uma virgem. Antigos entalhes e pinturas deste grande mensageiro mostram-no cercado por uma aura de luz, a qual inundava o humilde local de seu nascimento. Ciro, rei da Pérsia, também era tido como nascido de origem divina, e nos registros de seu tempo ele é chamado de Cristo ou Filho ungido de Deus, e considerado mensageiro de Deus.



A serpente era usada como símbolo místico nos antigos escritos sagrado; de várias escolas de religião, sendo freqüentemente usada como emblema da "Palavra" ou "Logos". Neste sentido, tornou-se o símbolo do tentador na queda do homem. A serpente também era o emblema do Espírito Santo ou o Poder que impregnava a vida na virgem. Neste sentido era a encarnação do "Logos". O emblema que aqui mostramos representa a serpente tal como foi esculpida em muitos monumentos antigos, representando o "Logos". Os ofitas também veneraram o mesmo símbolo como emblema de Jesus, o Cristo.



O próprio Platão, nascido em Atenas em 429 a.C. era um Divino Filho de Deus nascido de uma virgem pura chamada Perictione, segundo acreditava o povo em geral. Está escrito em antigos registros que o pai de Platão, conhecido pelo nome de Aris, havia sido advertido por um sonho espiritual a manter pura e sagrada a pessoa de sua esposa, até que ocorresse a Divina Concepção e o nascimento da criança esperada, cuja concepção seria por meios Divinos.

Apolônio, que ainda vivia e fazia grandes milagres e transmitia grandes ensinamentos em várias terras durante a primeira parte da vida de Jesus, também nascera de mãe virgem, de acordo com as histórias a seu respeito, enquanto ele vivia e logo após sua morte. De acordo com essas histórias, em 41 a.C. a mãe de Apolônio fora informada por um deus, em sonho, que daria à luz um grande mensageiro de Deus, que seria conhecido pelo nome de Apolônio.

E por falarmos de famosos mestres e fazedores de milagres que deixaram registros indiscutivelmente autênticos de grandes serviços prestados à humanidade, isto nos faz lembrar que Pitágoras, nascido em 570 a.C., aproximadamente, era honrado como Divino não só enquanto estava vivo mas também após sua morte. De acordo com o que dizem os escritos sagrados a seu respeito, sua mãe o concebera através de um espectro, ou o Espírito Santo, que lhe



aparecera. Seu pai, ou pai adotivo, também fora informado por uma visão de que sua mulher iria ter um filho divinamente concebido, e que este filho se tornaria um benfeitor da humanidade.

A história de Esculápio também é bastante interessante. Ele se tornou um grande fazedor de milagres, um mensageiro que trazia uma mensagem Divina para toda a humanidade, e foi considerado um verdadeiro Filho de Deus. Quando os micenianos decidiram investigar o nascimento de Esculápio, consultaram o oráculo de Delfos, sendo informados de que um Deus invisível ou Espírito Santo do reino Divino era seu pai, que Coronis era sua mãe terrena e que ele havia nascido em Epidauro. De acordo com a história, quando Coronis passou pelo sagrado evento da Divina Conceção, procurou esconder seu estado de seu pai, porque não acreditava que pudesse fazer os seres terrenos compreenderem a estranha ocorrência. Ela então procurou refúgio em Epidauro, onde a criança nasceu meses mais tarde, em um pobre e humilde estábulo de cabras, na montanha. Um pastor de cabras, cujo nome era Aristenes, ao procurar uma cabra e um cão que haviam se perdido do rebanho, descobriu a criança no estábulo e a teria levado para casa se não tivesse percebido, ao aproximar-se do bebê, que sua cabeça estava cercada por raios brilhantes, o que o fez ver que a criança era um Ser Divino. Sua história a respeito do achado se espalhou pela região, e pessoas de todas as partes afluíram ao estábulo para prestar homenagens ao Filho de Deus, trazendo valiosos presentes



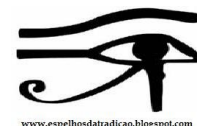
que depositavam aos pés da criança. O menino foi honrado como um deus, não só na Fenícia e no Egito, mas, também na Grécia e em Roma.

Também neste lado do grande oceano as tribos da América do Norte e do Sul tinham deuses supostamente nascidos de maneira Divina. Muito antes da chegada de Colombo, os habitantes do antigo México cultuavam um salvador e redentor do mundo que chamavam de Quetzalcoatl, nascido de uma virgem imaculada, segundo as tradições que os santos padres que haviam acompanhado Colombo descobriram nos antigos escritos esculpido nas paredes dos templos. De acordo com a história, já muito antiga, um mensageiro do céu havia anunciado a sua mãe que ela conceberia um filho por Concepção Divina, e que ele seria o salvador do mundo. Um hieróglifo mexicano relatava a história da Divina Concepção e do nascimento deste deus.

Os maias do Yucatan também tinham um deus nascido de mãe virgem, o qual correspondia a Quetzalcoatl, e se chamava Zama, considerado como o "único filho do Deus Supremo".

Na Nicarágua, no Peru, na Guatemala e outros países, havia outros deuses divinamente concebidos e nascidos de maneira singular.

Acredito ter demonstrado, através destes poucos exemplos escolhidos dentre centenas de outros, todos muito bem confirmados e registrados, que entre os orientais e especialmente os povos cujas religiões tinham uma base mística bem desenvolvida, a idéia da Virgem e do Nascimento



Divino não era uma improbabilidade, e sim uma possibilidade muito bem aceita.

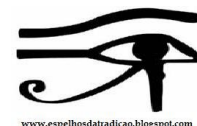
Muitos críticos da história da concepção de Jesus por uma virgem argumentaram que, se Jesus fora concebido e nascido tal como afirmam os registros cristãos, era estranho que nenhum dos escritores contemporâneos, nenhum discípulo e nem mesmo Jesus tivesse feito qualquer referência a este fato durante Sua vida, e que só passados muitos anos de Sua morte se popularizasse a história de seu nascimento. Esta argumentação só teria sentido e razão se o nascimento Divino fosse um caso único e exclusivo de Jesus, ou seja, se Ele tivesse sido o primeiro e o único dos mensageiros de Deus a ser considerado de origem e nascimento Divinos. Mas se levarmos em conta que fazia parte da crença geral dos povos orientais e também do Egito e da Palestina que todo grande Mensageiro, todo Avatar, todo Filho de Deus ordenado por decreto Divino para elevar o nível dos povos de seu tempo, nascia por Concepção Divina, então podemos compreender porque, no caso de Jesus, nem Seus discípulos nem os historiadores consideraram o caso digno de ser ressaltado, de ser tratado com entusiasmo, ou considerado um milagre incomum como o faz a igreja cristã hoje em dia.

Ao examinar os documentos bastante completos sobre os antigos Avatares e Filhos de Deus pré-cristãos que muito influenciaram o desenvolvimento da civilização, temos nos registros Rosacruz e em alguns outros escritos fragmentários que os discípulos e seguidores de cada um desses



Avatares ou mensageiros gastavam mais tempo e esforço para registrar os ditos, ensinamentos e demonstrações dos Avatares, mostrando pouca preocupação em registrar os acontecimentos ligados a seu nascimento ou transição. Mesmo nos vários casos em que a concepção Divina e o nascimento Divino desses Avatares pré-cristãos de várias terras são registrados, as frases são breves, concisas e, com freqüência, meramente incidentais na história que está sendo contada. Os fatos relativos ao nascimento de uma Virgem são tratados sumariamente, como se fossem de importância secundária e devessem ser simplesmente aceitos pelos leitores da vida desses Avatares. Em nenhum caso encontramos evidências de que os discípulos e seguidores dos Avatares consideravam a concepção e o nascimento Divinos como motivo de adoração e culto, como ocorre hoje no caso dos ensinamentos cristãos. Com grande freqüência, as passagens referentes a esses nascimentos miraculosos eram feitas com a mesma brevidade com que hoje em dia comentamos que um grande homem nasceu nesta ou naquela data, na certeza de que todos nascem, que devem nascer em algum lugar, da maneira que se adapta à sua raça e às condições do país onde se deu o acontecimento.

Estou certo de que, uma vez considerados estes dados, aqueles que até agora se sentiram confusos por existirem tão poucas referências históricas nos escritos antigos a respeito da Divina Concepção e nascimento de Jesus, compreenderão que estiveram procurando algo que, do ponto de vista oriental, não representou o fato mais notável ou importante de Sua vida. Não resta



dúvida de que, para os orientais, a vida, os ensinamentos e demonstrações práticas dos ensinamentos, por parte dos Avatares, eram os fatores importantes, e que os incidentes relativos ao nascimento e ao local de sua ocorrência, e ao final da vida, eram pontos a serem considerados apenas pelos associados mais íntimos dos Avatares, sendo registrados simplesmente com o propósito de completar a narrativa.

Outro ponto importante a considerar é que a razão da aceitação geral dos místicos quanto à Divina Conceção encontra-se na crença comum entre os místicos e filósofos orientais de que o poder do pensamento, ou o poder de uma palavra mental ou audível é capaz de impregnar a matéria e levar a matéria sem vida à consciência. Se admitimos a idéia de que a impregnação da matéria desta forma mística é um milagre singular de natureza duvidosa, jamais provada e só aceitável com base na fé, então devemos admitir a idéia de que todos os ensinamentos fundamentais dos místicos do Oriente, e todas as afirmações da literatura mística e oculta, feitas por homens competentes de fama e integridade bem comprovadas, são falsas, infundadas, precárias e indignas de nossa consideração. Se for este o caso, então pouco temos a esperar dos ensinamentos que nos vêm do Oriente, e temos poucos motivos para crer no poder superior e nos ocultos e secretos princípios da energia Divina. Os místicos de todos os tempos afirmaram, e através dos chamados milagres comprovaram para si mesmos, que certos princípios latentes e poderosos podem ser invocados pelo homem e são aplicados por Deus no processo



criativo do universo. A própria criação do mundo é considerada por todos os místicos do Oriente como a primeira grande demonstração da potência do Logos, ou o poder da Palavra enviada ao espaço onde não existia vida, resultando na sua imediata impregnação e na manifestação da matéria viva. Os místicos do Oriente acertadamente afirmam que, no começo, toda a matéria não-viva foi impregnada com vida por um processo Divino, sem a aplicação de leis materiais. Nenhum outro conceito é possível ou aceitável para eles. Se a primeira manifestação de vida, por este processo, é aceita, por que haveríamos de contestar demonstrações menores no caso de um ser individual, ou da impregnação de uma única célula de vida?

Os místicos de todos os tempos demonstraram que mesmo a palavra falada, composta de um som vocálico adequadamente pronunciado pelo homem, tem o poder de perturbar o estado da matéria, de fazê-la vibrar ou modificar sua natureza elementar ou sua composição química. Para comprovar este fato, místicos do Oriente — e alguns místicos muito evoluídos do Ocidente — aprenderam a forma de emitir um som ou produzir um som em uma corda de violino ou outro instrumento musical, capaz de causar uma manifestação na matéria. É comum entre os Rosacruzes e místicos de outras escolas, que aprenderam o procedimento e desenvolveram o adequado grau de perfeição quanto a estas coisas, pronunciar sons vocálicos ou, através da concentração mental, dirigir energias visíveis e poderosas a pontos focais, de modo a causar uma manifestação na matéria viva e não-viva. E objetivo e ambição de milhões



de estudantes da lei mística alcançar o grau de perfeição que lhes permita realizar aparentes milagres desta espécie. Para estes místicos, e para a mente racional que compreende as leis envolvidas no processo, pareceria claro que, se o homem é capaz de aplicar estes princípios místicos deste modo, certamente não seria improvável, e muito menos impossível, que a Mente de Deus tivesse dirigido certos poderes na impregnação da matéria e efetivado não só a Divina Concepção que é o assunto deste capítulo, mas, também muitas manifestações semelhantes de natureza incomum.

Por conseguinte, o Rosacruz de compreensão evoluída, ou o místico de alta espiritualidade, aceita pronta e compreensivamente o nascimento de Jesus de uma virgem e nisto não vê qualquer violação da lei espiritual ou natural, nem qualquer exceção aos princípios verdadeiramente científicos.

Os que não conseguem aceitar a Imaculada Conceição ou o Nascimento Divino do Mestre Jesus, provavelmente estão dominados pela compreensão limitativa do pensamento materialista, e não alcançaram ainda o desenvolvimento espiritual que possibilite a compreensão e apreensão das leis mais elevadas.

Só há um ponto em que os Rosacruzes e os místicos orientais discordam da igreja cristã fundamentalista ou estritamente ortodoxa: Trata-se da singularidade da concepção e do nascimento do Mestre Jesus. As doutrinas cristãs ensinam que Jesus foi o único filho de Deus, o único caso da Palavra feita



carne e pela qual Deus enviou à Terra um Filho divino para redimir o mundo. Os Rosacruzes entendem que Jesus não foi o primeiro e único, mas o último e maior de todos os mensageiros de Deus concebidos desta forma e nascidos na Terra.

Isto nos leva a outro ponto, a ser considerado antes de apresentarmos a antiga e mística história do nascimento de Jesus. Em um dos capítulos anteriores, declarei que os Essênios, os Nazarenos e os místicos da Palestina em geral esperavam a chegada de um grande Mestre que seria a encarnação de um dos grandes líderes anteriores. Também afirmei que era uma crença comum entre os judeus que o Messias que esperavam seria, igualmente, a encarnação de um de seus líderes anteriores. Nas declarações em questão, o leitor pode perceber a crença, por parte do povo do Oriente, no fato da reencarnação, uma crença comum em todo o mundo oriental e que hoje representa um princípio positivo no pensamento filosófico e religioso de mais de três quartos da população da Terra, o qual só é questionado por uma parte dos habitantes do mundo ocidental. Os orientais também sabiam, através de experiências anteriores, que os grandes Avatares e mensageiros de Deus, enviados de tempos a tempos conforme as necessidades da evolução das raças, eram a reencarnação de grandes almas que haviam vivido na Terra e que haviam alcançado, em cada encarnação, um grau cada vez mais elevado de expressão espiritual e maestria.



Saber quando cada um desses mensageiros apareceria em sua última e final encarnação era impossível, mas como todas as encarnações eram progressivas, e como cada novo mensageiro era maior e mais elevado que o precedente, os Essênios, os Nazarenos e até os Judeus da Palestina esperavam que o mensageiro que lhes seria enviado seria maior que qualquer outro que o precedera, e que provavelmente seria a reencarnação de um dos maiores que os haviam servido no passado. Era natural para os judeus sentir que o mensageiro ou Messias seria a reencarnação de um de seus salvadores precedentes, possivelmente Moisés, e certamente alguém da Casa de Davi. Por outro lado, os Essênios e outros da raça ariana acreditavam (baseando sua crença numa compreensão mais profunda das leis místicas que a dos judeus) que o novo grande Mestre e redentor do mundo seria de raça ariana, a reencarnação de um dos grandes Mestres que haviam servido o mundo em outras terras e que não estaria limitado às tribos de Israel.

Por isto os Essênios da Palestina, do Egito e de outros locais, estavam certos de que o próximo grande Mestre seria de sua própria raça e viria através de membros de sua própria organização, porque os Essênios representavam, na época, o grupo mais evoluído e espiritualmente treinado da Terra.



CAPÍTULO V: O NASCIMENTO MÍSTICO DE JESUS

Antes de narrar o nascimento de Jesus, tal como está registrado nos antigos documentos Rosacruz, desejo chamar a atenção dos leitores para os seguintes pontos relevantes.

Na época do nascimento de Jesus, a Fraternidade Essênica fazia parte da Grande Fraternidade Branca e não só estava bem estabelecida em várias partes do Egito e da Palestina, tendo seu maior centro e número de membros em Alexandria, no Egito, com uma grande comunidade na Galiléia, como também mantinha um grande templo secreto em Heliópolis, no Egito, onde os Supremos Oficiais se reuniam e onde as cerimônias mais importantes da organização eram realizadas. Este templo foi muitas vezes citado nos registros antigos como o templo de Hélios ou "templo do sol". Na Palestina havia um templo menor para as cerimônias sagradas dos Essênios de Jerusalém e arredores, localizado perto de uma das portas da cidade. Era neste templo de Jerusalém que os oficiais da Fraternidade Essênica se reuniam para suas cerimônias sagradas.



Talvez seja necessário explicar, nesta altura, que em todos os templos antigos da Grande Fraternidade Branca, inclusive os dos Essênios, as jovens filhas dos membros mais importantes da organização serviam como virgens vestais durante certos períodos de sua vida, ficando sob a guarda da organização.

Em todas as lojas Rosacruzes em todo o mundo, inclusive as da América do Norte, há Vestais servindo a cada Templo ou Loja, simbolizando a consciência espiritual do Cósmico. Essas jovens são sempre filhas de pais que já são Membros da organização há algum tempo. Elas são muito respeitadas e ajudadas de muitas formas a alcançar grandes realizações quanto a todos os princípios éticos, culturais e educacionais da terra em que vivem.

Com estas informações em mente, posso agora apresentar a narrativa que provavelmente é a mais antiga e completa história da Divina Concepção e do Nascimento Divino do Mestre Jesus, tal como foi registrada e preservada nos arquivos da organização Rosacruz no Egito, na Índia e no Tibete. Foi necessário condensar um pouco a narrativa para adaptá-la à forma de livro, para que o mesmo não ficasse volumoso demais, mas nenhum detalhe essencial foi eliminado nem foram alteradas as frases místicas importantes.

A história que se segue é comumente aceita pelos místicos da Grande Fraternidade Branca, com perfeita compreensão. Estou certo de que os místicos



do mundo ocidental encontrarão nesta história uma explicação perfeita do maior entre os mistérios místicos.

No tempo das seitas místicas e cultos sagrados da Grande Fraternidade Branca do Oriente, houve um certo Joaquim, alto sacerdote do Sagrado Templo de Helios, fora dos portões de Jerusalém. Era ele um devoto seguidor dos rituais sagrados e havia se comprometido a dar tudo que lhe pertencesse ao grande trabalho. Quando chegou a época de Ana, sua mulher, ter um filho, eles concordaram que, se fosse uma menina e demonstrasse já durante a infância que fora divinamente enviada, ela se tornaria uma pomba (Columba) no Templo Santo, como virgem do Sanctum Sagrado. No nono mês Ana deu à luz uma criança, uma menina tal como haviam predito os astrólogos (Magos) do Templo. Passado o tempo de praxe, Ana purificou-se e amamentou a criança, chamando-a Maria, porque o sol estava em Libra na hora do nascimento.

Quando a criança completou seis meses foi levada ao Templo por seus pais, para que pudesse ser examinada e a bagagem trazida da vida anterior revelada na presença dos Sacerdotes e Magos. A criança foi colocada no Sanctum apoiada nos próprios pés, com o rosto voltado para o leste, enquanto a mãe permanecia sentada sobre um pano branco, ao pé da Chama Vestal. Disseram à criancinha que andasse e ela andou. Os Sacerdotes e Magos notaram que a criança deu sete passos e depois ajoelhou-se diante de sua mãe no Sanctum. Enquanto os Magos entoavam um cântico, a mãe ergueu a filha para o



céu e exclamou em voz alta: "Tão certo como o Senhor meu Deus existe, tu não caminharás sobre a terra até que eu te dedique ao Templo do Senhor!" Os sacerdotes regozijaram-se pelo cumprimento da profecia segundo a qual o Sumo Sacerdote Joaquim daria uma virgem ao Templo.

A mãe cumpriu sua promessa. Ela fez construir um santuário em sua casa e cobriu o chão com um pano do Templo de Hélios para Maria andar sobre ele, para que seus pés não tocassem a terra até o dia de sua entrada no Templo. A mãe não permitia que nada vulgar ou contaminado tocasse sua filha e chamava as Virgens puras do Templo para que conduzissem a menina pelo Santuário improvisado e a levassem no colo para passear no jardim das rosas quando o sol abrandava.

Chegou o primeiro aniversário da menina e aconteceu uma festividade sagrada na casa de Ana e Joaquim, com a presença de todos os Sacerdotes, Escribas e Magos dos Templos da Fraternidade. Joaquim tirou a pequena Maria do Santuário para mostrá-la aos Sacerdotes; ela foi aspergida com água pura e pétalas de rosas, e os Magos declararam que seu nome oficial era Maria, a Pomba de Hélios. Os sacerdotes a abençoaram e oraram a Deus, dizendo: "Deus de Nossos Corações, abençoa esta criança e faz do seu nome, que os Magos acabaram de confirmar, um nome eternamente pronunciado por todas as gerações dos filhos de Deus!" Todos os presentes responderam: "Assim seja, assim seja, amém!" A mãe de Maria levou-a de volta ao Santuário para amamentá-la e entoou um cântico a Deus, dizendo: "Canto um hino a ti, santa criança, um hino a



Deus, pois Ele me concedeu o fruto da honradez. Escutai, ó Escribas dos Doze Reinos, pois a Pomba Sagrada está comigo e Deus mora conosco!" Quando as festividades terminaram todos partiram jubilosos, e cada um dos doze Escribas foi encarregado de levar as boas novas a seus Doze Templos dos Doze Reinos.

Os meses foram se passando e a menina completou dois anos, havendo nova festividade. Joaquim disse: "Levemos Maria ao Templo, em cumprimento ao nosso voto, pois temo que Deus nos recuse o privilégio e nossa dádiva se torne inaceitável." Ana então disse: "Não vês que Maria é prudente e forte para sua idade e abençoada com a compreensão não só desta vida mas também da outra que ela trouxe consigo ao nascer? Mais um ano e ela estará mais forte e suficientemente preparada para ir ao Templo sozinha, sem seus pais, como ocorreu da primeira vez." Joaquim concordou. Quando a menina fez três anos, era excepcionalmente vivaz e dotada de compreensão interior. Joaquim chamou os Escribas e Sacerdotes dos Doze Reinos e convidou as virgens puras do Templo para que escoltassem Maria ao Templo. As Virgens chegaram com as lâmpadas sagradas acesas, felizes com a dádiva de Deus ao Templo. Mas Maria recusou ser escoltada e foi levada apenas por sua mãe ao portal do Templo, para que seus pés não tocassem o pó. As Virgens se encontravam no Templo entoando cânticos e incensando o Sanctum quando Maria foi recebida pelos Sacerdotes de Hélios no portal exterior. A criança foi levada ao Templo e colocada no terceiro degrau diante do altar onde ardia a Chama Sagrada. O Sacerdote orou a Deus, dizendo: "Deus ampliou Seus propósitos e Seu nome em todas as gerações e através



desta criança manifestará a redenção dos filhos desta terra." Então ele abençoou a menina, que dançou de alegria e caminhou do Altar para o Sanctum, ajoelhando-se diante do Shekinah.

Quando os pais se dirigiram para a porta do Templo, voltaram-se para a filha, que lhes pediu para deixá-la ali. Enquanto as Virgens, os Sacerdotes, Escribas e Magos caminhavam para o Oeste do Templo, jogavam pétalas de rosas sobre a criança ajoelhada. Os pais se sentiam maravilhados pelo desejo da menina de permanecer a sós no grande Templo. Quando todos tinham partido e Maria ficou sozinha, viu seu próprio corpo infantil flutuando como uma Pomba no ar; do espaço acima do Shekinah surgiu uma mão angelical dando um bocado de alimento a Maria, enquanto ela flutuava, e uma voz angelical falou: "Vê, este será teu alimento daqui por diante, pois não mais acharás leite no peito de tua mãe, eis que sorveste o que Deus proveu e agora só comerás aquilo que te for servido pelos teus iguais."

Quando Maria fez doze anos, deu sinais de fecundidade, o que anunciava a chegada do sinal e símbolo de que chegara o tempo de cumprir o voto de seus pais. Foi reunido o conselho dos Sacerdotes e Magos, que disseram: "Eis que Maria, a Pomba, completou doze anos e apresentou o sinal de que deve ser dada em casamento ou deve residir no Templo. Devemos tomá-la agora ou esperar que se passem mais onze meses conforme foi estipulado?" Os Magos responderam: "Ide ao Altar e perguntai a Deus o que é certo, e aquilo que Deus manifestar a vós, faremos." Joaquim, na qualidade de Sumo Sacerdote, colocou



sobre sua veste oficial o peitoral triangular, e orou pedindo iluminação. Uma forma apareceu diante dele e falou: "Joaquim, Joaquim, vai e convoca os viúvos da Fraternidade que têm um lar, e faz com que cada um tome um bastão sagrado; Maria será entregue aos cuidados daquele a quem Deus mostrar um sinal." Joaquim revelou o que lhe fora transmitido e os Escribas foram informados de que deviam convocar os viúvos de seus Reinos.

Havia um, de nome José, da comunidade Essênia da Galiléia, membro devoto do Templo de seu Reino; quando soube que todos os viúvos estavam sendo chamados a Hélios, deixou de lado as ferramentas com as quais estava construindo uma casa e apressou-se a ir ao encontro dos demais. Quando todos os viúvos estavam reunidos diante do Templo de Hélios, o Sumo Sacerdote escolheu 144 bastões sagrados, purificou-os diante do Altar e entregou um a cada viúvo. Mas nenhum sinal foi dado, pelo qual Joaquim pudesse saber qual seria o escolhido conforme prometera a voz. José foi o último a receber o bastão e, ao erguê-lo em saudação ao Sumo Sacerdote, eis que uma pomba branca saiu do bastão e voejou em torno da cabeça de José. Então o Sumo Sacerdote disse a José: "Foste escolhido para receber a Virgem dedicada a Hélios e guardá-la em tua casa." Mas José recusou, dizendo que não sabia porque fora convocada aquela assembléia, que tinha dois filhos e já estava velho, e que a Virgem parecia ser muito jovem e não ter completado os treze anos exigidos pela lei. O Sumo Sacerdote admoestou José, lembrando-lhe o que Deus fizera a Datã, Abirão e Korah, como a terra se abrira e os engolira, por



causa de sua negativa. José ficou temeroso e concordou em levar a Virgem e manter em sua companhia a Pomba de Hélios. Então disse a Maria: "Eis que te recebo do Templo de Deus e te deixarei em minha casa; voltarei para ti após terminar minha construção." Foi assim que Maria passou a viver com José, viúvo e carpinteiro, como a Virgem da Fraternidade.

Veio então o dia em que o conselho de sacerdotes de Hélios foi convocado para planejar a feitura de novas cortinas para o Templo. Disseram os Sacerdotes: "Chamemos as Virgens intocadas de nossos Irmãos e também nossa Pomba do Templo. Quando o chamado foi feito, havia sete virgens, mais Maria, a Pomba do Templo. Quando já estavam no interior do Templo, o Sumo Sacerdote ordenou que fosse feito um sorteio para decidir quem iria fiar o ouro para as cortinas e quem deveria fiar o verde, o escarlate, o púrpura, o azul e o fino linho e a seda delicada. A fiação do púrpura e do escarlate coube a Maria, a Pomba. Ela pegou os materiais e foi para casa.

Enquanto fiava, surgiu diante dela a figura de um grande Mestre que disse: "Não temas! Trago uma mensagem jubilosa, Maria, Virgem Santa e Pomba Sagrada de Hélios, pois é chegado o dia de se cumprir a profecia dos Magos! Recebeste as bênçãos de Deus e de teus Irmãos e agora conceberás pela palavra de Deus." Ao ouvir isto, Maria contestou, dizendo: "Conceberei pela palavra de Deus? E ainda assim tudo se passará em mim como nas demais mulheres?" A voz da figura respondeu: "Não conceberás como supões, mas gestarás da maneira como imaginas. Pois, assim como os lábios do homem podem te beijar, do mesmo modo como as mãos do Sumo



Sacerdote te abençoaram, a semente do homem será tua herança; mas a palavra de Deus será soprada sobre ti e seu poder te tornará sagrada e tornará bendita a semente para que seja de Deus. Portanto, a Sagrada vida que nascerá de ti será chamada Filho de Deus, e receberá o nome de Jesus, pois será Deus no Homem e se tomará Deus entre os homens." Então Maria respondeu: "Faça-se de acordo com a palavra de Deus!"

Maria teceu o púrpura e o escarlate e levou-os ao Sumo Sacerdote. Ele falou com ela e disse-lhe que havia sido informado de que chegara o dia da concepção; abençoou-a e rejubilou-se com ela, dizendo-lhe que seu nome seria sagrado para todas as gerações da Terra. Maria foi para a casa de sua prima Isabel e lá permaneceu até que sua condição se tornou tão manifesta que a fez procurar de novo a intimidade de seu lar.

Maria estava no sexto mês quando José regressou da obra já terminada e percebeu que ela estava grávida, sentindo-se surpreso e consternado. Golpeou o próprio rosto, atirou-se sobre o áspero tecido do santuário, chorando amargamente e dizendo: "Como enfrentarei Deus agora? Pois recebi uma Virgem, a Pomba de nosso Templo, e não a guardei devidamente e agora um homem a maculou? Quem fez tal coisa em minha própria casa? Repete-se em mim a história de Adão?" José levantou-se, chamou Maria e lhe disse: "Por que tu, que subiste os sete degraus e foste elevada ao terceiro degrau do lugar mais santo do nosso Templo, permitiste que um homem te maculasse? Não recebeste alimento das mãos de um anjo como sinal de que não devias aceitar dos profanos aquilo que pudesse alimentar teus desejos terrenos? "



Maria chorou amargamente pela ignorância de José e por não confiar nela, e lamentou-se: "Sou pura e nenhum homem me tocou!" José encheu-se de espanto e rebateu as palavras dela, dizendo: "Mas então por que estás assim?" E ela respondeu com doçura: "Assim como Deus vive, não sei como isto aconteceu através da palavra! Enquanto eu dormia, Ele veio a mim com pureza de espírito, livre de corpo mortal, e por Seu alento, que não era o alento da luxúria mas o alento da Palavra de Deus, concebi em realidade o que Deus antes concebera em pensamento; e assim como o pensamento precedeu a criação do mundo, comigo a mais sagrada das palavras precedeu a vida que se agita dentro de mim."

José temia que os que desconheciam as leis de Deus interpretassem e julgassem mal, e sentia-se perplexo. Mas durante a noite veio-lhe a voz do Mestre, dizendo: "Não temas, pois aquele que Maria concebeu vem do Espírito Santo e ela dará à luz um menino que as Hostes Celestiais chamarão Jesus, porque o Espírito Santo, através da palavra de Deus, estará nele."

Posteriormente, veio um Escriba à casa de José para saber a razão de sua ausência em uma reunião da Fraternidade, viu que Maria estava grávida e dirigiu-se imediatamente ao Sumo Sacerdote, pronto para atestar que Maria havia sido maculada. O Sumo Sacerdote chamou José e Maria, ouviu o que tinham a dizer, escutou compreensivamente a versão de Maria declarando inocência e depois argumentou com o Escriba. Os Magos se reuniram e decidiram que deveria ser feito o teste das auras, pelo qual as auras manifestariam a cor do pecado, se pecado houvesse. Ambos tomaram uma



bebida tirada do recipiente que continha água radiante; foram colocados no escuro onde nada além da Luz pura se irradiou deles, não havendo manifestação de pecado. Disse o Sumo Sacerdote: "Se o Deus do nosso Templo não torna manifesto qualquer pecado através de Suas leis, então não posso julgar-vos." Dispensou-os, então, como puros de coração e limpos de pecado.

Chegou o tempo de José achar necessário viajar com Maria para evitar censuras por causa de sua situação e da estranha experiência de Maria. Eles chegaram a uma caverna onde ficaram descansando a pedido de Maria, que julgava estar próxima a hora do nascimento. José foi procurar ajuda e encontrou uma mulher que foi até a caverna, ouviu a estranha história de Maria, não acreditando nela. Olhando em todas as direções, José viu que os céus e a terra e até mesmo as pessoas de lugares distantes estavam silenciosos e imóveis, e soube que a presença de Deus se fazia sentir sobre a Terra e que algum milagre estava para acontecer. Enquanto ele e a mulher esperavam na caverna, uma grande Luz surgiu da escuridão e os evitou e foi pairar sobre Maria. A Luz tornou-se menor e mais densa em sua alvura, até que envolveu Maria e depois foi se extinguindo. Enquanto José e a mulher observavam em silêncio, a Luz desapareceu, ouviu-se a voz de um recém-nascido e um anjo apareceu dizendo: "Nesta hora, em humildade de espírito e pureza de mente, nasceu o Filho de Deus da Virgem do Templo, concebido pelo Espírito Santo através da palavra de Deus, e seu nome será Jesus, pois este é o nome de Deus em que se infundem o fogo do espírito e o poder da palavra. Mas advirto que não conteis aos profanos o que



aconteceu, pois eles não vos acreditarão e dirão que um homem mortal gerou um filho numa Virgem — e vos amaldiçoarão por tentardes iludi-los em sua boa fé."

José e Maria se preparavam para partir da caverna onde haviam passado algum tempo quando os Magos vieram ao seu encontro, dizendo: "Onde está o grande Rei cuja estrela anunciou nos céus o seu nascimento? A esta hora seus pais devem estar na estrada, pois já passou a hora do advento." José respondeu: "Vou à Judéia com o Filho de Deus, não com o Rei, pois seu Reino não é deste mundo, mas sim dos corações humanos."

E quando Herodes soube que um grande Rei havia nascido, cumprindo as estranhas predições dos profetas, ficou perturbado e mandou fazer averiguações. Quando os magos souberam o que Herodes ameaçara fazer, preveniram José, e ofereceram a Maria ouro, incenso e mirra. José e Maria prosseguiram em sua viagem, por outro caminho.



CAPÍTULO VI: O LOCAL DE NASCIMENTO E OS MAGOS

São muitos os que ignoram que há uma história muito interessante ligada ao local de nascimento do Divino Bebê; por muitos séculos a localização exata foi um ponto controverso, questionado até hoje pelas mais importantes autoridades no assunto.

Encontramos no Evangelho cristão de Mateus a indicação de que Jesus nasceu em uma casa de Belém. As palavras de Mateus são:

"Depois de Jesus ter nascido em Belém da Judéia, nos dias de Herodes, o rei, eis que vieram astrólogos das regiões orientais a Jerusalém, dizendo: 'Onde está aquele que nasceu rei dos judeus? Pois vimos a sua estrela quando estávamos no Oriente e viemos prestar-lhe homenagem... E quando haviam entrado na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e prostraram-se e o adoraram."

Não há nenhum comentário na versão usual da Bíblia Cristã a respeito da afirmação de Mateus de que Maria e a criança estavam em uma casa, e esta diferença na localização passa geralmente despercebida. Devemos ter em mente que o autor do Livro de São Lucas dá a entender claramente que a criança nascera em um estábulo, nas seguintes afirmações:



"E ela (Maria) deu à luz o seu filho, o primogênito, e o enfaixou e deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem."

Por que razão existe a impressão generalizada de que Jesus nasceu numa manjedoura, embora haja duas versões diferentes a respeito, será explicado em seguida. O fato é que, nos primeiros tempos da Era Cristã, havia uma terceira versão sobre o local do nascimento, que era bastante difundida e baseava-se em informações geralmente não reveladas nas narrativas cristãs da atualidade.

Verificamos, por exemplo, que Eusébio, o primeiro historiador eclesiástico e figura relevante no Concílio de Nice em 325 A.D., durante o qual importantes tradições da igreja cristã foram discutidas e decididas, apresentou a questão do local do nascimento de Jesus para que fosse finalmente decidida; em sua argumentação, ele pouco falou a respeito de ter sido uma casa ou uma manjedoura o local de nascimento da sagrada criança, afirmando que o menino Jesus havia nascido numa gruta. Também referiu-se ao fato de que um magnífico templo havia sido construído no local onde ficava a gruta, no tempo de Constantino, para que os cristãos pudessem venerar o local onde nascera o Salvador.

No evangelho apócrifo denominado Protevangelion, escrito por Jaime, um dos irmãos de Jesus, encontramos nova referência à gruta, com o seguinte teor:



"Mas, de repente, a nuvem transformou-se numa grande luz na gruta, que seus olhos não podiam suportar."

Entre os proeminentes Padres da Santa Igreja cristã dos primeiros dias, vemos que Tertuliano (200 d.C.), Jerônimo (375 d.C.) e outros, disseram que Jesus nascera numa gruta, e que todos os pagãos da Palestina continuam a indicar a gruta como o local onde nasceu o menino Jesus.

Também verificamos o que disse o Cônego Farrar: "É tradição muito antiga que o verdadeiro local do nascimento de Jesus foi uma gruta, a qual costumava ser apontada como o lugar do acontecimento já em época remota como a de Justino Mártir, no ano 150 A.D."



O certo é que Mateus não estava longe da verdade ao dizer que Jesus nascera numa casa, pois a gruta onde se deu o advento do menino era mais que uma simples escavação numa rocha, ou um buraco na vertente da montanha. Os registros Rosacruz e Essênios sempre contiveram a afirmação de que o filho de José e Maria nascera numa gruta essênia na estrada próxima a Belém.

Já me referi ao fato de que os Essênios possuíam certos albergues e hospitais em várias partes da Palestina, dos quais três se encontravam em gruta. Essas grutas eram em parte naturais e em parte artificiais; é sabido que as grutas deste tipo eram bastante comuns na Palestina e terras adjacentes, pois nos primeiros tempos do cristianismo era melhor e mais seguro construir grutas



que grandes estruturas na superfície, visto que a finalidade desses locais era a proteção, o isolamento e a segurança. A quantidade dessas grutas, que continuam a existir na Palestina, sempre surpreende os turistas curiosos, pois muitas delas podem conter de dez a vinte compartimentos de tamanho regular, num ambiente isento de umidade, calor ou frio.

Os Essênios construíram três grutas bastante amplas, em localização conveniente e bem protegidas dos curiosos e dos ataques de beduínos ou de tribos nômades. As grutas ficavam sob a superfície do solo, entre vinte e sessenta pés de profundidade, com câmaras cujo acesso se fazia por escadas de pedra muito bem cortadas, bem iluminadas por aberturas laterais na rocha ou nas rochas que protegiam a entrada. Alguns aposentos eram cuidadosamente escavados na pedra sólida, outros eram parcialmente naturais. Na maioria dos casos, a superfície das paredes de rocha eram cobertas com argamassa, e sobre esta se aplicavam decorações ou pinturas de alguma espécie, artisticamente dispostas. Lâmpadas a óleo, penduradas no teto ou colocadas em nichos, nas paredes, forneciam iluminação suficiente; pequenas aberturas entre os aposentos, ou subindo verticalmente como chaminés, permitiam a circulação adequada de ar. Ao longo de algumas paredes havia assentos ou bancos escavados, ou feitos de pedra no centro ou nas laterais dos aposentos. Sempre havia um poço próximo a esses locais e sempre havia em cada aposento uma vasilha com água fresca. O solo dessas câmaras era geralmente pavimentado



com lajes, e só em um ou dois aposentos menores, usados como depósitos e para outros fins, o piso era deixado ao natural.

Essas grutas eram geralmente dotadas de dormitórios, refeitórios, locais de repouso e recreação e para o cuidado de doentes. Elas continham os mesmos confortos e equipamentos das estruturas de pedra ou barro existentes na superfície. Essas grutas habitáveis, ou hospitais, não eram consideradas menos importantes ou elegantes que as habitações comuns.

Foi à gruta essênica perto de Belém que José e Maria se dirigiram, para o nascimento de Jesus. Algumas referências encontradas em antigos registros Rosacruz e Essênios, a respeito deste acontecimento, dão a entender que era comum as mulheres da organização Essênica irem dar à luz nos hospitais essênios, pois vários deles estavam preparados para o tratamento de doentes, feridos e necessitados; também era parte da tradição essênica, tal como hoje entre os judeus, prestar todo auxílio às suas mulheres, na hora do parto. Não seria exagero afirmarmos que alguns daqueles antigos hospitais foram os precursores e modelos dos modernos hospitais que hoje conhecemos.

Recentemente visitei a gruta essênica próxima de Belém, e investiguei cuidadosamente o tamanho, a forma e a disposição dos aposentos, e não pude entender como qualquer um dentre os milhões de visitantes que viram o local do nascimento de Jesus poderia acreditar em qualquer justificativa para o nome de manjedoura. A grande sala de recepção no centro da gruta, cercada de vários



aposentos privativos, logo indica que se tratava de uma casa particular de excepcional tamanho, maior que qualquer casa comum da Palestina, ou então que era um lugar público de alguma espécie. A escada de pedra que leva aos quartos certamente indica que o local não poderia ter sido usado como estábulo, pois ao notarmos o esmero no corte das pedras dessa escada, as decorações ainda visíveis em vários pontos, o cuidado com que o chão foi polido, e a disposição dos quartos em torno do salão central, logo sentimos que este era um abrigo ou hospital muito bem planejado e cuidado. Ainda hoje os aposentos são suficientemente secos, quentes e confortáveis para oferecer uma vida confortável; quando comparamos esta construção com as estruturas grosseiras construídas na superfície e que usualmente se destinam ao gado (isto quando há abrigos para este fim), parece mais que evidente que ninguém se daria a tanto trabalho e despesa para construir um estábulo.

Em um dos famosos concílios cristãos realizados pelos primeiros Padres da Igreja, na época em que tantas doutrinas, ensinamentos e pontos obscuros da tradição eram discutidos e definitivamente estabelecidos, decidiu-se que o melhor modo de acabar com as discussões em torno do local do nascimento de Jesus seria determinar arbitrariamente que ele nascera numa manjedoura. Esta decisão arbitrária definiu o assunto para sempre, para a Igreja; a despeito dos muitos registros autênticos que ainda existem, é provável que a história do Advento de Jesus em uma humilde manjedoura continue a fazer parte das tradições cristãs.



Outro ponto importante ligado ao local do nascimento de Jesus é igualmente interessante. Trata-se da visita dos Magos e das homenagens que prestaram à Sagrada Criança. Segundo as versões cristãs autorizadas, os três Magos foram guiados por uma grande estrela que os levou a viajar "do Leste" para o preciso local onde nascera a criança. E eles levaram consigo oferendas de ouro, incenso e mirra.

A história, da estrela que surgiu no céu nessa ocasião particular sempre foi fascinante. Os cétricos que duvidavam das tradições cristãs consideraram o caso como um elemento fantástico, introduzido na narrativa com o fim de torná-la mais pitoresca. Mas já há muito tempo os astrônomos que investigaram o assunto em suas cartas de periodicidade de famosos cometas e corpos celestes como as estrelas, descobriram que, no tempo ou em torno da época do nascimento da Divina Criança, havia uma grande estrela ou corpo celeste movimentando-se rapidamente pelos céus daquelas terras. Esta descoberta, confirmada por muitos cientistas no curso de muitos anos, leva à comprovação da história de um símbolo que teria guiado os Magos em sua jornada, e também de muitas tradições antigas relativas a histórias semelhantes sobre o fato de que os Magos, os astrólogos, os caldeus e os místicos dos países orientais, acreditavam que, sempre que um cometa surgisse no céu e o cruzasse, estaria para nascer um líder ou grande Avatar, que depois demonstraria ser um Salvador ou Redentor. Esta crença estava tão arraigada, e são tantos os pontos



místicos nela envolvidos, que estes me parecem merecedores de algumas considerações, a esta altura.

É verdade que na história incluída no Livro de Lucas, o autor nada diz a respeito de Magos do "Leste", mas diz que os pastores vieram e adoraram a criança recém-nascida, e que os mesmos pastores estavam cuidando dos rebanhos à noite quando um anjo do Senhor lhes aparecera dizendo: "Não temais, pois eis que vos declaro boas novas duma grande alegria que todo o povo terá, porque hoje vos nasceu na cidade de Davi um Salvador, que é Cristo, o Senhor."

Esta declaração no Livro de Lucas foi evidentemente escrita com o propósito de tentar explicar a antiga crença de que, quando surgisse uma grande estrela cruzando os céus, isto seria uma mensagem de Deus sobre o nascimento de um Salvador; Lucas reduz a idéia a uma declaração definida feita pelo Senhor aos pastores do campo.

Ao investigarmos a origem desta crença, verificamos, pelos antigos registros Rosacruz e Essênios, que quando nasceu a Divina criança chamada Chishna, uma grande estrela proclamou o fato nos céus e Chishna foi imediatamente venerado e honrado pelos Magos que lhe trouxeram oferendas. Os registros dizem que os presentes consistiam de sândalo e perfumes.

Por ocasião do nascimento do Buda, uma grande estrela movimentava-se no céu proclamando sua divindade, e homens sábios visitaram o local do advento para prestar homenagens e trazer oferendas.



O nascimento de Confúcio em 551 a.C. foi anunciado por uma grande estrela cruzando os céus, que foi observada pelos sábios, os quais encontraram o local onde estava a criança pelos movimentos da estrela, para lá se dirigindo e ali prestando suas homenagens. A mesma história existe com relação a Mitra, o Salvador persa, a Sócrates, Esculápio, Baco, Rômulo e muitos outros.

Devemos lembrar que a astrologia era uma ciência bastante desenvolvida entre os Magos e místicos das terras orientais, e que foi dessa ciência que se originou a astronomia atual. Talvez não seja apropriado, mas não posso deixar de observar que a antiga prática ou arte da astrologia era muito mais desenvolvida do que hoje em dia e que ela não se preocupava com coisas íntimas como sorte e fortuna como hoje o faz a astrologia, o que tão lamentavelmente profana uma ciência mística antiga e honrada.

Os Magos a que a Bíblia se refere não eram simples astrólogos ou filósofos medíocres, que também podiam ser pastores ou gente comum. Eles eram instrutores sábios e altos representantes das grandes academias e escolas de mistério do Oriente. O título de Mago só era concedido àquele que tivesse alcançado um elevado grau de iniciação nas escolas de mistério e que tivesse provado ser um mestre em artes e ciências, além de místico excepcionalmente desenvolvido em todos os sentidos. Os Magos eram consultados pelos reis, potentados e pessoas cultas de todas as terras, não só sobre assuntos de astrologia e astronomia, mas também de história, medicina, lei natural, lei



espiritual e centenas de outros assuntos que requeriam raciocínio profundo e notável cultura para serem explicados e compreendidos. Os Magos eram os grandes oráculos dos homens cultos. Chegavam a ocupar o cargo de grandes conselheiros em cortes e tribunais de última instância para disputas de toda natureza.

O fato de que os Magos observaram a estrela simbólica e perceberam sua significação foi uma coisa natural. Mas não devemos pensar que eles avistaram a estrela poucas horas antes do nascimento de Jesus, e que abandonaram apressadamente seus santuários ou locais de trabalho para viajar rapidamente até o local do evento. Segundo os antigos registros que estão em nosso poder, vemos que, como em todos os outros casos sempre que surgia a estrela simbólica, seu movimento havia sido observado muitos meses antes do nascimento da Criança Divina. Cuidadasas tabulações do movimento da estrela eram feitas semanas antes do nascimento, e também o tempo provável do evento e seu significado final. Aqueles que haviam sido escolhidos pelas escolas de mistério para irem ao local do nascimento representar a Fraternidade Essênica e a Grande Fraternidade Branca iniciaram sua viagem à Palestina várias semanas antes do dia do nascimento.

Também descobrimos nesses registros que os Magos conheciam a história da escolha de Maria para ser a predestinada mãe da Divina Criança, a localização do lar de Maria e José na Palestina, e os planos segundo os quais Maria deveria se dirigir ao hospital da Fraternidade, na gruta localizada em



Belém, para ter a criança. Os registros dizem que Maria chegou ao hospital três dias antes da criança nascer, para aguardar o importante momento. Os Magos encontravam-se nas vizinhanças de Belém, aguardando o evento. Quando a estrela apareceu no céu em seu ponto mais elevado e então começou sua rápida e súbita descida em direção ao horizonte, os Magos souberam que o dia e a hora haviam chegado. Só tiveram de percorrer uma curta distância até a gruta para ver a criança que estava sendo esperada. Eles não trouxeram somente as coisas descritas na narrativa cristã, mas, também a saudação dos mais altos oficiais da Grande Fraternidade Branca, jóias de natureza simbólica para a mãe e o pai, e um rosário contendo um raro emblema para a criança usar no pescoço, a fim de que sempre pudesse ser identificada como o esperado Filho de Deus.

Os Magos, após terem feito a visita oficial à criança, terem entregue seus presentes e transmitido suas saudações, viajaram para o Monte Carmelo e ali relataram o nascimento, deixando instruções com os encarregados do mosteiro e da escola quanto à educação e aos cuidados a serem dispensados à criança durante sua infância. Então esses Magos foram para o Egito e ali fizeram seu relatório aos Altos Sacerdotes e aos Supremos oficiais da Fraternidade.



CAPÍTULO VII: A DATA DE NASCIMENTO DE JESUS

Sempre houve controvérsia a respeito do ano em que Jesus nasceu. Não é meu propósito participar desta disputa, nesta oportunidade. Na verdade, o ano exato, em face dos vários calendários existentes na época e dos que hoje existem, não tem grande importância, pois um determinado ano de um calendário seria diferente do ano calculado por outro. Seria muito difícil, para qualquer pessoa não especializada no assunto, elaborar um calendário que lhe permitisse calcular exatamente o ano em que o nascimento efetivamente ocorreu. É evidente que os autores dos Livros da Bíblia não tinham certeza quanto ao verdadeiro ano -- basta um exame superficial de suas afirmações. No Livro de Mateus, por exemplo, somos informados de que Jesus nasceu no tempo de Herodes, o rei, enquanto que Lucas afirma que Jesus nasceu quando Cirênio era governador da Síria, ou mais tarde. Estas duas declarações diferentes causaram muitas discussões, visto que o reinado de Herodes terminou em 4 a.C., e as autoridades em estudos bíblicos atestam que Cirênio foi governador da Síria de 4 a.C. a 1 a.C., e, posteriormente, em 6 A.D. Mesmo o assunto dos impostos citado nas histórias indica um ano diferente daquele que é comumente aceito como o do nascimento de Jesus.



O ponto mais interessante com relação à época do nascimento, entretanto, diz respeito ao dia do mês e ao próprio mês.

Por muitos séculos depois da época de Jesus, os Santos Padres da primitiva Igreja Cristã e outras eminentes autoridades eclesiásticas não conseguiram chegar a um consenso quanto à data do nascimento de Jesus. Entre os primeiros cristãos, o aniversário da Natividade era celebrado com um grande festival em maio, às vezes em abril, e em outras ocasiões em janeiro. Algumas tradições mais antigas da Igreja Cristã definiram o dia 20 de maio como a data correta, enquanto alguns dos Santos Padres insistiam em que a data real era 19 ou 20 de abril. No quinto século depois de Cristo, o assunto ainda estava sendo discutido e foi nesse mesmo século que a comunidade de Roma convocou um de seus famosos Concílios e tomou uma decisão definitiva, escolhendo a data de 25 de dezembro, ou meia-noite de 24 de dezembro, como a hora verdadeira. Nesta decisão está envolvida uma história mística importante e muito bela.

Os leitores devem compreender que os muitos fatos revelados neste livro, diferentes das versões cristãs autorizadas sobre a vida de Jesus, não são fatos que foram ocultados durante os primeiros dias do cristianismo, pois eram conhecidos por todos os Patriarcas da Igreja Cristã e por todas as autoridades eclesiásticas que participavam de Concílios, de tempos a tempos, e que eram responsáveis pelo estabelecimento de doutrinas, tradições e cerimônias que deveriam se tornar parte oficial da teologia cristã. Os motivos que levaram



aquelas antigas autoridades e Patriarcas a deixar de lado fatos que lhes eram conhecidos e para ocultar das massas certos fatos de excepcional interesse para nós do presente, além de modificar outros fatos transformando-os em falsidades simbólicas, devem ser deixados à intuição do leitor. O ditado popular segundo o qual "os fins justificam os meios" estava, sem dúvida, presente nestas motivações. Encontramos nos escritos dessas antigas autoridades uma declaração repetida muitas vezes, segundo a qual certas modificações e invenções que foram estabelecidas quanto à vida de Jesus seriam "necessidades teológicas". Em outras palavras, para que pudessem utilizar muitas cerimônias antigas e místicas, que os Patriarcas copiaram dos templos do Egito e das doutrinas e práticas dos Essênios e da Grande Fraternidade Branca, eles tiveram de inventar certos pontos e princípios relativos à vida e obra de Jesus, para emprestar consistência a essas cerimônias adaptadas.

Para estabelecer uma nova teologia e muitas novas doutrinas, eles tiveram de ignorar e deixar de parte muitos fatos que não estariam de acordo com suas decisões.

Entretanto, quando se tratava de pontos importantes que deviam ser decididos de forma definitiva, eles se viram forçados a utilizar de antigos princípios e doutrinas há muito estabelecidos e conhecidos como verdadeiras leis espirituais, para que pudessem ter uma base sobre a qual assentar suas decisões. A decisão de considerar a meia-noite do dia 24 de dezembro como a verdadeira hora do nascimento de Jesus foi um destes casos, e a razão da



escolha é extremamente interessante do ponto de vista místico. Mas a decisão estava em conflito com um dos pontos da história tradicional do nascimento de Jesus, ou seja, o de que, na hora do nascimento, os pastores estavam nos campos cuidando dos rebanhos. Os que conhecem as condições da Palestina nessa época do ano, ao final de dezembro, sempre afirmaram ser impossível que os pastores estivessem cuidando dos rebanhos à noite ou em qualquer hora do dia, e que este incidente foi introduzido na história na época em que a crença geral era de que Jesus nascera em abril ou maio.

O grande fato que os Patriarcas tiveram de levar em consideração para chegarem à sua decisão foi o de que, no transcorrer dos séculos anteriores, todos os outros grandes Avatares nascidos de virgens, considerados Filhos de Deus, e conhecidos como Redentores ou Salvadores, tinham nascido no dia 25 de dezembro ou por volta desta data. Outro fato que eles não podiam deixar de levar em consideração era o de que havia uma lei espiritual ou Cósmica para o nascimento daqueles grandes homens no dia 25 de dezembro, segundo a qual nenhum Redentor do mundo poderia ter nascido em qualquer outra época,

Devemos ter em mente que o nascimento de um grande Avatar ou Filho de Deus não é um simples incidente no esquema das coisas, nem um acidente casual de condições. O nascimento de um Avatar resulta de certas leis preestabelecidas no esquema Cósmico, coincidindo com uma série de acontecimentos que culminam no Nascimento Divino. O nascimento Cósmico de Jesus, assim como o de qualquer outro Avatar, é por si mesmo uma história



interessante que não cabe ser exposta neste capítulo, mas para que o leitor se familiarize com as manifestações desta grande lei Cósmica, enumerarei os seguintes fatos extraídos dos registros da Grande Fraternidade Branca: Em primeiro lugar, há uma correspondência entre as íris Espiritual, Cósmica e Mundana, relativa a uma condição universal que se manifesta a 23, 24 ou 25 de dezembro de cada ano. E nesta época que ocorre uma mudança cósmica chamada Nascimento do Deus Sol, a qual era sempre celebrada pelos antigos como o Parto da Rainha Celestial ou a Virgem Celestial da Esfera.

Na Índia, este período era motivo de grande júbilo em toda parte. Muitos séculos antes da Era Cristã, este período de Dezembro era celebrado como um festival religioso, quando as pessoas decoravam suas casas com guirlandas e distribuíam generosos presentes entre amigos e parentes. Este festival religioso de dezembro é tão antigo que suas origens se perdem na obscuridade.

Também na China, muito antes do período cristão, o povo reconhecia esta ocasião do solstício do inverno como sagrado, e no dia 24 ou 25 de dezembro as lojas eram fechadas, como também as cortes de Justiça e locais de atividades comerciais. Entre os antigos persas, as cerimônias mais esplêndidas eram em honra de Mitra, cujo nascimento ocorrera a 25 de dezembro, segundo a tradição.



No antigo Egito, o dia 25 de dezembro foi celebrado por muitos séculos como o aniversário de vários deuses. Encontramos referências destes fatos em todas as histórias das religiões dos povos antigos, como, por exemplo, no livro intitulado "Religião dos Antigos Gregos", escrito por Septehenes, que diz: "Os antigos egípcios fixaram o início da gravidez de Ísis (A Rainha do Céu e a virgem mãe do Salvador Hórus) nos últimos dias de março e estabeleceram a comemoração do parto no final de dezembro."

Em alguns casos, a celebração das datas de nascimento desses deuses antigos era modificada por proclamação, como a data do nascimento de Jesus foi transferida de maio para dezembro. Hoje em dia, a celebração do nascimento de Christna é feita em julho ou agosto.

Na obra de Bonwyck "Crenças Egípcias" encontramos uma confirmação do que contêm os registros Rosacruz. Ele diz em relação a Hórus: "Ele é o grande deus - amado pelo céu. Seu nascimento foi um dos maiores mistérios da religião egípcia. Pinturas representando o fato apareceram nas paredes dos templos. Passava-se pelo adytum sagrado para a parte sacratíssima do templo conhecida como local de nascimento de Hórus. Supunha-se que ele fosse filho da divindade". Na época correspondente ao nosso Natal, sua imagem era retirada do santuário com cerimônias peculiares, tal como hoje a imagem do Bambino ainda é retirada e exibida em Roma.



É interessante ressaltar que a palavra "Bambino" hoje é sagrada para os cristãos, sendo o termo usado para representações do Menino Jesus enfaixado. Em Roma, é costume expor uma imagem do Bambino ao público, na manhã do Natal; a imagem é carregada com grande cerimônia para ser saudada pelo público, em honra do seu nascimento original. Este pequeno incidente da cerimônia cristã romana é apenas uma continuação dos antigos costumes estabelecidos em terras místicas pela Grande Fraternidade Branca.

Osiris, filho da virgem sagrada, ou Nut, nasceu no dia 25 de dezembro; os gregos celebravam na mesma data o nascimento de Hércules.

Baco e Adonis também nasceram a 25 de dezembro. Tertuliano, Jerônimo e outros Patriarcas da primitiva Igreja Cristã que trabalharam tão diligentemente para a formação das doutrinas, cerimônias e credos cristãos, informam-nos em seus primeiros escritos que a cerimônia em celebração do aniversário de Adonis, no dia 25 de dezembro, tinha lugar numa caverna e que essa gruta onde eles celebravam o mistério ficava em Belém, mais precisamente, a mesma gruta em que nascera Jesus. Isto é apenas mais uma confirmação de que a gruta Essênia onde nasceu o Divino Filho de José e Maria fora usada para a celebração de Avatares anteriores, como Adonis. Isto explica porque os Magos sabiam onde encontrar o novo Avatar no dia em que nasceu.

O fato de ser o dia 25 de dezembro festejado em muitas partes como uma data associada ao nascimento do Sol, ao aniversário Cósmico de certas leis



e princípios manifestados pelo Sol, é indicado em muitos registros antigos referentes a celebrações primitivas dos cristãos em Roma. Podemos consultar a obra do Reverendo Sr. Gross, que escreveu com autenticidade e autoridade sobre estes assuntos, e ler o seguinte: "Em Roma, antes do tempo de Cristo, era celebrado um festival a 25 de dezembro, chamado de Natalis Solis Invicti (aniversário do Sol, o Invicto). Era um dia de júbilo geral, marcado por muitas luzes e jogos públicos. Todas as atividades comerciais eram suspensas, declarações de guerra e execuções de criminosos adiadas, os amigos se presenteavam entre si e aos escravos se concediam grandes liberdades."

Também é interessante notar que entre os antigos Germanos, séculos antes do nascimento do Cristo, celebrava-se anualmente, ao tempo do solstício do inverno, um período sagrado chamado Festa de Yule. Na ocasião, todos os acordos eram renovados, os deuses consultados sobre o futuro, sacrifícios eram feitos para variadas divindades e o povo se entregava a uma jovial hospitalidade. Destas cerimônias ainda sobrevive a palavra Yule, que é um nome antigo do Natal, e em muitos países se preserva o costume de queimar a madeira Yule na véspera do Natal. Também vale anotar que a palavra Yule é Noel em francês, e equivale à palavra hebraica ou caldéia Nule. Entre os antigos escandinavos havia uma celebração anual no solstício do inverno, observado como a mãe-noite, sendo a festa chamada Jul. Era em honra de Freyr, Filho Divino do supremo deus e da suprema deusa. A celebração incluía toda sorte de demonstrações de alegria e felicidade e a troca de presentes.



Na Grã-Bretanha e Irlanda os druidas celebravam 25 de dezembro como dia sagrado, e queimavam grandes fogueiras no topo das colinas. Até no antigo México a última semana de dezembro era celebrada como festa sacra, em honra do nascimento de um deus.

O uso de azevinho e hera no tempo do Natal se originou de práticas antigas. Tertuliano, o Patriarca a que me referi anteriormente, ao escrever de uma terra distante para seus santos irmãos, descreveu este costume do uso de folhagens no dia 25 de dezembro, dizendo que era "pura idolatria", descrevendo de que forma eles enfeitavam as portas com "Guirlandas de flores e heras."

Do que foi dito, depreende-se que, quando a Grande Fraternidade Branca do Egito escreveu em seus registros que o dia e a hora do solstício de inverno era o período Cósmico correto para o nascimento dos Avatares, como estava escrito em todas as anotações antigas, ela não estava ordenando uma data ou estabelecendo arbitrariamente, por decreto, um período para a celebração de aniversários, mas simplesmente proclamando o que havia observado e declarando de que forma a lei Cósmica se manifestava. A razão pela qual os Avatares deveriam nascer no solstício de inverno, e a razão pela qual tantos grandes condutores de homens realmente nasceram nessa época, é uma questão que está envolvida com os princípios da reencarnação, ciclos Cósmicos de existência e leis Cósmicas relativas à periodicidade dos estágios da civilização em progresso. O estudo destes pontos não cabe nesta obra





A figura cristã do Bambino, ou Cristo criança. Esta imagem esculpida em mármore ou pedra é exposta nas igrejas na manhã do Natal e deixada à vista dos fiéis desde o Natal até a Epifania. Afirma-se que São Francisco de Assis foi quem deu origem a esta estátua no século treze, mas as pesquisas revelaram que a estátua de um Menino Sagrado semelhante já era exibida no Dia de Natal em muitas terras, antes da Era Cristã.



Naturalmente, os que se interessam pelos profundos princípios místicos e leis espirituais do universo, e que estão ansiosos para saber de que forma eles afetam cada homem e mulher em seu desenvolvimento pessoal e sua harmonização com a Consciência Cósmica, procurarão alguma escola ou sistema que se ocupe de forma abrangente destes assuntos, conscienciosamente e sem preconceitos. Informações desta espécie nunca são vendidas nem publicadas em forma de livro para serem adquiridas pelo público a qualquer preço. Por isto, os buscadores poderão procurar inutilmente nas livrarias ou casas publicadoras particulares ou, ainda, em movimentos comerciais. Somente as organizações como a Ordem Rosacruz, por exemplo, ou outros ramos da Grande Fraternidade Branca em terras estrangeiras, darão ao buscador estas informações sem preço, de maneira pessoal, particular e sem outra motivação além do benefício que cada indivíduo poderá usufruir através de sua instrução, se for considerado digno de receber este conhecimento.



CAPÍTULO VIII: A INFÂNCIA DE JESUS

Na versão cristã autorizada, encontramos dois períodos da vida de Jesus que passam sem qualquer comentário ou detalhes adicionais. Trata-se dos anos que vão de sua infância até o episódio de Seu aparecimento diante dos sábios, na sinagoga, e o período que vai daquela ocasião até o início de Sua missão na Terra Santa, já adulto.

O silêncio da literatura cristã a respeito destes dois períodos foi, sem dúvida, responsável por inúmeras discussões que levaram a críticas severas quanto a toda a história de Sua vida. Além da versão ortodoxa de Seu nascimento, que muitas pessoas rejeitam por não compreendê-la, as duas lacunas na história de Jesus a que nos referimos constituem boas razões para justificar a rejeição do restante. Os que não conseguem aceitar a Imaculada Conceição e o Nascimento Divino de Jesus não hesitam em apontar as duas lacunas na história dos primeiros anos de Jesus como prova de que a verdadeira história da vida de Jesus nunca foi contada.

Os críticos mais acerbados da versão autorizada da vida de Jesus dizem — e têm certa razão em fazê-lo — que, se a Bíblia não apresentasse tantos detalhes e não reforçasse tanto os acontecimentos de Sua concepção e Seu nascimento, a ausência de informações sobre Sua infância e juventude não teriam



importância e não lançariam dúvidas sobre toda a história da parte final de Sua vida. Entretanto, como todos os acontecimentos importantes e também os casuais que levaram ao Seu nascimento, e os ligados ao nascimento em si, foram registrados por tantos testemunhos e glorificados tão minuciosamente, o silêncio sobre Sua juventude passa a ser de certa forma significativo. Com certeza aqueles que sentiram ser o seu dever reunir, registrar e preservar os pontos essenciais e não-essenciais relativos ao nascimento, e tudo que levou a esse acontecimento, devem ter tido acesso aos fatos referentes à Sua infância, fatos que devem ter sido registrados e bem conhecidos por um número de pessoas maior do que as que conheciam os acontecimentos ligados à concepção e ao nascimento de Jesus. Por que, então, o silêncio e a total ausência de detalhes que seriam extremamente interessantes e iluminadores para todos os que cultuam Jesus e procuram valorizar cada fase de Sua vida?

Que fique bem entendido, portanto, que os fatos relativos à infância e juventude de Jesus constam dos registros guardados e mantidos até hoje por grupos de pessoas e por organizações que não se deixaram influenciar pelas imposições dos concílios ou ditames dos sínodos, e que não encontram nesses fatos qualquer coisa que possa diminuir a grandeza e suprema maestria de Jesus, o Cristo.

Estou informado de que alguns fatos referentes à infância e juventude de Jesus se tornaram públicos em várias terras em diferentes épocas, e que esses fatos acabaram participando dos escritos místicos do mundo ocidental. A história completa e os detalhes mais importantes, entretanto, foram



omitidos pelas organizações que tinham um sólido conhecimento do assunto, por acreditarem que seria melhor mantê-los ocultos até que o mundo ocidental estivesse preparado para compreendê-los em toda a sua riqueza e iluminadora significação. Não há motivo para que os fatos em questão não sejam revelados agora, e tenho a satisfação de dizer que as autoridades possuem os registros em seus arquivos, as quais consultei recentemente a respeito da questão, concordam em que a atual inquietação do mundo ocidental com respeito a assuntos religiosos, e especialmente o desejo de muitos milhões de pessoas em conhecerem a vida de Jesus mais completamente, justificam a publicação dos fatos que, pela primeira vez, são divulgados na literatura sacra do Ocidente.

Qualquer estudioso das doutrinas cristãs e toda pessoa dedicada à análise da vida do grande homem que foi Jesus, acha natural que Jesus deva ter sido preparado de modo incomum e que tenha recebido uma educação bastante abrangente. O simples fato de que Ele, muito jovem ainda, tenha surpreendido os homens sábios de seu país por sua capacidade de fazer e responder perguntas que denotavam grande profundidade, prova que durante os primeiros dez ou doze anos de Sua vida Ele fora educado e treinado com excepcional cuidado. Podemos presumir com perfeita lógica e raciocínio que, como Filho de Deus ou mensageiro de Deus, Ele era continuamente inspirado e podia, pelo contato imediato com a Consciência de Deus, encontrar as idéias iluminadoras que expressava. Mas com a mesma lógica devemos acreditar que Ele precisaria ter recebido educação e treinamento em escolas mundanas, que



lhes possibilitariam expressar idéias e pensamentos com palavras, com imagens e em línguas que pudessem ser compreendidas pelos seus ouvintes.

Os maiores mestres da pintura certamente pintaram suas obras-primas sob inspiração. Não obstante, cada um desses mestres teve de ser treinado na técnica de expressar sua inspiração de um modo que transmitisse a idéia, o quadro, de sua mente para outras mentes. Os maiores compositores sem dúvida escreveram suas músicas por inspiração e, segundo eles mesmos disseram, sua música lhes vinha como se fora do Céu; mas estes homens tiveram de ser treinados na técnica de expressar a inspiração que vinha da alma.

Não importa o quão completa e perfeitamente Jesus pudesse ter estado em contato espiritual com a Mente Cósmica e com a Consciência de Deus, Ele teve de passar pelo treinamento, pela educação, e pela prática do uso das palavras e expressão do pensamento que Lhe permitiu dizer as mais belas coisas na mais bela linguagem já falada pelo homem. Não podemos conceber um instrumento destreinado, despreparado e não educado, expressando tais pensamentos e fazendo as coisas que Ele fez, mesmo que o fosse sob o mais perfeito contato inspirador, sem preparação e treinamento.

O argumento segundo o qual este treinamento, esta preparação em escolas mundanas, nas mãos de professores, instrutores, conselheiros e guardiões terrenos, enfraqueceria o conceito de sua Divina Filiação, é



absolutamente absurdo. Que razão temos para pensar que a mãe de Jesus não ensinou seu pequeno filho a caminhar ou a comer? Ou devemos presumir que estas coisas foram divinamente inspiradas Nele, e que desde o nascimento Ele conhecia estes detalhes? Afinal de contas, não será a questão de andarmos eretos em vez de engatinharmos algo ligado à sabedoria e à ordem terrena e não um regulamento do Cósmico, uma ordem de Deus a ser inspirada por Ele na mente ou consciência de todos os seres? Não é o uso de certas palavras, de certas línguas, e o agrupamento dessas palavras em frases gramaticais, o resultado de regras e regulamentos humanos em vez de leis e princípios Cósmicos? Se estas coisas são produtos de ordem terrena, então devem ser adquiridas através de homens terrenos, devem ser ensinadas por homens.

É bastante certo que ensinaram Jesus a falar hebraico, aramaico e grego, pois não podemos conceber que Deus tenha inspirado o conhecimento dessas línguas na consciência de Jesus sem que este passasse por uma educação terrena; por que Deus teria escolhido estes três idiomas para servirem de instrumento de comunicação daquele que se destinava a ser um Redentor de todos os povos de todas as terras, que falavam muitas outras línguas? Ora, se Jesus teve de aprender a falar e pregar em diversas línguas, a interpretar a inspiração de Sua alma através de palavras e sons que tivessem significado para os demais, não há razão para se duvidar de que Ele também aprendeu outras coisas necessárias para realizar Sua grande missão. Tudo que acabamos de dizer teve o propósito de apresentar a lógica e a racionalidade de Sua educação, e não o de tentar



provar que Ele foi educado. Existem inúmeros registros sobre como e onde Ele estudou, e é disto que trataremos a seguir.

Em primeiro lugar, já demonstrei que Jesus nasceu no seio da família de dois Essênios devotos, numa comunidade Essênia. Isto, por si só, já representava suficiente garantia de que a criança receberia a mais aprimorada educação existente na Terra, naquele tempo. As escolas preparatórias dos Essênios tinham condições de oferecer a qualquer criança uma educação excelente nas mãos de professores e mestres treinados em muitas terras e elevados aos mais altos graus de realização ética e literária; acrescente-se a isto que as associações e ligações que os Essênios mantinham com outros ramos em terras estrangeiras garantiam uma educação bastante ampla e liberal a este Filho de Deus, o especial tutelado da Fraternidade Essênia.

Ficamos sabendo pelas narrativas sobre Seu nascimento que os Magos, os homens sábios e eruditos dos templos de mistérios e principais instrutores dos mais elevados princípios educacionais, vieram ao local de nascimento de Jesus para lhe prestar homenagem, por ser Ele o Avatar do novo ciclo. Este reconhecimento por parte dos grandes Magos indica que a criança já era aguardada pela Fraternidade e pela Grande Loja Branca em todas as terras, e seria orientada e protegida por toda a Sua vida. Aceitar a hipótese de que os Magos prestaram homenagem e adoração Aquele que eles reconheciam como o grande e esperado líder da humanidade, e não mostraram qualquer interesse posterior por Sua educação, desenvolvimento e treinamento, nem



desempenharam qualquer papel em Sua vida, é aceitar algo que representaria um mistério maior que qualquer outro ângulo da vida de Jesus, tal como é apresentada na versão cristã autorizada.

Dissemos que ao tempo do Nascimento de Jesus os Essênios constituíam uma grande comunidade na Galiléia, e que tinham hospitais e casas de refúgio em várias partes da Palestina, destinadas ao cuidado dos pobres e necessitados. Eles também mantinham o Templo Supremo no distante Egito, além de templos menores na Palestina e outras regiões. Devo agora apontar um outro fato, mantido em segredo por muitos séculos, que provavelmente explicará muitas referências estranhas encontradas na literatura dos cristãos e outras seitas.



Os Nazarenos, Nazaritas e Essênios haviam unido seus interesses quanto a um objetivo essencial, o qual foi citado por muitas autoridades das histórias sacras e por enciclopédias, como um dos interesses comuns que ligavam entre si os Nazarenos, Nazaritas e Essênios. Tratava-se da manutenção de uma grande escola, universidade e mosteiro no Monte Carmelo. A introdução deste local histórico na vida de Jesus pode surpreender muitos de meus leitores, razão pela qual um breve resumo da história do Monte Carmelo será não só apropriado, mas também valioso para os que desejem fazer maiores pesquisas neste campo.



Exatamente quando o Monte Carmelo se tornou um local secreto e sagrado para a manutenção de uma escola para místicos, isolada e protegida, pertencente à Grande Fraternidade Branca, não se sabe com certeza. Os incidentes históricos mais antigos, de natureza religiosa, ligados ao Monte Carmelo, são os relativos às vidas de Elias e seu filho. Antigos documentos judaicos, além de muitos escritos preservados pela Igreja Católica Romana, que mais tarde se interessou muito pelo Monte Carmelo, revelam que desde o mais primitivo período conhecido da história deste Monte, houve ali um tabernáculo, mosteiro ou templo de alguma espécie e que, quando Elias se dirigiu a este Monte para ali realizar as muitas maravilhas que foram registradas a seu respeito, nele fundou um templo e um altar. Também sabemos, por referências encontradas em vários registros, que muitos grandes mestres da Grande Fraternidade Branca passaram uma parte de suas vidas nesta montanha, em seu templo ou mosteiro.

O próprio Pitágoras passou algum tempo ali; na história de sua vida, o retiro do Monte Carmelo é descrito como "sagrado acima de todas as montanhas e proibido ao acesso do vulgo". Nos próprios registros da Igreja Católica, que traçou cuidadosamente a história do Monte Carmelo, há referências ao fato de que em tempos antigos, a santidade do Monte Carmelo parece ter sido conhecida por outras nações além de Israel; tanto que na lista de lugares conquistados pelo rei egípcio Tutmés III, o número quarenta e oito fala do "Santo Cume" do Carmelo, provavelmente o mesmo". Os estudiosos da história Rosacruz sabem que Tutmés III foi um dos grandes fundadores das antigas escolas de mistério



egípcias e um líder do movimento que se transformou na Grande Fraternidade Branca. Os registros Rosacruz também indicam que Tutmés III conquistou o Monte Carmelo em 1449 a.C. e entregou-o aos cuidados dos que procuravam manter neste local isolado uma escola e um mosteiro destinado aos ensinamentos místicos.

E fato bem conhecido que Elias era Nazareno e Essênio, e que tanto os registros judaicos como os católicos romanos a ele se referem como tal. Este único fato seria suficiente para indicar a natureza das demonstrações realizadas por Elias no Monte Carmelo, e a natureza do mosteiro e do templo mantidos no cimo da montanha.

Em muitas listas, escritos e papéis dos antigos escritores eclesiásticos, encontra-se a menção de um "Apocalipse de Elias", apócrifo, havendo citações do mesmo em Coríntios (1) 2:9, e outras passagens da Bíblia. O antigo Livro de Elias ou Apocalipse de Elias era conhecido pelos místicos da Grande Fraternidade Branca, sendo do conhecimento de todos os Rosacruz Orientais que se trata de um registro muito sagrado da antiga história e dos ensinamentos dos Essênios e Nazarenos. Nos primeiros séculos da Era Cristã e durante a vida de Jesus, o Apocalipse de Elias era bastante conhecido e utilizado nas aulas dos membros mais avançados da organização. Mas, como ocorreu com muitos outros registros valiosos e iluminadores, relativos aos ensinamentos mais secretos, o Apocalipse de Elias deixou de pertencer ao domínio público e se "perdeu".



Em 1893, entretanto, o famoso historiador Maspero, ligado à Ordem Rosacruz do Egito, encontrou uma tradução copta do Livro de Elias em um dos mosteiros da Fraternidade no Egito Superior. Desde então, diversas traduções em outras línguas foram descobertas nos arquivos da Grande Fraternidade Branca, trechos das quais passaram a fazer parte dos ensinamentos mais elevados dos Rosacruzes, em edições recentes. O Livro em questão e outros registros Rosacruzes muito nos ensinam sobre o estabelecimento de mosteiros e escolas em Carmelo, conhecidos como "escola de profetas" ou "escola dos Essênios".

Com o passar dos anos, a freqüência à escola e ao mosteiro no Monte Carmelo tornou-se tão grande que surgiu ali uma comunidade, composta de estudantes, os quais adotaram uma forma própria de se vestir e permaneciam a vida inteira dentro dos limites do mosteiro, a não ser nos períodos em que viajavam a outras terras como missionários. Foi naquele local que muitos antigos manuscritos foram traduzidos e ilustrados em pergaminho e enviados para os vários arquivos da Grande Fraternidade Branca em todo o mundo. Uma biblioteca maravilhosa foi mantida em Carmelo por muitos séculos. Alguns membros desta comunidade estiveram presentes por ocasião do primeiro sermão de São Pedro no Pentecostes, e construíram uma capela em honra do evento. Muitas outras estruturas históricas existiram ali, como o El-Khadr, a escola dos profetas, El-Nuhraka, local tradicional do sacrifício de Elias, a Gruta de Elias e o próprio mosteiro.



Cerca de quatrocentos anos após o início do período cristão, o mosteiro e a escola do Monte Carmelo foram abandonados, deixando de ser o principal centro educativo da Grande Fraternidade Branca; a esplêndida biblioteca e seus milhares de manuscritos e registros foram transferidos para o mosteiro secreto no Tibete, onde continuam a ser preservados e onde é mantida a maior de todas as escolas de misticismo e literatura sagrada.

Alguns séculos após o abandono do Monte Carmelo, uma Ordem de monges ali se estabeleceu; os membros dessa organização afirmavam ser descendentes dos membros da organização original, embora declarassem que eram, ao mesmo tempo, fiéis da Igreja Católica Romana.

A afirmação causou muitas discussões que duraram vários séculos e foram finalmente resolvidas pelo Papa Inocêncio XII, em 1698. Ele decidiu que a afirmativa sobre a sucessão direta não era correta e que a nova organização não tinha qualquer ligação com a antiga organização carmelita.

Segundo os registros Rosacruz, verificamos que, no sexto ano de Sua vida, o pequeno Jesus foi levado ao Monte Carmelo e ali iniciou Sua preparação e treinamento, como Filho de Deus e Avatar. Não há dúvidas quanto à autenticidade desta informação. A mesma está registrada em muitos lugares diferentes e de muitas formas diferentes; está confirmada por tantos incidentes posteriores de Sua vida que nenhum questionamento do fato pode ser levantado racionalmente. Os registros dizem também que, sendo Jesus um



estudante capaz e talvez incomumente brilhante, Ele recebeu todos os privilégios especiais que a organização, tanto na Palestina como no Egito, poderiam conceder a um aluno que se sabia ser um tutelado especial e o maior dentre eles. Também consta nos registros que Jesus não foi matriculado na escola com o nome de Jesus e sim com o de José, o que representa mais um fato interessante para os que se interessam por conhecer os detalhes mais íntimos de Sua vida.

E comum entre os estudiosos da Bíblia acreditar que o nome de Jesus foi dado ao tempo da circuncisão, segundo os costumes da terra. Isto se fundamenta no fato de que Ele foi chamado Jesus mais tarde na vida e porque antes de Seu nascimento já se dizia que seu nome seria ou deveria ser Jesus. O Evangelho de São Lucas nos conta a história familiar de como um anjo apareceu a Maria e lhe disse que a criança por nascer seria chamada Jesus. Entretanto, esta declaração e a de São Mateus são profecias. Eles simplesmente dizem que Maria dará à luz uma criança que será chamada Jesus. No registro histórico apresentado no Capítulo V deste volume, vemos que Maria foi informada de que "a santa criatura que de ti nascerá será chamada Filho de Deus e obterá o nome de Jesus".

Em nenhuma passagem da Bíblia Cristã encontramos a afirmação de que Ele deveria ser batizado como Jesus ao tempo da circuncisão, mas encontramos uma referência a esta aposição de nome, na ocasião da circuncisão, no Evangelho da Infância de Jesus. Essas referências foram acrescentadas a



esses Evangelhos com base na suposição de que o nome que Ele usou mais tarde na vida era o mesmo que lhe fora dado na circuncisão. Os Evangelhos foram escritos muito depois do tempo em que Jesus viveu, e contêm inferências e suposições semelhantes, destituídas de base. Desde o tempo em que os discípulos encontraram Jesus ou tomaram contato com Ele, até o final de Sua vida, Ele foi conhecido como Jesus e este era o nome que usava. Como eles não O haviam conhecido antes de adotar este nome, não tinham motivos para pensar que Ele podia ter usado qualquer outro. O fato de esse nome ter sido predito e de Ele o ter eventualmente obtido ou adotado nos leva a investigar o significado do nome Jesus.

Sabemos que a palavra "Cristo" vem da palavra grega "Christos", que significa "Messias". Verificamos que a palavra "Christos" foi introduzida em outras nações quando se fez a tradução dos Setenta (Septuagint) cerca do ano 100 a.C., e que foi usada para traduzir a palavra Mashiach, cujo significado é "o ungido" ou, em sua forma mais completa, Meschiach, que significa o "ungido de Jeová". Ciro foi chamado "o ungido" e no Salmo CV:15 a forma plural é aplicada aos patriarcas, "os ungidos". No Antigo Testamento, a palavra "ungido" limita-se ao significado de Rei Judeu, exceto nos casos de Ciro e dos patriarcas; estas exceções provam que a palavra "ungido" podia ser usada para descrever um grande homem em conceitos superiores. A palavra (ou título) "Christos" havia sido usada nas escolas de mistério e no Oriente como nome e título de Avatares anteriores a Jesus.



Voltando à versão dos Setenta, verificamos que a palavra grega "Christos" deriva, originariamente, do nome de uma das divindades egípcias. Havia o antigo Hermes, cujo nome foi erroneamente traduzido como "Hiram de Tiro", aquele que construiu o templo sem que houvesse ruído de martelos ou picaretas. A forma latina deste nome é Mercúrio, a forma grega Hermes e a forma egípcia Tachut. Ora, em hebraico, a palavra "Tachath", ocasionalmente pronunciada "Thoth" em grego, significa "sob" e "embaixo". Tot (Thoth) era o Senhor ou Deus de Maa, ou seja, Maa ou Maat dos egípcios, cujo significado é "verdade". Maa kHeru, que significa "palavras verdadeiras" é a base para a forma grega "Mercúrio".

A letra ou ditongo egípcio "kH" é geralmente transcrito como X e o X grego, por sua vez, é geralmente transcrito como "ch". O kHeru dos egípcios seria, portanto, "cheru" ou "Ch-R". Estas últimas letras formam o famoso "XP", o criptograma dos primeiros cristãos que vi, pessoalmente, traçado nas Catacumbas de Roma.

E de crença geral que este "XP" se referia a Cristo, em todos os registros históricos cristãos; no Evangelho Grego de João, Jesus é chamado o Logos, palavra que tem significado semelhante. Vemos, portanto, que o termo "Cristo" era um título a ser aplicado especificamente a alguém que tivesse um nascimento especial e fosse divinizado como mensageiro de Deus.



A palavra "Jesus" tem a mesma interpretação. A antiga forma hebraica da palavra, tal como é encontrada no Antigo Testamento, é Joshua, ou Jeshua, muitas vezes abreviada para Jesu. A forma grega é responsável pelo acréscimo do S final. A forma hebraica de Jeshua significava, originariamente, ajudado por Jeová, e a forma hebraica mais moderna significa "libertar" ou "salvar". A palavra Jesus, portanto, veio a ter o significado de "salvador".

Nos Evangelhos Sinóticos, a princípio não encontramos os discípulos chamando seu mestre pelo nome de Jesus, e sim pelo nome de "Rabbi", cujo significado é "professor" e pelo nome de "Adonias" que significa "mestre", além de outros títulos que denotavam respeito e amor.

O registro de Sua entrada na escola do Carmelo mostra que Ele foi matriculado como José, filho de Maria e José, reencarnação de Zoroastro, o "Filho de Deus". Como e quando Ele obteve o nome de Jesus será explicado em outra parte deste livro.



CAPÍTULO IX: JESUS INICIA SEU SACERDÓCIO

O único comentário direto a respeito da parte inicial da vida de Jesus que podemos encontrar nas histórias populares de Sua passagem na Terra nos dá conta da impressão maravilhosa por Ele causada nos eruditos doutores e mestres de Jerusalém, quando tinha treze anos. Os fatos reais relativos a esta visita a Jerusalém são mal interpretados e erroneamente apresentados, por falta de conhecimento do que efetivamente ocorreu, mesmo entre os mais avançados teólogos cristãos e autores de quase todas as histórias de Sua vida.

Já mencionei anteriormente que Jesus e Seus pais viviam como gentios no distrito gentio da Palestina, mas tinham de obedecer aos costumes e regulamentos judaicos da terra. Um desses regulamentos estabelecia que, de acordo com a estrita lei judaica, era obrigatório para todos os meninos que atingissem o décimo terceiro ano de vida comparecerem a uma das festas de Jerusalém. O menino deveria se apresentar oficialmente, sob certas condições e em determinado local, e assistir a uma cerimônia religiosa, para então tornar-se um "Filho do Mandamento" ou "da Tora". A época mais comum para essa visita era a Festa Pascal, após ter o menino passado pelo décimo segundo aniversário. De acordo com a história, os pais de Jesus O levaram junto com seus outros filhos a Jerusalém, na companhia de outros Nazarenos. O texto da versão cristã parece indicar que "costumavam ir" ao templo. Evidentemente, trata-se de um



erro por parte dos autores ou dos tradutores, pois sendo gentios, os pais de Jesus não costumavam assistir a todas as festas e cerimônias da igreja judaica; a lei só exigia que o fizessem os ortodoxos e os afiliados que seguiam de todo o coração a religião judaica. Como Jesus era o primogênito da família, sendo, portanto, o mais velho, era o único dos filhos de Maria e José a ter alcançado a idade em que essa visita se tornava compulsória; podemos presumir, portanto, que esta deveria ter sido a primeira vez que prestavam obediência à lei em questão. Descobri que até alguns dos maiores críticos da literatura cristã concordam em que a expressão "costumavam ir", no original, deveria ser interpretada no sentido que coloca o particípio no tempo presente e não no aoristo. Podemos depreender a satisfação de Maria e José em tirarem partido desta primeira oportunidade de visitarem o Santuário Sagrado em Jerusalém e de trazerem seu maravilhoso filho à presença dos oficiais que conduziriam um exame formal.

A Festa Pascal de Jerusalém era realizada na primavera e Capônio desempenhava as funções de Procurador, enquanto Anás era o Sumo Sacerdote do templo. Partiu a santa família da Galiléia, acompanhada de outros gentios, Nazaritas, Nazarenos, Essênios e alguns judeus, cantando enquanto caminhavam e transformando a ocasião numa festa de gala. As fileiras desses viajantes eram engrossadas por outros grupos festivos que se uniam a eles entoando os Salmos da Ascensão, acompanhados pelo som de flautas e, sem dúvida, discutindo os princípios espirituais da cerimônia a que iam assistir. Foi



uma longa viagem, pelos padrões de hoje. Não faz muito tempo fiz o mesmo trajeto num automóvel veloz, indo de Nazaré a Jerusalém, e a mesma viagem durou quase um dia inteiro. Por toda essa bela região da Palestina que os peregrinos tiveram de atravessar, composta de colinas e vales, magnificamente coloridos pelo verde típico daquela terra, e pontilhados de flores, era possível reconhecer a marca dos antigos caminhos que levavam ao alto das colinas e para os vales, formando uma linha quase reta entre o local hoje conhecido como Nazaré e Jerusalém, e que eram palmilhados pelos peregrinos do passado. Ainda hoje os habitantes daquele país caminham ou cavalgam seus burros pelas mesmas trilhas, vestidos com trajes semelhantes aos do tempo de Cristo, transportando-nos aos séculos passados.

Quando os exaustos peregrinos finalmente alcançaram os portões de Jerusalém, a questão de encontrar um teto e outras necessidades deve ter representado um grande problema, pois a Festa atraía quase toda a população da Palestina a Jerusalém e seus arredores, por três ou quatro dias. Os Essênios, Nazarenos e Nazaritas eram afortunados porque havia, junto aos portões e arredores, casas e construções especiais dos Essênios e Nazarenos, destinadas ao cuidado de seu próprio povo e dos peregrinos e estrangeiros que careciam de seus préstimos.

A cena deve ter parecido gloriosa para o jovem Jesus, que talvez estivesse fazendo a primeira viagem longa de Sua vida. A escola do Carmelo ficava a curta distância das aldeias da Galiléia, em comparação com a longa



distância até Jerusalém; podemos visualizar facilmente o quanto o menino deve ter se impressionado à vista de tantos peregrinos, com os cantos, a música das flautas, os que oravam à margem dos caminhos, a excitação geral e, finalmente, as saudações e os preparativos ao chegarem às portas de Jerusalém.

São tão poucas as informações sobre o Templo e o Santuário onde ocorreu a Festa a que Jesus assistiu, que me parece justificável dizer umas poucas palavras sobre o lugar. Quando os peregrinos chegavam ao local do Templo, tinham de subir a um monte encimado por elegantes construções de proporções simétricas e que podiam conter nada menos que duzentas mil pessoas dentro de seus muros. O monte sobre o qual se erguiam as edificações se elevava abruptamente do vale, como uma ilha que se eleva do mar. Em torno dele, no verde do vale, havia uma massa de muros, palácios, casas e ruas que refletiam a luz brilhante do Sol em seus alvos mármore e seu ouro rutilante. Cerca de mil pés quadrados do monte eram ocupados pelo Santuário e Templo. No ângulo noroeste e ligado à estrutura principal, ficava o Castelo de Antonia, ocupado pela guarnição romana. As majestosas muralhas eram fendidas por maciços portões. Um portal em desuso, conhecido como Tedi, ficava ao norte; a leste ficava o portão Susa que se abria para o caminho em arcos que demandava o Monte das Oliveiras. Também havia os dois portões Huldah, ligados por túneis que iam do subúrbio dos sacerdotes, Ophel, ao pátio externo; a oeste havia mais quatro portões.



O grande átrio era rodeado por colunatas duplas, e bancos espalhados para os que quisessem orar ou conferenciar. As duplas colunatas ao sul, com um largo espaço entre elas, eram as mais grandiosas. A colunata do leste era a mais venerável, conhecida pelo nome de "Pórtico de Salomão". Ao entrar no átrio pela ponte sob a torre de João, o peregrino passava pela colunata sul em direção à extremidade oriental, onde se erguia uma torre conhecida pelo nome de Pináculo, citada na história da Tentação. Deste majestoso pináculo, a cada manhã os sacerdotes esperavam o nascer do Sol e o anunciavam; a quatrocentos e cinquenta pés abaixo da torre abria-se o vale Cedron. Na área circundada pelas colunas ficava o templo, onde se congregava o primeiro e mais inferior dos Sinédrios; o segundo átrio ou tribunal intermediário de apelação era chamado Átrio dos Sacerdotes; a terceira e mais alta das cortes conhecida como o Grande Sinédrio, também era freqüentemente chamada de "sala das pedras lavradas em quadrados".

Deixando as colunatas e pórticos entrava-se no átrio dos gentios, chamado pelos judeus de Monte da Casa, mais amplo no lado ocidental. Este era chamado chol, ou local profano para o qual os gentios se retiravam durante a Festa; ali também estava o mercado, onde se vendiam vários artigos necessários e onde ficavam os cambistas. Nesta parte reservada aos gentios havia um muro marcando o espaço além do qual nenhum gentio nem outra pessoa que não fosse estritamente ortodoxa podia ir. Os gentios, incluindo Essênios, Nazarenos,



Nazaritas e os que não adotavam completamente a fé judaica, tinham de reunir-se no lugar especial a eles destinado.

O Santuário propriamente dito ficava num terraço acima do Átrio dos Sacerdotes. Doze degraus levavam a seu pórtico onde, em câmaras separadas, guardava-se todo o necessário para os sacrifícios. Um portal de doze folhas se abria para o Santuário, que era dividido em duas partes. O local sagrado tinha o castiçal dourado no sul, e a mesa dos Pães da Proposição ao norte, ficando entre eles o altar de ouro para o incenso. O Véu místico tantas vezes citado em relação aos templos de mistério do Egito, e do qual se originou o Véu do santuário judaico, ocultava a entrada para o Santo dos Santos, um espaço vazio no templo, onde nada havia a não ser a lousa de pedra, o Eben Shethyah, ou pedra angular, que segundo a tradição cobria a boca do abismo sobre o qual o mundo fora edificado.

Estes poucos detalhes não podem dar uma idéia correta da vastidão das edificações do templo; em torno do santuário e dos átrios cercados de colunatas havia muitas câmaras e construções externas que serviam a diferentes finalidades ligadas aos cultos.

Foi no setor destinado aos gentios que José e Seus pais, com os demais integrantes de sua classe, se reuniram. Os gentios só tinham obrigação de estarem presentes nos dois primeiros dias da Festa. No terceiro dia eram realizadas cerimônias especiais para os que fossem estritamente ortodoxos; para



os demais participantes, o terceiro dia e os dias seguintes eram chamados "dias meio-santos" e a lei permitia que todos voltassem para casa se desejassem ou precisassem. Foi nesta ocasião que José foi levado à presença dos doutores, logo após a cerimônia, para ser examinado e questionado. Certamente havia muitas outras crianças de Sua idade presentes nesta ocasião, e as perguntas foram certamente as mesmas para todas; entretanto, reza a tradição que as respostas de José provocaram um grande interesse por Ele, e que depois que as perguntas usuais foram feitas a todas as crianças e seus pais haviam se retirado com elas, o jovem José foi retido para ser submetido a perguntas e exames adicionais.

Os registros nos dizem que nos últimos dias da Páscoa, após a Festa propriamente dita ter sido realizada e as cerimônias usuais terminadas, era costume dos doutores do Templo-Sinédrio saírem para o terraço do Templo e ali pregarem ou discutirem certas doutrinas e conduzirem um fórum, ou, ainda, fazerem perguntas àqueles que se mostrassem especialmente interessados. Foi numa reunião assim, conduzida informalmente no terraço, que José foi encontrado, depois de seus pais terem iniciado a viagem de volta com os outros filhos e perceberem sua ausência, conforme reza a versão cristã da história.

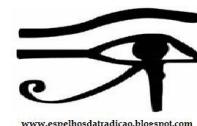
Como já esclareci, nada havia de extraordinário no fato de uma ou mais crianças serem retidas pelos doutores, para serem inquiridas de forma especial. Muitos autores de histórias da vida de Jesus e muitas autoridades cristãs que analisaram este incidente de Sua vida tentaram especular a respeito da natureza das perguntas e respostas que atraíram as atenções dos doutores



para Jesus. Alguns deles concluíram que Jesus tomou parte nas aulas científicas normais, chamadas Kallah, durante as quais não só os doutores, mas também os mais analíticos eruditos judeus discutiam as doutrinas, práticas, costumes e hábitos da igreja judaica. Essas discussões requeriam preparativos cuidadosos por parte dos Rabinos ou doutores que faziam as palestras, e um considerável conhecimento do Talmude por parte dos participantes.

Muitas dessas discussões versavam sobre o estabelecimento de novas regras e regulamentos e sobre a interpretação oficial das regras do judaísmo. Por exemplo, o grande Hilel tomou parte de um debate nessa mesma corte a respeito da conveniência ou não de se celebrar a Páscoa num sábado; usando de sua lógica impecável, provou que era apropriado, recebendo honras pelos serviços prestados quanto a este problema.

E difícil acreditar que o jovem José pudesse ou desejasse participar dos debates que eram comuns na Kallah, mesmo que os sábios doutores O considerassem com idade e preparo suficientes para fazer parte dos mesmos. Além disto, o fato de José ser gentio e não pertencer à fé ortodoxa estrita O teria impedido de participar da aula. Outro ponto: as aulas em questão eram ministradas no último mês do verão (Elul), antes da festa do Ano Novo, e no último mês do inverno (Adar), pouco antes da festa da Páscoa — e era primavera quando José participou da Festa Pascal.



Outra hipótese de alguns teólogos é a de que os pais de José, sabendo que o menino estava perto de começar um novo ciclo de Sua vida, O tivessem informado sobre seu Nascimento Divino e sua condição de Filho de Deus, e que Ele, por sua vez, teria contado estes fatos aos eruditos doutores do templo, com eles discutindo os importantes princípios ligados ao assunto. Esta explicação é ainda menos aceitável que qualquer outra, simplesmente porque o jovem José tinha ido ao templo para obedecer uma lei que deixava bem claros os procedimentos e finalidades da ocasião; de nada Lhe teria valido argumentar em favor de Sua predestinação especial. E bastante duvidoso que os doutores reunidos naquele átrio Lhe dessem permissão para fazer qualquer pedido ou dar explicações sobre Seu próprio lugar Divino na vida, e certamente não deixariam de lado suas ocupações para ouvir uma apresentação tão singular.

ORDEM ROSACRUZ

Podemos entender completamente o que aconteceu se examinarmos as circunstâncias do fato e reconstruirmos toda a cena. Os jovens da Palestina eram conclamados a comparecer ao templo no décimo terceiro ano de vida, para participar da Festa Pascal, e por este ato prestar obediência à lei religiosa judaica. Tratava-se de um registro puramente formal que permitia à igreja ter uma lista completa daqueles que haviam atingido a idade com que podiam ser registrados como seguidores ou não da fé judaica.

Nada mais natural, portanto, que antes de receberem permissão para participar da Festa, esses jovens fossem inquiridos de forma categórica, respondendo a uma lista de perguntas que revelariam a fé religiosa e as idéias



de cada candidato. As mesmas perguntas tinham sido feitas durante muitos anos, e eram consideradas um catecismo comum. O catecismo para os gentios era diferente do usado para os estritamente ortodoxos e nascidos na fé. Em outras palavras, as perguntas feitas aos que se reuniam na parte gentia eram diferentes das que eram feitas aos jovens reunidos na parte ortodoxa.

Nossas crônicas indicam que José tinha sido de certa forma preparado, por Sua educação no Carmelo e por Seu contato com os judeus ortodoxos, para responder as perguntas destinadas a um gentio durante as festividades.

Acreditava-se que só Lhe seriam feitas as perguntas usuais e que Ele as responderia corretamente, motivo pelo qual Seus pais o deixaram sozinho na classe destinada aos jovens, enquanto se dirigiam a um edifício próximo onde os gentios adultos passavam por um exame diferente, em preparação à participação formal na Festa Pascal. Provavelmente eles esperavam que José, depois de ser examinado e ter entrado no Santuário com os outros jovens, viria reunir-se a eles no átrio externo, para juntos regressarem ao lar.

De acordo com a história, os pais iniciaram a jornada de volta com seus outros filhos e um grupo de outros que se dirigiam para a Galiléia; só quando já estavam a uma boa distância é que perceberam que José não estava no grande grupo de peregrinos. O fato de Sua ausência não ter sido notada durante a primeira parte da viagem indica que eles confiavam em que José sabia



cuidar de Si mesmo e defender seus próprios interesses, enquanto eles se preocupavam mais em tomar conta dos membros mais jovens da família.

O fato de que o jovem José era bem educado, incomumente vivido, mentalmente, e em todos os sentidos preparado para cuidar de Si mesmo, é comprovado não só pelo incidente de que estamos tratando mas também pelo que efetivamente ocorreu em Jerusalém. Consta dos registros que, durante o exame formal, enquanto José respondia as perguntas categóricas que eram feitas a todos os jovens, Ele ofereceu explicações a respeito de alguns pontos da doutrina sob um novo ângulo, com uma compreensão mais ampla e um idealismo mais elevado quanto ao lado místico das questões teológicas. Isto surpreendeu de tal modo os doutores que eles pediram a José que ficasse até que a classe terminasse e todos tivessem partilhado da Festa Pascal. Então Ele foi levado à presença de um grupo de eruditos do Grande Sinédrio e novamente questionado, após o que Lhe pediram que ficasse no recinto do templo até o dia seguinte, quando seria entrevistado por um tribunal composto de grandes oficiais, Sumos Sacerdotes e professores eruditos. Foi ali que o jovem José foi encontrado por Seus pais, no terceiro dia.

Revendo os registros, descobri que o jovem José não enfatizou de modo algum a sua Divina predestinação como Mensageiro de Deus nem se referiu de modo particular à missão preordenada de Sua vida. Ele revelou, isto sim, que era um estudante especial dos Essênios no Monte Carmelo, e que era Sua intenção cumprir os propósitos da Fraternidade e visitar as escolas de instrução mais



elevada em terras estrangeiras, inclusive a academia e escola de mistério em Heliópolis. Não há nenhuma informação clara sobre o que isto poderia ter indicado aos doutores judeus. Uma pergunta feita ao jovem José indica que eles imediatamente imaginaram que Ele seria um líder escolhido para realizar o trabalho futuro de Sua Fraternidade. Mas isto, isoladamente, não teria despertado qualquer curiosidade ou interesse especial por parte dos doutores, e parece claro que não lhes provocou qualquer antagonismo; eles não expressaram qualquer idéia quanto à recusa do jovem José em nada mais fazer a não ser aceitar o mandamento formal que O tornava um judeu adotado do país.

A surpresa e o vivo interesse dos doutores se fixaram na incomum compreensão intuitiva do jovem José a respeito dos princípios religiosos, teológicos e místicos, e Sua exposição muito clara das leis espirituais. Por este motivo eles se espantaram com Sua "compreensão intuitiva integrada" ou singular inteligência espiritual e suas "respostas lúcidas".

Se o jovem José revelou aos doutores alguns dos princípios ensinados pelos Essênios e era o excelente estudante que a Fraternidade registra em seus anais, então Ele deve ter realmente assombrado os doutores do templo, que eram versados apenas nos ensinamentos tradicionais de sua própria fé e desconheciam as idéias novas e mais elevadas ensinadas nas escolas da Fraternidade.



Sabemos, entretanto, que José efetivamente revelou em termos bastante positivos que em poucos meses terminaria os cursos preliminares de instrução da escola do Carmelo, e que, segundo as regras e regulamentos da organização, Ele deixaria a Galiléia no início do outono para freqüentar escolas estrangeiras, e que não retornaria à Galiléia por muitos anos. Isto serviu para explicar Suas razões para nada mais fazer além de obedecer formalmente a lei do registro e não prometer freqüentar as sinagogas regularmente e tornar-se um verdadeiro discípulo da fé judaica. O fato de ter sido circuncidado O tornava potencialmente judeu, no que se referia à preparação básica para admissão na fé judaica de um gentio, mas não havia qualquer meio de a igreja judaica forçar este jovem ou qualquer outro gentio a se tornar seguidor ortodoxo da religião judaica.



O jovem José não foi o primeiro rapaz ambicioso do país a dirigir-se ao Egito e outras terras em busca de uma educação mais aprimorada ou para entrar em contato com as experiências mais amplas da vida; por isto, Sua determinação de viajar para educar-se melhor não causou qualquer surpresa aos doutores. Mas Sua atitude, Sua maneira livre e segura de falar de Seus planos, esta sim surpreendeu aqueles homens acostumados a receber dos jovens da terra grande consideração e muito menos espírito de independência.

Assim, quando os pais de José O encontraram sentado entre homens sábios, e conseguiram chamá-Lo de parte para Lhe dizer o quanto tinham se preocupado e entristecido ao perceber Sua ausência, Ele pode ter dado a



resposta que a literatura cristã tornou famosa, mas que não consta de nossos registros. Se Ele realmente disse que tinha estado ocupado cuidando dos negócios de Seu Pai, podemos compreender que Ele estivesse se referindo a todo o esquema de Sua vida. Certamente Ele deve ter sentido que estava tratando dos assuntos do Pai ao deixar clara aos examinadores a natureza de Suas crenças e convicções, que davam motivo a que viajasse para outras terras e impedia que se tornasse um devoto freqüentador das sinagogas palestinas.

Depois que o jovem José e Seus pais voltaram para a aldeia onde viviam, Ele foi mandado de volta à escola do Monte Carmelo, para ali morar até terminar o curso de instrução preliminar.



CAPÍTULO X: JESUS INICIA SEU SACERDÓCIO SECRETO

Pouco se diz nos Evangelhos Cristãos a respeito da vida de Jesus, a partir de Sua conversa com os doutores do Templo em Jerusalém, até o início de Sua missão na Palestina. A primeira revelação relativa à preparação de Jesus para Seu trabalho de Filho de Deus é a de Seu batismo no rio Jordão. O Evangelho nos diz que naquele tempo Jesus saiu da Galiléia e deixou-Se conhecer publicamente.

Seguramente o Batismo de Jesus não poderia ter sido o início de Sua preparação para o ministério; é bastante certo que fora necessária uma preparação muito maior que esta para a realização do trabalho que Ele conduziu eficientemente por vários anos.

Já expus em capítulos anteriores por que não há razões para crermos que Jesus não precisou ser preparado para Seu ministério, e tentei demonstrar que toda a Sua vida revela estudos profundos, preparação cuidadosa e incomum orientação em Sua juventude.

Agora nos aproximamos de um período de Sua vida que não é interessante só por ser geralmente desconhecido dos estudiosos das doutrinas cristãs, mas por ser excepcionalmente significativo à luz do trabalho por Ele realizado no decorrer de Sua vida.



Segundo os registros essênios, o jovem José completou Sua instrução oficial no início do outono do Seu décimo terceiro ano de vida. Apesar de Sua precocidade e mente brilhante, não Lhe foi permitido abreviar o período normal de estudo e preparação na Escola dos Profetas, no Carmelo. Por isto, podemos presumir que Ele recebeu cuidadosa atenção e recebeu instruções de professores que acrescentavam temas especiais que O mantivessem ocupado na obtenção de conhecimentos, até que chegasse a hora de ser transferido para outras escolas e novos professores.

Os registros traçam clara e definidamente os incidentes de Sua vida desde a época da transferência até o término da preparação para Sua grandiosa missão. Os detalhes são exaustivos e pouco importantes e não justificariam sua apresentação in totum num livro com o tamanho e o caráter deste, mas os pontos essenciais e os incidentes interessantes são os que passo a expor:

Segundo as instruções enviadas para a escola do Carmelo pelo Templo Supremo de Heliópolis, o jovem Avatar deveria completar sua educação com um completo estudo das religiões e ensinamentos antigos das várias seitas e credos que mais haviam influenciado o desenvolvimento da civilização. Em outras palavras, Ele deveria se familiarizar com os dogmas das chamadas religiões pagãs, antes de encetar os estudos relativos à evolução dos ritos e crenças pagãos para os princípios e credos mais elevados ensinados nas escolas de mistério do Egito.



Nos tempos modernos, o estudante que se prepara para o ministério deve estudar as religiões comparadas, o que pode ser feito em qualquer grande universidade, onde os livros e escritos sagrados das antigas religiões são explicados, analisados e cuidadosamente digeridos antes que se inicie o estudo das modernas teologias; o aluno não precisa deixar sua própria pátria e viajar a lugares distantes para entrar em contato com as antigas religiões e escolas de ética e aprender tudo a esse respeito.

Mas no tempo de que estamos tratando, entretanto, era considerado absolutamente necessário que o interessado em religião ou filosofia se deslocasse para a sede das antigas religiões, onde poderia ter acesso a cópias das versões autênticas de cada religião, a oportunidade de viver na região e, no contato com as pessoas, familiarizar-se com os rituais, ritos e práticas de seus dogmas. Muitos grandes Avatares do passado tinham viajado a lugares distantes com este fim, e foi desta forma que o conhecimento dos vários ensinamentos antigos se disseminou por todas as partes.

O jovem José foi entregue aos cuidados de dois Magos, que vieram ao Carmelo com o propósito de acompanhar o jovem à sua primeira escola e local de experiências longe de casa. Os registros nos dizem que José teve permissão para passar cerca de uma semana com Seus pais na Galiléia, enquanto os Magos faziam seus preparativos e conferenciavam com os oficiais da escola do Carmelo. Eles também instruíram os pais de José a respeito do que deveriam esperar e o que deveriam fazer durante Sua ausência.



Os registros dizem ainda que, quando José e os Magos estavam para partir da Galiléia, foi realizada uma cerimônia especial dos Essênios em um de seus locais de reunião, e que, sem atrair demasiada atenção, os Magos e o menino se puseram a caminho com vários outros que se dirigiam a um local próximo, em caravana, pela rota mais curta para Jagannath. Esta cidade ficava na costa oriental da Índia, sendo seu nome atual Puri. A mesma havia sido o centro do budismo puro por muitos séculos; em uma montanha próxima aos arredores da cidade havia um mosteiro ou escola que possuía muitos escritos budistas antigos e os mais sábios instrutores das doutrinas budistas. Os Magos, José e outros, que haviam se agregado à caravana no caminho, levaram quase um ano para alcançar aquele ponto da Índia; durante esse tempo, os Magos continuaram a instruir José. Eles passaram por muitas provas e tribulações, e os Magos mostravam a Jesus os sofrimentos da humanidade, a fraqueza e a força dos ideais humanos, e as falácias comuns daqueles dias.

Dizem as crônicas que José permaneceu pouco mais de um ano no mosteiro como estudante, e se tornou totalmente familiarizado com os antigos ensinamentos e os rituais aperfeiçoados da fé budista. O principal mestre de José, naquele período, era conhecido pelo nome de Lamaas, a quem José se afeiçãoou tanto que mais tarde na vida mandou chamá-lo para vir ter com Ele e juntar-se à Fraternidade Essênica na Palestina.

Quando chegou o tempo de José deixar o mosteiro de Jagannath, visitou ele o vale do Ganges e fez uma parada de vários meses em Benares.



Devemos ter em mente que o grande mosteiro e sede mundial da Grande Fraternidade Branca ainda não tinha se estabelecido no Tibete; caso contrário, José e Seus Magos certamente teriam se dirigido a esse local e ali permanecido por longo tempo.

Em Benares, o jovem José teve oportunidade de prosseguir com seus estudos de ética, lei natural, línguas e outros assuntos semelhantes, cujo estudo era possível em diversas grandes escolas da região, renomadas por sua cultura e erudição. Foi enquanto ali esteve que José se interessou profundamente pelo método hindu de cura, e fez um curso sobre os princípios hindus com Udraka, que tinha a fama de ser o maior dos curadores hindus.

Depois de visitar outras partes da Índia, com o simples objetivo de conhecer a arte, a lei e a cultura daqueles povos, José retornou ao mosteiro de Jagannath, onde ficou por mais dois anos. Seu progresso foi tal que Lhe designaram um professor na pequena cidade de Katak, o que Lhe deu a primeira oportunidade de aprender a arte de ensinar ou instruir pelo uso de parábolas ou histórias.

Por causa dos resultados de Seu contato com eminentes professores e homens de cultura de Benares, o jovem José recebeu a visita de um alto sacerdote de Labore. Pelo que se pode depreender dos registros, Ele já havia incluído novas idéias e princípios verdadeiramente místicos em Seus discursos e instruções a crianças, que atraíam os mais eruditos ouvintes, mas despertava o



antagonismo dos hindus incultos e estritamente ortodoxos. Por isto, ainda muito jovem, Ele sentiu o que era ter inimigos e seguidores, ao mesmo tempo. O alto sacerdote de Labore tentou persuadir o jovem José a modificar ligeiramente os Seus ensinamentos e, ao mesmo tempo, pôr fim a suas caminhadas entre as castas inferiores e pessoas comuns. Foi a primeira vez que José se deparou com a tentação de manter-Se isolado da plebe e modificar Sua atitude para agradar os aristocratas e os detentores da influência social. Mas José recusou-Se a ouvir os pedidos dos altos sacerdotes, rejeitando inclusive os presentes que eles Lhe ofereciam.

Foi enquanto José provava o amargo sabor da vida que recebeu a triste notícia do falecimento de Seu pai na Galiléia, e de que Sua mãe estava sofrendo, sem que ninguém conseguisse confortá-la. Os mensageiros Lhe disseram que Ele nunca havia mandado notícias e que Sua mãe não sabia onde Ele se encontrava; embora os Essênios a tivessem prevenido que o silêncio de José estava previsto, e que Ele estaria a salvo, Maria não se consolava. Foi nessa ocasião que o jovem José Se expressou de modo categórico pela primeira vez, e Suas palavras foram registradas e estão preservadas até hoje. De acordo com diversas traduções da mensagem que Ele enviou à Sua mãe, seu teor era o seguinte: "Amada mãe: não te lamentes, pois tudo está bem com o pai e também contigo. Ele completou seu presente trabalho aqui na Terra, e o fez nobremente. Ninguém, de qualquer posição social, pode acusá-lo de engano, desonestidade ou má intenção. Em seu período de vida aqui, ele completou muitas tarefas importantes e



partiu verdadeiramente preparado para resolver os problemas que o esperam no futuro. Nosso Deus, Pai de todos nós, está com ele, agora como sempre; as Hostes Celestiais guardam seus passos e protegem sua jornada. Por que, então, hás de chorar e sofrer? Lágrimas não vencerão tua dor, e tua tristeza não pode ser vencida por nenhuma emoção de teu coração ou de tua mente. Deixa tua alma ocupar-se com a meditação e o contato com aquele que se foi; se não ficares ociosa não terás tempo para a dor. Quando a mágoa pulsar em teu coração e a angústia te causar dor, deixa-te elevar aos planos superiores onde podes comprazer-te no bálsamo do amor. Teu ministério sempre foi o do amor, e na Fraternidade poderás encontrar muitas oportunidades de responder ao chamado do mundo que pede mais amor. Portanto, deixa que o passado permaneça passado. Eleva-te acima dos cuidados terrenos e dedica tua vida àqueles que ainda vivem entre nós aqui na Terra. Quando tua vida estiver terminada, hás de reencontrá-la no sol da manhã ou no orvalho da noite, e também no canto dos pássaros, no perfume das flores e na mística luz das estrelas. Pois não tardará que teus problemas e labutas aqui na Terra também sejam resolvidos, e no final das contas estarás pronta para campos mais amplos de atuação, e para resolver os problemas mais elevados da alma. Esforça-te, pois, por te sentires contente até que eu possa estar contigo em breve, quando te entregarei dádivas mais preciosas que quaisquer outras que já tenhas visto, e mais magníficas que as feitas de ouro e pedras preciosas. Tenho certeza de que meus irmãos cuidarão de ti e proverão tuas necessidades. Quanto a mim, estou sempre contigo em mente e espírito. Teu filho, José."

Esta carta e outras mensagens, escritas nos anos seguintes e que foram cuidadosamente preservadas e copiadas, indicam claramente o rápido



desenvolvimento de Sua mente, e a maravilhosa compreensão que Ele tinha das leis e princípios Cósmicos.

Alguns registros antigos declaram que José, depois de completar o estudo dos ensinamentos budistas e das doutrinas hindus na Índia, viajou para Lassa, no Tibete. Enquanto ainda se encontrava na Índia, José recebeu um mensageiro que trazia manuscritos de um templo budista de Lassa, mandados por Meng-tse, considerado o maior entre todos os sábios budistas. Mensageiros vindos de Lassa continuaram trazendo manuscritos para José por um tempo considerável; este intercâmbio e os efeitos que Nele causou devem tê-lo decidido a visitar Lassa pessoalmente. Quando José estava pronto para partir de Jagannath, entretanto, Ele se dirigiu para a Pérsia, na cidade de Persépolis, onde haviam sido feitos preparativos relativos a estudos adicionais. Persépolis era uma das antigas cidades reais e morada dos eruditos Magos daquele país, conhecidos pelos nomes de Hor, Lun e Mer. Um desses Magos, já muito velho, fora um dos três Magos que haviam visitado o menino na ocasião de Seu nascimento na Gruta Essênia, levando-lhe presentes do mosteiro da Pérsia.

Esses Magos como também os sacerdotes do templo prestaram-lhe grandes homenagens. Outros sábios de várias regiões da Pérsia também vieram a Persépolis e ali permaneceram como instrutores e estudantes durante o período em que José ali esteve para continuar Sua educação; dizem os registros que, ao final de cada dia, quando os instrutores terminavam as lições, eles



pediam a José que lhes transmitisse os princípios mais elevados que Ele parecia compreender por inspiração.

Foi ali que José finalmente deixou claro aos anciãos que a mais elevada instrução que Ele tinha a dar era aquela que Ele havia recebido no silêncio, após meditar sobre alguma lei importante que Lhe havia sido ensinada enquanto lia ou estudava. Foi assim que José estabeleceu um sistema de Entrada no Silêncio que se tornou uma característica importante dos métodos místicos do futuro. Também foi nesta cidade que José demonstrou um grande poder de cura, e depois de meses de análise do poder que tinha em Seu interior, e de um cuidadoso estudo dos princípios ali envolvidos, Ele revelou a seus mestres Sua crença de que a fé ou atitude mental e harmonização por parte dos pacientes tinha grande efeito sobre os resultados. Isto representou a base dos ensinamentos inseridos nos conchaves secretos dos Discípulos de Jesus — harmonização interior ou psíquica e preparação mental são necessárias em todas as formas de cura espiritual.

Depois de passar um ano na Pérsia, José e seus guias prosseguiram em direção ao Eufrates. Ali Ele entrou em contato com os maiores sábios da Assíria e com Magos de outras terras que vieram vê-Lo e ouvi-Lo falar; isto porque Ele já tinha atraído grande atenção como intérprete das leis espirituais, vistas por Ele de maneira mais compreensível e mística. José passou bastante tempo nas cidades e vilas da Caldéia, e nas terras que existiam entre o Tigre e o Eufrates. Seus poderes e métodos de cura estavam se aperfeiçoando



rapidamente — de tal modo que multidões daquelas terras foram beneficiadas. Foi por volta dessa época que os Magos que O acompanhavam informaram que o desenvolvimento da capacidade de curar seria um dos testes no exame final relativo à Sua preparação para a missão suprema.

Saindo da Pérsia, José e os guias atravessaram a Babilônia arruinada, passando algum tempo a examinar os templos derrubados, portões ruídos e palácios vazios. Foi ali que Ele tomou conhecimento das provas e tribulações das primitivas tribos de Israel quando haviam sido prisioneiras na Babilônia, e viu o local onde Daniel e os hebreus haviam passado pelas maiores provações. Ele ficou indubitavelmente impressionado com os pecados dos pagãos e os erros das antigas crenças.

A seguir José e os guias viajaram para a Grécia, onde Ele entrou em contato com alguns filósofos atenienses e ficou sob os cuidados pessoais de Apolônio, o qual mostrou a José os antigos registros das lendas gregas. Na Grécia, José atraiu grande atenção entre os sábios e Magos, que Lhe imploraram que ficasse muito tempo entre eles; mas Seu itinerário havia sido traçado precisamente e, em poucos meses, Ele deixou as praias gregas dirigindo-se a Alexandria.

Ali Ele ficou pouco tempo, o suficiente para ser recebido por mensageiros especialmente enviados para saudá-Lo, e para visitar alguns santuários antigos. Logo em seguida, foi levado à cidade de Heliópolis e



acomodado numa casa particular preparada para Ele, com vários servos, um belo jardim e um atendente pessoal cujos serviços de escriba o colocariam, hoje em dia, na categoria de secretário particular.

Pouco depois de ter chegado a Heliópolis, Jesus foi procurado por representantes do sacerdócio pagão do Egito, que tinham ouvido falar de Seus ensinamentos e demonstrações de poder místico, que eles desaprovavam. Novamente Ele aprendeu a beber o amargor da vida ao passar por muitas provas e tribulações que teriam tentado uma pessoa comum a aceitar os conselhos dos sacerdotes e recorrer à hipocrisia e ao logro quanto a Seus propósitos e intenções.

Foi neste ponto da vida que José começou Suas iniciações preparatórias para admissão aos graus mais elevados da Grande Fraternidade Branca, de que tratarei no próximo capítulo, pois os detalhes merecem uma apresentação completa.



CAPÍTULO XI: JESUS ALCANÇA A MAESTRIA

Para possibilitar a compreensão do progresso de Jesus através dos vários graus que levam à maestria, torna-se necessário explicar o regime da Grande Fraternidade Branca na qual Ele foi iniciado.

A Grande Fraternidade Branca, a que nos referimos tantas vezes nos capítulos anteriores, era uma organização não sectária formada primitivamente pelos ancestrais de Amenhotep IV, faraó do Egito, mais conhecido como Akhenaton na literatura filosófica. Não se sabe ao certo qual desses ancestrais foi o primeiro a proclamar a fundação da Fraternidade, mas sabemos que Tutmés III estabeleceu um grande número das regras e regulamentos relativos à conduta da Fraternidade, os quais continuaram em vigência por muitos séculos. Em um dos registros Rosacruz verificamos que ao final de seu reinado como faraó do Egito, em 1447 a.C., havia trinta e nove mulheres formando o alto conselho da Fraternidade secreta. As reuniões do conselho eram realizadas em um dos salões do templo de Karnak, em Lúxor, onde Tutmés III havia erigido dois obeliscos com a gravação do renomado cartucho que se tornou o famoso selo da Fraternidade, usado ainda hoje no Egito e na América como selo oficial da organização chamada Ordem Rosacruz. As seguintes palavras foram escritas nos registros, por ocasião do estabelecimento desse cartucho como selo da



organização, relativas ao seu uso: "Em testemunho do grande trabalho de nosso professor (Mestre) para que seja para sempre um símbolo de honra e lealdade."

O filho e o neto de Tutmés III patrocinaram a continuação da Fraternidade secreta, permitindo que esta crescesse em tamanho e atividade. Em 1378 a.C. nasceu Akhenaton, bisneto de Tutmés III. Ele tornou-se o grande reorganizador e fundador da organização mundial chamada Grande Fraternidade Branca, que se originou da Fraternidade secreta criada na antigüidade.

O plano original da Fraternidade secreta era reunir os mais sábios homens e mulheres do Egito, especialmente os Magos mais avançados, com a finalidade de discutirem, analisarem, registrarem e preservarem o grande conhecimento que constituía a luz do mundo. O Egito havia se tornado centro da cultura e do conhecimento científico do mundo, o que é comprovado pelas notáveis realizações de seu povo, liderado pelos sábios homens de ciência em geral. Estudantes de todas as partes do mundo iam ao Egito para obter a educação mais elevada da época e para entrar em contato com as escolas de mistério, como eram chamadas, dirigidas pela Fraternidade secreta.

Akhenaton foi a reencarnação de um grande Avatar do passado e tornou-se o que os historiadores chamam de primeiro grande cidadão do mundo. Ele, também, tinha uma grande mensagem para revelar ao mundo; durante sua breve existência, fez mais pelo progresso da filosofia, religião e



ética, que qualquer outro homem anterior a ele. Foi o primeiro a iniciar um ataque persistente ao sacerdócio pagão do Egito, o qual mantinha as massas escravizadas, e foi ele quem estabeleceu a primeira religião monoteísta do mundo, pois Akhenaton declarou que não havia deuses e sim Um só, "o único, eternamente vivente Deus". Com suas doutrinas, que ele introduziu na Grande Fraternidade Branca, ele edificou as bases do monoteísmo atual e da maioria das doutrinas e credos usados pelas religiões cristã e hebraica.

Foi enquanto Akhenaton reinou como faraó que os filhos de Israel habitaram no Egito e os líderes de suas tribos se tornaram iniciados da Grande Fraternidade Branca; também foi em sua época que Moisés, um dos iniciados, se familiarizou com os fundamentos da religião que ele mais tarde modificou e apresentou aos que o seguiram na saída do Egito para a Palestina. Também foi a Akhenaton que Moisés apelou para que o ajudasse a tirar as tribos de Israel do Egito, e foi através do auxílio dado por Akhenaton e pela Grande Fraternidade Branca, em segredo, que as tribos de Israel escaparam do sacerdócio pagão e tiveram uma jornada segura.

Conforme dissemos em outra parte deste volume, a Grande Fraternidade tinha ramificações com diferentes nomes em muitas partes do mundo, estabelecidas durante os primeiros dez séculos antes de Cristo. O grupo original de membros do Egito tornou-se o conselho internacional ou corpo supremo, mantendo o nome de Grande Fraternidade Branca, e eventualmente passando a adotar a cruz e a rosa como seu símbolo esotérico.



As ramificações estabelecidas em diferentes partes do mundo tiveram permissão para adotar nomes que fossem, significativos em seus vários idiomas, ou que fossem simbólicos para os povos com quem deviam lidar. Assim, um grande ramo formado em Heliópolis adotou o nome de Essênios, nome que foi mais tarde usado pelos seguidores da parte norte da Palestina; na Grécia foi usado o nome "Therapeuti", e em outras terras foram adotados outros nomes. Todos esses ramos, entretanto, usavam os mesmos selos e símbolos, seguiam as mesmas regras e regulamentos gerais, e juravam fidelidade ao corpo supremo, a Grande Fraternidade Branca do Egito.

Foi dos mosteiros, escolas e templos da Fraternidade e suas ramificações que surgiu a maioria dos famosos filósofos, professores, sacerdotes e Avatares do futuro; no presente, verificamos que na organização conhecida como Ordem Rosacruz, ramificação da Fraternidade, cujo nome se tornou quase que o nome mundano exclusivo da organização, há estudantes que se preparam para o ministério, para serem professores e mestres de universidades, que se tornarão eminentes médicos em variadas escolas terapêuticas, incluindo medicina e cirurgia, e ainda os que se preparam para o trabalho de pesquisa em diferentes campos da ciência. Entre seus membros também existem centenas de milhares de homens e mulheres que estudam os ensinamentos da Ordem Rosacruz por causa do benefício pessoal que deles recebem, e a organização os assiste por meio de lições privativas e instruções voltadas para o aprimoramento de sua vida, para a evolução pessoal e o despertar das



faculdades neles latentes, que lhes permitirão alcançar o mais elevado grau de sucesso e felicidade na vida pessoal.

Nada mais natural, portanto, que o novo Avatar pertencesse à organização, como havia ocorrido com a maioria dos Avatares dos séculos anteriores. Também nada mais lógico e razoável que o jovem e novo Filho de Deus tivesse os passos dirigidos para as grandes escolas e professores da Fraternidade no Egito, onde poderia completar Sua educação e receber as instruções finais antes de cumprir Sua divina missão.

Antes que qualquer iniciado da Grande Fraternidade Branca pudesse sair pelo mundo e proclamar as doutrinas e ensinamentos que iluminariam a civilização e provocariam a evolução gradual da humanidade, tinha de ser testado de tal forma que não só provasse a toda a organização seu mérito como o grande representante da mesma, mas também para que tomasse conhecimento das provas e tribulações que teria de sofrer inevitavelmente durante sua missão.

Assim, encontramos José no umbral de Sua preparação final, pronto para os testes e iniciações, o caminho para o grau e consecução da maestria que O qualificaria para sair pelo mundo e cumprir a missão para a qual havia sido Cósmica e Divinamente predestinado.

A história da Grande Fraternidade Branca e suas atividades e realizações é contada de forma mais completa em outro volume intitulado



"Perguntas e Respostas Rosacruz, com a História Completa da Ordem", em que é narrada a consecução da maestria por outros Avatares de menor proeminência. No momento, estamos interessados exclusivamente na consecução da maestria pelo maior dentre todos os Avatares.

Quando Jesus estava preparado para entrar no curso superior do mosteiro da Fraternidade em Heliópolis, descobriu que a primeira condição era que passasse três meses em meditação, preces e estudos, na quietude de Seu próprio lar, pois durante esse período muitos mestres eminentes da Fraternidade entrariam em contato com Ele no sentido Cósmico ou psíquico, através de processos mentais.

Os registros mostram que Ele estava cercado de todos os confortos e conveniências, e que Lhe deram muitos manuscritos raros contendo os textos das antigas doutrinas e credos. Então veio o primeiro teste. Consta que certa ocasião, à meia-noite, abriu-se uma porta em Seu quarto, e um sacerdote vestido à moda oriental veio até José e Lhe suplicou que deixasse de lado Sua intenção de permanecer no Egito e aceitar a autoridade da Grande Fraternidade Branca, pois Sua missão e Seus planos contrariavam o clero do Egito, e os sacerdotes planejavam matá-Lo ou aprisioná-Lo. O visitante sugeriu vários métodos pelos quais José poderia sair do Egito e retornar à Palestina, de modo fácil e em segredo. O jovem José havia notado muitas evidências da animosidade que Sua presença tinha provocado no Egito e, como dissemos antes, isto representava uma taça de bebida amarga para Ele. Por este motivo as



súplicas e sugestões do sacerdote visitante foram certamente tentadoras. Mas o jovem José se recusou terminantemente a abandonar Seus planos ou modificar Sua decisão. José resumiu Seu raciocínio com a afirmação de que "não transigirei com a falsidade, nem venderei minha alma em troca da salvação de meu corpo. Não enganarei ninguém nem serei cúmplice da hipocrisia. Volta aos teus e dize-lhes que permanecerei fiel a Deus e a mim mesmo".

Sua decisão chegou ao conhecimento das altas autoridades da Fraternidade, e José recebeu a ordem de apresentar-se a elas. Então o Hierofante colocou a mão na cabeça de José e lhe deu um pergaminho onde estava escrita uma única palavra, "Sinceridade". José soube então que este havia sido um teste da Sua sinceridade e que Ele não havia cedido à tentação.

Algumas semanas mais tarde outro mensageiro visitou José em Sua casa, contando uma história muito interessante. O mensageiro afirmou que havia estado na mesma posição de José, houvera um certo tempo, e que havia sofrido todas as provações e antagonismos do clero egípcio, mas permanecera firme em sua determinação de tornar-se um mestre. Afirmou também que havia alcançado os graus elevados da organização e havia sido finalmente admitido aos conclaves secretos, quando então veio a descobrir que todo o trabalho era corrupto, que seus ritos eram sacrificiais, pois crianças, mulheres, homens e animais inocentes eram queimados como oferendas aos falsos deuses; que havia conseguido escapar e agora intimava José a que pensasse bem no futuro e desistisse antes que fosse tarde demais.



Quando José lhe perguntou como tinha conseguido chegar até Sua câmara, o homem replicou que, por ter sido um sacerdote da Fraternidade, conhecia as passagens e portas que lhe permitiam penetrar em todas as edificações da organização. José acusou o homem de traidor e lhe disse que Se recusava a ouvir alguém cujas mãos não estavam limpas e que não conseguia revelar um propósito maior do que aquele que Lhe havia exposto. O homem desapareceu e José novamente foi chamado à presença do Hierofante, que de novo colocou a mão sobre Sua cabeça e Lhe entregou um pergaminho contendo uma única palavra "Justiça". Então Ele soube que tudo fora uma prova e que Ele tinha passado por ela com honra.

Aproximadamente um mês mais tarde, outro sacerdote aproximou-se Dele quando se encontrava em meditação na quietude de Seu sanctum. O visitante começou a tecer comentários sobre a grandeza e riqueza dos aposentos onde José vivia, e chamou Sua atenção para o fato de que a Grande Fraternidade do Egito havia sem dúvida providenciado o luxuoso ambiente para José porque Ele era considerado o maior, e que as curas realizadas por José em outras terras, a maravilhosa interpretação por Ele dada às perguntas a Ele feitas na Índia e na Pérsia, haviam provado que José era o maior filósofo, o maior místico e o maior professor de todo o mundo.

Sugeriu então que, por todos estes motivos, Ele não deveria submeter-se aos ditames da Fraternidade e deveria sair pelo mundo e organizar um clero próprio que sobrepujaria todos os outros, trazendo-Lhe uma



triumfante vitória pessoal. Dizem os registros que este homem apresentou argumentos eloqüentes a José e lhe mostrou o agradável caminho da fama e da aclamação popular, que Lhe trariam riqueza, honras e poder ilimitado. O homem deixou a presença de José no momento mais psicológico de sua brilhante elocução. Por muitos dias José se debateu com a idéia que havia sido implantada em Sua mente, mas sempre vinha de Seu interior a voz do Eu Divino apontando claramente o dever para o qual Ele havia sido Cosmicamente destinado. Finalmente, José enviou uma mensagem ao visitante dizendo que era grato pela batalha que havia sido travada dentro Dele e pela vitória obtida por Seu Eu melhor, e que Ele não desejava a glória, a fama ou a riqueza, e sim a oportunidade de servir e manter a fé enquanto houvesse vida em Seu corpo.

Mais uma vez ele foi chamado à presença do Hierofante, que lhe deu outro pergaminho no qual estava a palavra "Fé". José soube então que sua fé havia sido testada e que Ele tinha sido aprovado.

Assim, José completou os primeiros três graus preliminares da iniciação, na verdade graus de testes e provações, antes de ser admitido ao importante Quarto Grau da Fraternidade. Tendo passado pelos testes e por outros exames realizados diante do conclave de Sumos Sacerdotes, foi finalmente honrado com o título de Mestre e admitido ao círculo superior, na categoria de Mestre da Grande Fraternidade Branca, devidamente qualificado e preparado. O título de Mestre sempre foi usado pelos Essênios quando se referiam a Jesus, por todo o período de seu ministério, quando as conversas



giravam em torno de Seus afazeres públicos ou se fazia referência a Ele em conversações gerais à parte de suas atividades especiais como Filho Divino de Deus. O título de Mestre também era usado por muitos judeus que muito admiravam Jesus por Seu trabalho entre eles, especialmente pelas valiosas instruções por Ele transmitidas; o título sempre foi usado com reverência por aqueles que compreendiam seu real significado, assim como continua a ser usado com reverência pelos Rosacruzes de hoje, quando falam do Grande Mestre Jesus.



CAPÍTULO XII: JESUS SE TORNA CRISTO

Ao obter o grau de Mestre da Grande Fraternidade Branca, José se colocou entre os mais sábios Sumos Sacerdotes, o segundo em importância após o Hierofante da organização. Isto lhe permitiu assistir aos conchaves mais importantes, ter acesso às mais sagradas e sublimes cerimônias, participar das experiências transcendentais em certos períodos Cômicos do ano, e harmonizar-se com as mais elevadas leis espirituais e com a Consciência de Deus.

Podem alguns argumentar que, visto que Jesus foi Divinamente predestinado, Divinamente concebido e nascido, preordenado como Filho de Deus e Salvador do mundo, nenhum poder terreno e seguramente nenhum Conselho terreno poderia conceder ou deixar de conceder o privilégio da harmonização com a Consciência de Deus. Isto é verdade, sem dúvida alguma, e em nenhum trecho dos registros a que tive acesso, bem como em nenhum dos ensinamentos atuais dos Rosacruzes, existe a insinuação de que, se Jesus não tivesse passado pela preparação e pelas experiências designadas pela Grande Fraternidade Branca, não teria podido harmonizar-se completamente com a Consciência Divina ou tomar conhecimento da Divindade ou do estado crístico em Seu interior. Desde o momento em que nasceu, todos os Magos, homens sábios, Sumos Sacerdotes e eruditos conselheiros da Fraternidade foram



inferiores a Ele em harmonização Divina e preparação da alma para a grande missão. Não foi presunção da parte daqueles grandes homens realizar seu antigo e honrado dever de aceitar José como Neófito e fazê-Lo passar pelos testes e tribulações, dando-Lhe todas as oportunidades de desenvolvimento que sempre haviam sido oferecidas aos maiores dentre eles. Nem o próprio José considerou a atitude assumida pela Fraternidade, de tratá-Lo como Neófito e necessitado de preparação, como uma incapacidade de reconhecer Sua posição superior. Veremos adiante que, após ter José completado toda a preparação que a Fraternidade prescrevera para Ele, e após seus mentores O haverem declarado pronto para Sua missão na vida, Ele Se ofereceu voluntariamente para um ato final de preparação, pois sabia que todas essas coisas eram necessárias para o trabalho que desejava realizar e que havia sido Cosmicamente planejado para Ele.

Naturalmente, eu gostaria que fosse possível descrever aqui todas as demais iniciações, cerimônias e passos preparatórios pelos quais José passou durante os anos em que permaneceu no Egito. Mas estas coisas jamais são reveladas aos que não sejam altos iniciados da Fraternidade; o próprio Jesus, durante sua missão, nunca as revelou, a não ser a Seus Apóstolos, por Ele cuidadosamente escolhidos e nomeados para Seu conselho sagrado, e que Ele iniciou como Ele próprio havia sido iniciado. Certamente meus leitores não esperam que tais coisas sejam publicadas num livro como este ou qualquer outro destinado ao público em geral; estou certo de que os mais cultos e



razoáveis duvidariam da autenticidade de qualquer publicação que afirmasse conter tais informações.

É possível, entretanto, falar sobre o estágio final de Sua preparação para o ministério, o qual ocorreu nas câmaras da Grande Pirâmide, hoje conhecida pelo nome de Pirâmide de Quéops.

Muito se falou, nos últimos anos, em livros e revistas, sobre as câmaras e recintos secretos da Grande Pirâmide; não há espaço neste volume que permita uma explicação, ainda que breve, do intricado esquema das passagens e câmaras antigas construídas dentro e por baixo da grande estrutura. O turista comum que vai ao Egito vê diversas pirâmides agrupadas quase na forma de uma unidade, nos arredores do Cairo, junto à famosa Esfinge. Diz-se aos turistas em geral que a Pirâmide foi construída para servir de túmulo, e que trata-se de uma estrutura compacta construída sobre uma câmara mortuária. Até os mais inteligentes guias de turistas se recusam a admitir que existem câmaras secretas e salas de cerimônias no interior desta construção singular. Entretanto, durante minha recente visita à Pirâmide, na companhia de vários altos oficiais da Ordem Rosacruz do Egito e oficiais da Ordem na América, tive permissão de entrar nessas câmaras secretas e comprovar os fatos que constam de nossos registros².

² Recentemente um grupo de pesquisas composto de físicos, engenheiros e arqueólogos usou aparelhos eletrônicos e de Raios-X para determinar se as pirâmides de Gizé, incluindo a Grande Pirâmide, realmente continham câmaras secretas conforme rezam as lendas. Na



Talvez surpreenda os leitores a informação de que, em tempos antigos, nos tempos de que estamos tratando neste volume, a entrada para as principais salas de cerimônia não era qualquer portal existente na própria Pirâmide, mas sim uma passagem secreta construída entre as duas imensas patas da Esfinge. As patas repousam sobre uma base alta, um muro que forma dois lados de um pátio em frente à Esfinge, em cujo centro se erguia um altar. Por trás do altar, do qual ainda restam algumas ruínas, logo abaixo do peito da grande escultura, ficava a entrada secreta, bem guardada, e que só podia ser aberta pela operação de certos dispositivos secretos conhecidos por poucas pessoas, e que levava a longas passagens subterrâneas, sob as areias e sob as fundações da Pirâmide, para a grande sala de recepção muito abaixo da superfície.



ILUSTRAÇÃO (XP)

No misticismo cristão, o símbolo acima é chamado de "Monograma de Cristo", também freqüentemente usado como símbolo do cristianismo. O autor deste volume encontrou este monograma na cobertura de vários túmulos das Catacumbas de Roma e em algumas esculturas antigas do Egito. Os primeiros missionários cristãos se enganaram ao encontrarem o símbolo em terras estrangeiras, acreditando que o mesmo indicava a presença de missionários cristãos anteriores a eles. O símbolo fora usado muito antes que o cristianismo o adotasse.

época da edição deste livro ainda não havia resultados, mas as pesquisas ainda não tinham sido completadas.



Tratava-se do monograma original de Osíris. A flâmula sagrada de Constantino, chamada "Labarurn", continha o signo pelo qual deveria ele empreender conquistas, o sagrado monograma de que falamos. Este símbolo também foi o signo místico de Júpiter Amon. O monograma se originou misticamente dos ensinamentos de mistério da Fraternidade do Egito; foi encontrada uma gravação do mesmo em uma medalha de Ptolomeu, Rei de Cirene; um monograma idêntico também foi encontrado nas moedas de Herodes o Grande, cunhadas antes da Era Cristã. A Enciclopédia Católica Romana afirma que o X e o P eram as duas primeiras letras da palavra grega "Cristo". (A letra grega R parece um P; X é representada por CH em inglês). A mesma autoridade admite que o símbolo foi utilizado em períodos pré-cristãos como emblema místico. O monograma composto por X.P.N. é outro símbolo do título "Nosso Senhor Jesus Cristo".



ILUSTRAÇÃO XNP

No pátio externo, os Neófitos que estavam bem preparados e eram considerados dignos de conhecer o segredo da entrada para as Pirâmides, recebiam as primeiras informações sobre os mistérios dos graus mais elevados. As cerimônias eram geralmente realizadas à meia-noite e os poucos encarregados de conduzir a cerimônia nesse pátio se dirigiam separadamente ao ponto sagrado, guardados e protegidos por companheiros em quem confiavam, os quais se postavam em pontos distantes da Esfinge e da Pirâmide,



como sentinelas. Somente os que passavam pela cerimônia realizada no interior da Pirâmide conheciam a entrada secreta e sabiam da existência de câmaras e passagens.

José foi levado ao pátio externo da Esfinge e O vestiram de púrpura para a cerimônia preliminar realizada à meia-noite. Terminada esta cerimônia, Ele foi escoltado pelas passagens subterrâneas secretas até a sala de recepção sob a Pirâmide. Após a realização de outra cerimônia nesse local, começou a sublime cerimônia de Sua elevação ao mais alto pináculo da iniciação. Isto foi feito levando-se José a caminhar por várias rampas aos diferentes níveis no interior da Pirâmide, havendo uma câmara em cada um. Quando os participantes chegaram à mais elevada dessas câmaras, praticamente no centro da estrutura, foi celebrada a cerimônia final. No decorrer da mesma, o diadema real foi colocado na cabeça de José, para indicar que Ele não mais era um Neófito, nem mesmo um igual entre os Mestres da Fraternidade, mas o maior dentre eles. Por mais de uma hora decorreu a cerimônia, culminando em um período de silêncio e meditação, com José ajoelhado diante do altar. Então uma grande luz se fez na câmara, que até então só estava iluminada por velas e três tochas. Uma pomba branca desceu na luz e pousou na cabeça de José; o Hierofante se pôs de pé e várias sinetas começaram a soar nas câmaras inferiores, anunciando ao mundo o grande acontecimento. Uma figura etérea que apareceu atrás do Hierofante como um ser angélico ordenou a José que se



levantasse e proclamou: "Este é Jesus, o Cristo; levanta-te!" E todos os que se achavam na câmara responderam em uníssono: "Amém."

O que acabamos de relatar é apenas um breve e muito condensado esboço da cerimônia final. Os detalhes completos descrevem um dos quadros mais elaborados e notáveis existentes nos escritos da Fraternidade, e sabe-se que nunca mais houve uma cerimônia assim.

Quando tudo terminou, os oficiais e membros do Conselho Supremo rodearam José que obtivera então o nome de Jesus e fora reconhecido como o Cristo, e Lhe prestaram homenagem e O proclamaram encarnação da Palavra ou "Logos Vivente". Seguiu-se então a marcha cerimonial para as câmaras inferiores, onde foi realizada a primeira das Ceias do Senhor, uma festa simbólica.

No dia seguinte, foram enviados mensageiros do Egito para todas as terras em que havia ramos da Fraternidade, para proclamarem a vinda do Salvador e anunciarem o início de Sua missão redentora. Entre os mensageiros estava João, da Fraternidade Essênica da Palestina, que havia sido estudante nas escolas do Egito, preparando-se para a missão de sua vida. Ele era considerado uma reencarnação de Elias, e foi enviado à Palestina, a mesma terra onde, como Elias, havia anteriormente prestado serviços como Avatar e freqüentado o mosteiro do Carmelo. Sua missão, como a dos outros mensageiros enviados a outras terras, era proclamar a vinda do Cristo.



E assim todos os povos que estavam prontos para a chegada do Senhor foram devidamente avisados, e iniciou-se o grande trabalho de Jesus, o Cristo.



O símbolo que aqui vemos é frequentemente chamado de Serpente Crucificada. Encontramos em muitos registros antigos uma cruz deste tipo tendo sobre ela uma pomba, uma rosa, o sol ou a serpente. A cruz com a serpente representava, neste antigo símbolo, o Sol destituído de seu poder. Em alguns escritos místicos, ele era usado como emblema da crucificação de Cristo para indicar que, pela crucificação, Ele havia perdido Seu Poder Divino.



CAPÍTULO XIII: O MÍSTICO INÍCIO DA MISSÃO DO CRISTO

Quando João chegou à Palestina, mostrou-se em público usando as roupas mais modestas, com grande humildade. Cabia-lhe anunciar a vinda do grande Redentor aos humildes e aos pobres em espírito. Ele apresentou uma idéia inteiramente nova, pois pregava a doutrina do Batismo como meio de redenção ou regeneração.

Acreditamos que cabe aqui explicar que o Batismo, (imersão na água) e o uso da água para a purificação no sentido simbólico ou Cósmico, havia sido introduzido nos rituais e cerimônias da Grande Fraternidade Branca do Egito por um personagem conhecido pelo nome de El-Moria. Foi ele um dos grandes Avatares dos primeiros dias da Fraternidade, que aprendeu, através da meditação e da iluminação Cósmica, que a água purifica tanto no sentido físico como no sentido Cósmico. Como resultado de suas sábias palestras no Conselho Supremo da Fraternidade, sobre este assunto, fontes de água purificada passaram a ser colocadas na frente de cada altar, nos templos de mistério do Egito e em outras terras.

Foi este mesmo grande Avatar o primeiro a introduzir o batismo público para regeneração espiritual, realizando essas cerimônias no Lago Moeris,



no distrito de Faium, no Egito, em cujas margens se concentrou uma das mais antigas civilizações avançadas do Egito.

Não faz muito tempo fiz uma viagem ao local, acompanhado por vários membros de nossa Fraternidade. Vimos o lindo lago que continua a ser um mistério para os que tentam descobrir de onde vem a sua água, pois encontra-se longe do Nilo, bem no coração do deserto.

Naquele local revivemos com a mais profunda sublimidade a forma primitiva do Batismo, celebrando simbolicamente o antigo ritual. Segundo os registros da Ordem Rosacruz, esta foi a primeira vez que um grande grupo de homens e mulheres se reuniu reverentemente para participar deste ritual, desde os tempos anteriores a Cristo; certamente, foi a primeira vez na história do mundo que um grupo de pessoas da América recebeu o Batismo à margem do Lago Moeris. Por centenas de anos o belíssimo lago permaneceu intocado por turistas europeus ou americanos, e por um milênio sua história e sua relação com o ritual cristão do Batismo permaneceram desconhecidas, exceto pela Ordem Rosacruz e pelos membros dos ramos mais elevados da Fraternidade no Tibete, na Índia e no Egito.

O povo judeu considerava João como pertencente à robusta raça de Judá. Tendo vindo do deserto humildemente vestido, João foi considerado asceta. Seu manto de pelo de camelo era símbolo de penitência e suas palavras eram as dos antigos profetas. João escolheu as margens do rio Jordão como o



território especial onde iria realizar o trabalho que lhe cabia. Apelando para os pobres e humildes, como pretendia, ele atraiu a atenção de multidões, que pareciam beber suas palavras e encontrar uma esperança em suas declarações. Ao escolher o vale do Jordão, João se estabeleceu num local que parecia estar isolado do resto do mundo, cheio de terríveis contrastes em relação ao restante da Palestina. Ao seu redor estavam as terras áridas de formação vulcânica e também de destruição vulcânica. Com efeito, a parte escolhida por João nas margens do rio era chamada de Mar da Solidão; entretanto, ali os Essênios haviam originariamente realizado maravilhosas cerimônias e estabelecido uma de suas primeiras comunidades. Para João, aquele era um solo verdadeiramente sagrado.

A mensagem de João era a que a maioria dos judeus esperava ouvir — a vinda do Messias. Mas ele lhes advertia que deviam preparar-se para Sua chegada com verdadeiro espírito de arrependimento. Seu ardor e o poder com que ele afirmou que só os arrependidos, os purificados de todo o pecado, veriam o Messias, comoveu os devotos e provocou o antagonismo dos ortodoxos.

De todas as partes da Palestina vinham os que queriam ouvir a mensagem de João e testemunhar as estranhas cerimônias nas águas do rio. Nesse tempo vieram notícias de outras terras, dizendo que outros profetas estavam prenunciando a vinda do Messias. Em toda parte se ouvia a repetição da antiga profecia segundo a qual da terra do Egito viria o Filho de Deus.



Surgiram acampamentos em torno do lago, onde as almas mais ardorosas passavam semanas; muitas pessoas esperavam que o Messias aparecesse entre os milhares de criaturas ali reunidas para os dias de festa. Algumas pediram permissão para formar um grupo de ajuda ao trabalho de João e servi-lo no início de uma guerra santa. Rumores destes planos chegaram aos governantes da Palestina, e os sacerdotes de Jerusalém começaram a se sentir inquietos diante da excitação das massas. Outras condições da Palestina pareciam indicar a iminência de uma crise. Tibério, então com setenta e quatro anos, entregava-se a uma devassidão tão grande em Capri que certamente logo provocaria sua própria transição. Pôncio Pilatos prosseguia em sua perseguição cada vez mais furiosa aos judeus.

Foi em meio a estas condições que Jesus, o Cristo, silenciosamente e sem ser reconhecido, voltou à Galiléia e foi saudar Sua mãe, seus irmãos e irmãs, no seu antigo e pequeno lar, onde aguardou pacientemente a hora de fazer a primeira pregação. Jesus estava informado sobre o trabalho de João, o qual estava insistindo em que todos os que fossem dignos de regeneração e redenção deveriam ser batizados. Jesus decidiu que Ele deveria dar o grande exemplo aos gentios da Galiléia, dirigindo-se em seguida ao Jordão e submetendo-Se a João para ser batizado. Ocorreu, então, que Jesus se misturou à multidão que se encontrava nas margens do Jordão ouvindo as pregações de João. Ali Ele ouviu a voz de João bradando: "Arrependei-vos, preparai o caminho do Senhor, endireitai Suas Veredas." Quando batizava cada devoto, ele repetia sua



famosa profecia sobre a vinda do Messias, dizendo : "Eu te batizo com água, mas Ele te batizará com fogo!"

Jesus adiantou-se e Ele e João se encararam pela primeira vez desde que tinham se encontrado em um dos conclaves realizados no Egito. João soube imediatamente que estava na presença do Cristo e então cruzou os braços sobre o peito com a mão direita sobre o coração e a mão esquerda no lado direito do peito, fazendo a saudação usual entre os Essênios, a qual foi respondida por Jesus da mesma forma.

João e Jesus trocaram palavras que foram registradas de diferentes formas, mas que constituíram o reconhecimento formal de João, de que era o grande Mestre que se encontrava diante dele. Então Jesus entrou na água e submeteu-se voluntariamente ao Batismo. Conforme já dissemos, este ato claramente demonstra que Jesus reconheceu a necessidade de uma preparação formal e de um procedimento cerimonioso, muito embora soubesse de Sua designação Divina, Cósmica, quanto à Sua condição de Messias.

Uma das importantes doutrinas da Grande Fraternidade Branca diz que a iluminação espiritual e a Consciência Cósmica só ocorrem no homem quando ele está preparado. Existe uma antiga crença, baseada nos ensinamentos místicos do Oriente, segundo a qual, quando uma pessoa estiver pronta para a vinda do Mestre que irá guiá-la e instruí-la sobre as coisas mais elevadas da vida, o Mestre aparecerá. Devemos aqui enfatizar a preparação, que inclui



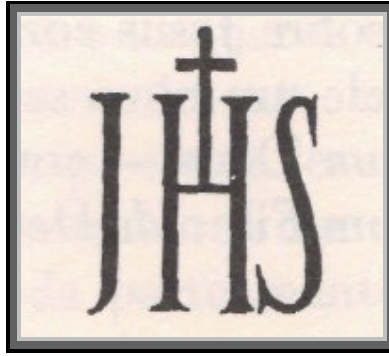
merecimento e sinceridade de propósitos. A não ser que estejamos verdadeiramente prontos e adequadamente preparados pela instrução, orientação e auxílio baseado em leis espirituais, nenhum Mestre virá, nenhuma manifestação da Consciência Cósmica interior se fará, nem ocorrerá qualquer Iluminação pela luz transcendental. O merecimento deverá ser alcançado, a preparação deverá estar manifesta, e a condição deverá ser fruto do esforço voluntário.

Assim como João foi enviado para preparar o caminho, assim como os grandes Avatares do passado acharam necessário pregar e ensinar para preparar muitas pessoas para a regeneração espiritual, e assim como Jesus ensinou Seus discípulos e inúmeros outros para que pudessem compreender mentalmente e apreender espiritualmente as leis e princípios que levam ao despertar espiritual, os Mestres e instrutores das escolas de mistério da Fraternidade em toda parte mantiveram os sistemas de instrução e métodos de preparação que haviam sido aprovados como eficientes e adequados. O buscador da Divina refulgência e da Consciência Cósmica que tenta aguardar a chegada do Mestre e o fulgor da Iluminação sem estudo e preparação, sem associar-se àqueles que estão qualificados para auxiliar e orientar, retarda a chegada do grande dia e muitas vezes fecha a porta ao Mestre. É este fato que explica a criação de igrejas e a manutenção de fraternidades e sociedades secretas devotadas à preparação espiritual do homem.



Jesus, como dizíamos, entrou na água e nela emergiu Seu corpo, enquanto João lhe dava uma humilde bênção. Assim que Jesus se colocou em posição ereta, e antes que João pudesse falar, uma grande luz desceu do céu e O envolveu, permanecendo com Ele como uma magnífica, ofuscante aura de iluminação iridescente. João deu um passo para trás, mais por temor do brilho da luz que por espanto, e a multidão ficou estática, calada e fascinada pela visão que estava diante de seus olhos. Então desceu do céu uma grande e luminosa pomba branca, como se fosse de prata líquida, magnífica como a luz espiritual que envolvia o corpo do Cristo. A pomba pousou no ombro de Jesus, e enquanto os presentes continuavam silenciosos e imóveis, ouviu-se uma voz, melodiosa porém poderosa como uma trombeta, proclamando: "Este é meu Filho muito amado!" João sabia, e também o sabiam os Essênios que ali se encontravam, que o Espírito Santo havia descido sobre Jesus como havia descido sobre Maria, criando Nele um novo ser - o Divino Ser do Cristo e do Filho com Deus - como havia criado em Maria um novo ser e um Filho de Deus.





ILUSTRAÇÃO

JHS

Um outro monograma de Cristo é formado por três letras, que se supõe serem as primeiras duas e a última letra da palavra grega para "Jesus", sendo que esta última letra foi mais tarde transformada na letra latina "S". Desta forma, as letras I.H.S. significavam "Jesus, Hominum, Salvator" (Jesus o Salvador do Homem). Estas letras também eram usadas com o significado "In Hoc Salus" e "In Hoc Signo", traduzido como "Nesta Cruz, a Salvação" ou "Com Este Signo Vencerei". O I e o J na língua latina antiga eram idênticos na forma e nos monogramas mais antigos compostos das letras I.H.S., a marca de abreviação era colocada em cima das letras. Essas marcas foram mais tarde mal interpretadas e consideradas como uma cruz sobre o H; desta forma surgiu um novo monograma como este que mostramos na ilustração acima, com a cruz repousando no H. Este monograma é atualmente o emblema oficial adotado pelos jesuítas.



CAPÍTULO XIV: OS VERDADEIROS MILAGRES E DOCTRINAS DE JESUS

Toda a vida pública de Jesus, desde Seu batismo até a crucificação, foi uma manifestação exterior e objetiva da série de iniciações pelas quais ele tinha passado secretamente — ou mais ou menos subjetivamente — durante os anos de Sua preparação. Este importante fato é muitas vezes ignorado pelos estudiosos analíticos de Sua missão e obra, e certamente é tratado superficialmente pelos que tentam interpretar Suas doutrinas, ensinamentos, atividades, sofrimentos, provações, vitórias e derrotas.

Já sugeri em várias oportunidades, nos capítulos anteriores, que o misticismo fundamental do cristianismo foi indevidamente negligenciado pelo cristianismo moderno e suas igrejas, embora esteja sendo novamente introduzido pelos mais eminentes teólogos e clérigos. Em um recente conclave realizado por uma das mais importantes seitas protestantes da América e da Inglaterra, uma das mais eminentes autoridades eclesiásticas declarou que a salvação da igreja nos dias de hoje dependia de se dar uma ênfase adequada ao fundamento místico do cristianismo.

O cristianismo original tencionava difundir os ensinamentos e doutrinas ensinados por Jesus, o Cristo, os quais eram extremamente místicos, embora reduzidos a parábolas mundanas. Os Apóstolos de Jesus, por Ele



rigorosamente escolhidos em função de sua experiência anterior e por seus méritos, foram cuidadosamente iniciados por Ele e espiritualmente desenvolvidos através dos conclaves secretos que Ele realizava, os quais nunca se tornaram parte dos registros públicos de Sua vida. O trabalho que esses Apóstolos levaram adiante, mais tarde realizado pelos Patriarcas da igreja cristã, era dual em natureza. Havia o círculo interno dos estudantes de cristianismo, gradualmente esclarecidos sobre os princípios místicos subjacentes às doutrinas reveladas por Jesus; e havia o círculo externo que recebia tão-somente as parábolas e pregações de Jesus, posteriormente divulgados e detalhados por Seus seguidores.

Durante muitos séculos após a vida de Jesus, a primitiva Igreja Cristã era mais uma escola de mistério que um sistema público e geral de culto religioso. Foi só depois da realização dos conclaves dos Patriarcas no quarto, no quinto e no sexto séculos que o sistema atual, separado do cristianismo místico, foi adotado. Somente os poucos que eram considerados dignos e devidamente qualificados, nas diversas nações, é que tinham permissão para participar do pouco conhecido círculo interno e banhar-se na brilhante luz da iluminação transcendental. Não temos qualquer dúvida de que o círculo externo e suas igrejas tinham um glorioso trabalho a realizar; não tenho qualquer intenção de criticar os planos que permitiram o crescimento do trabalho do círculo externo com maior força ou de forma mais ampla que o trabalho do círculo interno. Ainda hoje, a proporção dos que estão preparados para entrar no círculo



interior é tão pequena, em comparação com os que estão apenas parcialmente preparados para o trabalho mais amplo e geral do círculo externo, que muitas vezes a tarefa de tornar o círculo interno suficientemente grande para continuar o grande trabalho que precisa ser feito para resguardar os elementos místicos do cristianismo para um futuro desenvolvimento, parece impossível. Não posso concordar inteiramente com os que criticam a Igreja e afirmam que seu sistema e organização corroeram o coração do cristianismo, ou então dizem que a pompa, as cerimônias, a estrutura e o modo de ação da Igreja negaram qualquer participação ao trabalho místico do círculo interno. O desenvolvimento espiritual é um problema de evolução, a qual só é rápida para bem poucos. O maior trabalho deve ser dirigido às massas, para permitir que umas poucas pessoas possam encontrar a Senda que leva ao círculo interno.

ORDEM ROSACRUZ

Antes que Jesus pudesse iniciar o grande trabalho de Sua vida, antes que pudesse lançar a base deste trabalho pela fundação de Sua própria escola e Conselho pessoal, composto de Neófitos escolhidos que seriam Seus Apóstolos e confidentes, Ele mais uma vez teve de passar pelos testes e tribulações da iniciação mais elevada.

Nesta oportunidade, entretanto, Ele não mais enfrentaria estas coisas como Neófito e sim como o Cristo nomeado por Deus. Como Seu trabalho seria feito no mundo objetivo, também os testes, provas e experiências iniciatórias seriam de natureza objetiva. Foi por esta razão que o primeiro incidente de Sua carreira pública foi Seu retiro para o silêncio e a meditação.



Em outra parte deste livro fiz referência ao princípio da entrada no silêncio e teci comentários a respeito das vantagens da meditação silenciosa. Nos livros de Mateus, Marcos e Lucas, incluídos na Bíblia Cristã, encontramos referências a Jesus recolhendo-se ao silêncio, ou indo para o deserto, embora nada disto conste do Livro de João. João foi o mais místico dos autores do Novo Testamento, e seu evangelho enfatiza mais os princípios cristãos místicos que os dos outros evangelistas. Seu motivo para omitir os incidentes da meditação de Jesus no deserto provavelmente decorreu do fato de ser algo de natureza pessoal e por não ter relação direta com o trabalho de Jesus junto ao público.

Em toda a Bíblia Cristã, tanto no Antigo como no Novo Testamento, encontramos muitas referências sobre aqueles que subiam a uma montanha para serem iluminados ou para entrarem em íntimo contato com a Consciência de Deus. A prova de que as referências a montanhas de inspiração ou iluminação não foram consideradas à luz do verdadeiro misticismo, está no fato de que muitas expedições formadas por cientistas e autoridades eclesiásticas procuraram por tais "montanhas" na Terra Santa e trabalharam diligentemente para encontrar o local adequado que se encaixasse nos vários incidentes descritos na Bíblia. Em muitos casos, as "montanhas" assim escolhidas não passavam de simples colinas, parecidas com milhares de outras existentes no país; muitas pessoas expressaram sua surpresa ao saberem que essas elevações tinham sido descritas como "montanhas". A verdade é que subir a montanha em busca de iluminação é uma frase simbólica e mística, nada tendo a ver com



qualquer montanha física, real, ou com altitudes de caráter físico. É surpreendente verificar como os antigos que viviam em terras destituídas de montanhas e nem sequer tinham colinas, falavam em seus escritos sobre a iluminação que haviam recebido no alto da montanha. Até alguns cristãos primitivos do Egito falaram da iluminação que haviam recebido no deserto ou no alto da montanha. Subir a montanha, na terminologia mística da Grande Fraternidade Branca e nos escritos místicos dos Avatares e Mestres do passado, significava a elevação do Eu espiritual interior a uma grande altura onde o contato Cósmico, ou Consciência Cósmica, era definido e completo. Verificamos que estas experiências descritas no Antigo Testamento, inclusive o caso de Moisés e seu contato espiritual com Deus, tinham por finalidade alcançar a iluminação espiritual ou o desenvolvimento e comprovação de algum princípio espiritual. Logicamente, o oposto desta expressão também era verdadeiro. Sempre que um grande místico ou Mestre do passado tinha de entrar em contato ou em confronto com as fases terrenas, não espirituais da vida e lutar com um problema puramente mundano, ele ia para o vale ou para o deserto e não para o alto da montanha.

Assim, vemos que o primeiro incidente da vida de Jesus, ligado a princípios objetivos e provas e tribulações terrenas, levou-O à solidão do deserto e não ao alto da montanha. As escrituras cristãs nos contam que Ele passou quarenta dias e quarenta noites no deserto. Durante este tempo ele jejuou e passou por outras formas de sofrimentos do corpo e da carne.



Um ponto interessante a notar é o fato de que os números sete e quarenta são os mais usados na literatura mística, por terem significado místico. Não tomarei o tempo dos leitores falando das numerosas citações relativas ao sete no Antigo e Novo Testamentos, começando pela criação do mundo e os dias da semana, acrescido do fato de ter sido o sétimo dia considerado Santo; tenho certeza de que bastam alguns minutos de reflexão para que venham à mente muitos usos semelhantes do simbólico número sete.

O número quarenta é citado tantas vezes que sua significação se torna evidente até mesmo para o leitor superficial da Bíblia. Encontra-se com freqüência nos mais antigos escritos sacros de muitas terras. Os egípcios afirmavam que o corpo não ficava completamente livre da alma a não ser após quarenta dias de preparação. Moisés absteve-se de pão e água por quarenta dias e quarenta noites, durante seu período de contato Cósmico. Moisés permaneceu no monte por quarenta dias e quarenta noites; e permaneceu no monte Sinai, na segunda vez, também por quarenta dias e quarenta noites. Os homens que foram para Canaã passaram quarenta dias em jornada espiritual. Foi profetizado que nenhum homem ou animal passaria pelo Egito por quarenta anos.

Elias esteve quarenta dias e quarenta noites no Monte Horeb, passando o mesmo número de dias e noites no Monte Carmelo. Os filhos de Israel permaneceram nas mãos dos filisteus por quarenta anos; durante quarenta anos os filhos de Israel se alimentaram de maná. O povo de Nínive teve de se arrepender durante quarenta dias. Vemos que Saul, Davi, Salomão e Joás



reinaram por quarenta anos. Por isto, não devemos nos surpreender por ter Jesus se retirado para o deserto por quarenta dias e quarenta noites.

Também vale lembrar que tanto Moisés quanto Elias começaram suas pregações públicas após jejuarem por quarenta dias e quarenta noites, em preparação para suas atuações finais. No caso de Jesus, entretanto, os primeiros atos seriam relativos a assuntos materiais, terrenos, enquanto que os de Moisés e Elias seriam de natureza espiritual, ligados a problemas espirituais. Por esta razão Jesus foi para o deserto e Moisés e Elias para o cume da montanha.

As crônicas cristãs nos contam que as experiências de Jesus durante Seus quarenta dias no deserto implicaram em um período de tentação; como a história é contada simbolicamente, as tentações terrenas são apresentadas como se viessem da pessoa de Satã. As tentações pelas quais Jesus teve de passar, entretanto, foram de natureza simbólica e relativas às tentações pelas quais passou durante Sua iniciação no Egito, quando estava sendo preparado para o Seu ministério. De acordo com antigos registros, Jesus meditou sobre a forma das tentações que o mundo Lhe apresentaria no decorrer de Sua missão; cada uma das tentações foram descritas por Ele como se fossem apresentadas pelo "tentador". Então ele examinou a natureza da tentação, analisou-a cuidadosamente e formulou a resposta que teria condições de dar e a atitude que seria capaz de manter por toda a Sua vida, caso viesse a ser confrontado com tais tentações.



Todo o processo, portanto, foi um auto-exame; está registrado que o resultado final dessa auto-análise, e a consideração das condições que Jesus teria de enfrentar, levaram-no ao ponto em que Ele soube que chegaria ao término de Sua carreira durante um ataque público a Seus métodos e Sua vida, cujo final seria a crucificação. Com isto, podemos compreender porque Jesus referiu-Se várias vezes ao triste desfecho de Sua vida, e porque esperava pelo que ocorreu e Se sentia mais ou menos preparado. Na verdade, Ele sabia que não seria o primeiro Avatar a ser crucificado e injustamente acusado pelas mesmas pessoas que mais teriam se beneficiado pelas instruções e ensinamentos a elas dirigidos.

Na verdade, vemos que logo que Jesus completou Seus quarenta dias de meditação e auto-análise e esboçou os planos de Seu ministério, Ele foi informado de que João, que O havia batizado, já estava na prisão por causa de seu trabalho missionário. Sabemos, portanto, que Jesus tinha conhecimento do destino que O esperava, mas isto não O deteve nem desencorajou, pois representava um teste de Sua sinceridade.

Então Jesus começou a pregar a doutrina do arrependimento. Esta doutrina não era original, mas a forma com que foi apresentada representava uma inovação nas pregações públicas na Palestina. Séculos antes, no Egito, Moria-El havia introduzido a doutrina da regeneração como recompensa do arrependimento, o que era uma doutrina da Grande Fraternidade Branca em



todas as partes; Jesus, entretanto, acrescentou uma inspirada esperança a mais ao coração e à mente de todos - "O Reino dos Céus está próximo!"

Ao analisarmos todas as doutrinas introduzidas por Jesus, vemos que cada uma delas tinha por base um princípio místico, provindo das leis naturais e espirituais. Se compararmos as prístinas doutrinas de Cristo e o tom geral de suas mensagens, com as doutrinas e mensagens cristãs de hoje, encontraremos diferenças notáveis. Jesus pregou uma mensagem de esperança que poderia ser expressa nas seguintes palavras: "Crê em mim e em meus ensinamentos, ama e age com amor para com todos, e deixa que a esperança seja o cerne de teus atos, pois depois desta existência há uma vida mais perfeita. Eu sei, pois de lá vim e para lá te liderarei. Não te basta a aspiração. Para alcançares uma vida futura mais perfeita, deves começar por tomar conhecimento dela agora, primeiro encontrando-a dentro de ti, no Reino do Céu que está em teu interior, e depois na humanidade através de atos de amor e caridade." As doutrinas atuais pregam uma mensagem de desespero que pode ser resumida nas seguintes palavras: "Sois todos filhos do mal, nascidos no pecado e vivendo em pecado, e no pecado morrereis. O Reino dos Céus está afastado de vós, e jamais será alcançado a não ser que nasçais de novo e pela regeneração vos torneis purificados e sejais salvos dos pecados que herdastes."

É fácil compreender, pois, porque as multidões da Palestina O seguiram e encontraram paz e renovada vida em Suas palavras. Em nenhum trecho dos registros da Fraternidade encontramos referências a que os milagres de Jesus e suas maravilhosas demonstrações de cura tenham atraído mais



atenção ou trazido mais felicidade e esperança ao público do que Sua mensagem. Os membros da Fraternidade que conhecem bem os princípios subjacentes, têm plena consciência de que a ênfase dada presentemente às curas milagrosas de Jesus é um erro, pois em Seu tempo estas coisas foram meros incidentes e não representavam o objetivo de Sua missão, nem era este o mais importante benefício por Ele outorgado. Sua cordial mensagem: "Vinde a mim, vós que trabalhais e carregais pesados fardos e Eu vos aliviarei", significava mais para as multidões que a ação de ressuscitar os mortos ou curar os doentes. Pensemos mais uma vez nos conflitos, lutas, amargos desapontamentos, esperanças destruídas e as aspirações pela paz do povo palestino daquele tempo, e saberemos o que a mensagem de Jesus representou.

O famoso Sermão da Montanha representa uma imagem do Reino do Céu que Ele já estava trazendo à consciência e ao coração do povo. Não pediu Ele que fizessem prolongados jejuns, sacrifícios incomuns, penitência pública. Nada disto foi recomendado por Ele que apenas disse que todos deveriam levantar os olhos para o alto e harmonizar o espírito com o novo Reino. "Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos Céus" - foi o consolo por Ele oferecido aos oprimidos, aos que se encontravam desolados e em desespero.

Sua apresentação das quatro Beatitudes: o maravilhoso poder da humildade, a compaixão pelos sofrimentos alheios, a bondade interior do coração, e a fome e sede de justiça, foram as doutrinas místicas, os princípios espirituais que Ele mostrou serem o Caminho do Reino dos Céus. Como o som



do místico sino de prata dos templos do passado, ressoava o puro, pródigo princípio: "Bem-aventurados os puros de coração, pois eles verão a Deus!"

Nem a doutrina da regeneração exigia sacrifício físico ou material, como o faziam outras que deixavam a multidão desolada. "Aquele que não nascer de novo não poderá ver o Reino de Deus" não representava dificuldade alguma para os que compreendiam as leis espirituais e místicas ali subjacentes; pois Jesus explicou: "Em verdade vos digo, quem não nascer da água e do espírito não entrará no Reino de Deus." Estas palavras estão no livro de João, que teve o cuidado de preservar as declarações místicas de Jesus, sabendo da importância desta parte das mensagens Divinas. A regeneração pela água, o renascimento pelo Batismo e o despertar da Consciência Divina interior pelo Espírito Santo, este era o Caminho para o novo Reino.

Na Grande Fraternidade Branca e na Ordem Rosacruz atual, todas as doutrinas, ensinamentos, pensamentos para meditação e normas experimentais têm por objetivo capacitar o estudante a despertar sua consciência interior e permitir que o Espírito Santo lhe traga a harmonia que o levará ao encontro do Reino Sagrado. Com a vinda da Consciência Cósmica, com o despertar do Espírito Santo, vem a iluminação da mente, a paz da alma e do corpo, poder para as faculdades mentais, intuição, capacidade de curar e sabedoria para sobrepujar os obstáculos materiais e terrenos que impedem o sucesso e a felicidade. É isto que oferece a Fraternidade em todas as terras. São dádivas gratuitas e que devem ser livremente aceitas, com sinceridade e mente aberta.



Nenhum preço pode ser atribuído a tais coisas, nem podem elas ser comercializadas através de livros e publicações ao alcance do público em geral. Por muitas eras os Rosacruzes preservaram estes ensinamentos e mantiveram estes princípios sem preconceitos, sem lhes atribuir um preço. Estas coisas estão ao alcance dos que delas são dignos. Aos curiosos que exigem signos e símbolos, tão-somente, nada é revelado, nada é dado.

Os milagres de Jesus não foram sobrenaturais, pois não ultrapassaram os limites das leis naturais nem se manifestaram pela aplicação singular de qualquer lei incomum. Para os místicos antigos e para Jesus, Mestre de todas estas coisas, todas as leis são leis Divinas, todos os princípios são de Deus, e nada havia de sobrenatural, superdivino, único ou extraordinário, no que Ele fez. Seu poder de fazer milagres era dual: apreensão mental e compreensão das leis, e a capacidade de aplicar as leis adequadamente, dirigindo sua operação, além da Divindade em Seu interior que lhe permitia dirigir eficientemente os processos criativos da Consciência de Deus em Sua alma. Metade de Seu poder era o dom Divino Nele nascido; a outra metade era o poder desenvolvido pelo estudo, treinamento e experiência. Até certo ponto, todos os homens e mulheres nascem com o poder Divino, e até certo ponto todos os homens e mulheres podem alcançar a maestria mental necessária para a aplicação do poder Divino. O próprio Jesus afirmou com autoridade que outros poderiam fazer o que Ele fizera — e até coisas muito maiores. Grandes Avatares anteriores a Ele haviam realizado milagres semelhantes e ainda hoje



existem pessoas que curam e fazem levantar pessoas que estão literalmente mortas, pelo poder Divino que é o maior dom de Deus ao homem.

Jesus não ensinou que a chamada morte ou transição fosse algo que pudesse ser impedido, continuamente evitado ou completamente eliminado da vida do homem, e sim que se tratava de um acontecimento inevitável na vida de todos os seres. Nisto encontramos uma contradição distinta com relação à falsa doutrina segundo a qual a transição pode ser evitada e a vida ser contínua em um mesmo corpo. "Não existe morte!" é uma declaração verdadeira quanto à parte real do homem e também quanto à parte física; mas Jesus e Seus Discípulos ensinaram que as coisas materiais sofrem mudanças e que a transição da alma e do corpo é manifestação da lei espiritual.

A doença e o sofrimento, entretanto, são coisas anormais e evitáveis, o que foi demonstrado por Jesus. Ele também ensinou que o corpo físico poderia ser livre de sofrimento, e a mente livre das torturas do pecado. Os Rosacruzes de hoje ensinam de que forma o homem pode viver em harmonia com a lei natural, evitar o sofrimento da carne e os pecados do corpo, para que possa viver em paz e felicidade até a hora da transição.

E fácil depreender por que os ensinamentos de Jesus provocavam o antagonismo dos devotos da fé ortodoxa. Jesus foi um modernista no mais amplo sentido da palavra, tendo vindo para a terra dos fundamentalistas com



doutrinas e demonstrações que contrariavam tudo que antes havia sido ensinado às multidões como verdade.

Em uma recente viagem à Palestina, notei a rivalidade existente entre as várias seitas, especialmente a determinação dos ortodoxos estritos em aderir aos antigos rituais e costumes de seus ancestrais. Não tenho dúvidas de que Jesus, se viesse hoje a Jerusalém e pregasse da forma que o fez no passado, dando demonstrações quanto à verdade de Seus ensinamentos, seria novamente crucificado pela pena de prisão, pela rejeição dos estritamente ortodoxos e pelo ridículo que sobre Ele seria lançado pelos cétricos e descrentes. Também é certo que o mesmo ocorreria se Ele viesse ao mundo ocidental justamente em meio àqueles que ora discutem a evolução do pensamento do homem, o progresso de sua compreensão, que produz uma mudança em suas crenças e sua fé.

Durante o tempo de seu ministério público, Jesus passou por quatro estágios antigos e tradicionais de iniciação, esboçados séculos antes por Pitágoras, que foram: O primeiro grau de preparação, culminando no sermão da Montanha; o segundo grau de purificação, representado pelas milagrosas curas e demonstrações da terapêutica mística; o terceiro grau de iluminação, manifestado pela volta de Lázaro dentre os mortos; e o quarto grau de visão espiritual, manifestado pela transfiguração.



Quanto ao desfecho destes acontecimentos e estágios de Sua missão,
e o que significaram para o grande Mestre, apresentarei a seguir.



CAPÍTULO XV: A VERDADE SOBRE A CRUCIFICAÇÃO

Recentemente surgiram um ou dois panfletos apresentando a suposta história da crucificação contada por uma testemunha ocular. O relato é bastante breve e apenas lança uma luz de natureza questionável sobre alguns pontos da crucificação. As declarações dos panfletos que mereceram consideração foram tiradas de diversas fontes fidedignas e ampliadas de forma fictícia por um autor desconhecido que apenas tentava chamar a atenção daqueles que desejam histórias incomuns.

A verdadeira história da crucificação está registrada em vários escritos antigos que merecem confiança e são coerentes em seu esboço dos acontecimentos. O próprio Judas deixou um breve relato de sua relação com o caso e de suas impressões a seu respeito. Os principais e mais completos relatos da história estão em três manuscritos de diferentes escribas, preservados em mosteiros do Tibete, do Egito e da Índia.

Os estudiosos da Bíblia em geral acreditam que o único registro ou relato histórico da crucificação é o que consta dos Evangelhos cristãos; os críticos das doutrinas cristãs e das histórias bíblicas afirmaram muitas vezes que não acreditavam absolutamente na história por não terem encontrado qualquer comprovação em outros registros ou nos escritos de historiadores



contemporâneos. Essas pessoas esquecem que o acontecimento da crucificação foi de extrema importância para os seguidores de Jesus e para diversas seitas, cujos membros estiveram ligados ao trabalho de Jesus e Seus Apóstolos, mas teve pouca importância do ponto de vista nacional e do ponto de vista dos judeus ortodoxos e dos poderes de Roma. Por esta razão os historiadores contemporâneos, que escreviam sobre os acontecimentos mais importantes da época, não consideraram a crucificação de um líder religioso como acontecimento de importância nacional e digno de consideração a ponto de merecer um lugar em suas crônicas. Do ponto de vista atual, a crucificação representa um dos mais importantes acontecimentos da história da civilização, o que se deve ao fato de que o tempo nos deu uma perspectiva mais adequada, e os resultados da crucificação criaram um efeito universal que continua a ser de vital importância na vida de muitos homens e mulheres.

Muitas ocorrências recentes passaram quase despercebidas pelos registros históricos, tendo depois se tornado extremamente importantes. O assassinato de um homem em um país da Europa, nos anos trinta, poderia ter passado sem maiores comentários nos jornais, e certamente passaria em branco nos comentários históricos da nação, se conseqüências futuras ligadas ao caso, ou que foram gradualmente resultando do mesmo, não tivessem rapidamente atribuído ao fato uma importância de caráter mundial, ligado a uma das maiores guerras da história da humanidade.



No caso da crucificação de Jesus, a real importância do acontecimento e o extraordinário efeito do mesmo evoluíram muito lentamente, isto só depois que muitos séculos já haviam transcorrido. Os que escreveram a esse respeito quando os acontecimentos ainda eram recentes, o fizeram não como se se tratasse de um acontecimento de importância mundial, nem como algo que devesse ser contado nos mínimos detalhes, mas como um caso que tinha seu lugar no esquema das coisas associadas a atividades puramente religiosas de sua seita; por isto, só registraram os pontos que tinham significação religiosa ou espiritual, de acordo com a opinião pessoal do cronista. Isto explica a diferença na apresentação da história, e a diferença quanto à ênfase dada aos vários pontos nela envolvidos.

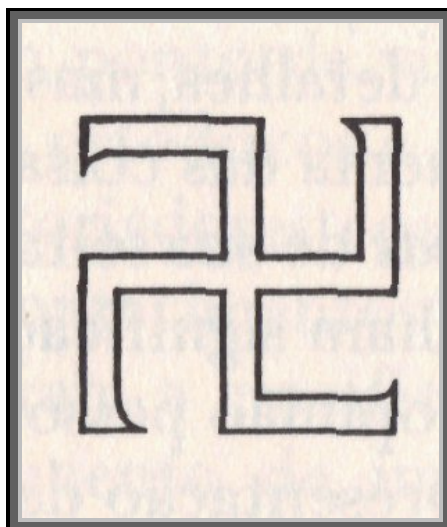
Mas nos registros dos autores que tencionaram preservar a história completa nos arquivos da Grande Fraternidade Branca e suas organizações associadas, o assunto foi tratado como algo que tinha uma importante conexão com a série de acontecimentos que haviam ocorrido na história da Grande Fraternidade Branca em eras passadas. Os autores apresentaram evidências sobre a relação deste acontecimento com outros semelhantes, que comprovaram os ensinamentos de doutrinas e tradições das leis espirituais e Cósmicas manifestadas na vida de todo grande Avatar e todo grande líder da evolução humana. Na opinião desses autores, muitos incidentes ligados à crucificação foram de extrema importância e foram cuidadosamente registrados, enquanto



esses mesmos incidentes foram desprezados por parecerem inconseqüentes aos autores dos registros publicados na Bíblia Cristã.

Outra razão para a grande diferença entre a história contada pelos autores dos Evangelhos e a história conta da pelos escribas da Grande Fraternidade Branca está no fato de que os autores dos Evangelhos cristãos escreveram com o propósito de estabelecer e manter certas doutrinas e princípios que já estavam se tornando a base de uma nova seita religiosa.





O emblema que aqui vemos é um dos mais antigos entre os signos místicos populares, que foi erroneamente atribuído aos índios americanos, por ter sido encontrado em inúmeras decorações místicas dos mesmos. As pesquisas mais recentes encontraram este símbolo gravado nas antiqüíssimas ruínas maias do Yucatan, onde provavelmente fora usado centenas de anos antes da Era Cristã. Também foi encontrado entre os signos do antigo Zodíaco budista e como símbolo nas inscrições Asoka. Ele foi usado como a marca da seita dos jainistas e da seita xaca (Xaca Japonicus). A mais antiga forma de cruz encontrada nas catacumbas cristãs era esta. Este é um dos mais sagrados símbolos usados nos mosteiros do Tibete pela Grande Fraternidade Branca. No simbolismo cristão, supõe-se que a cruz gamada representava duas letras maiúsculas gama, cruzadas e invertidas, e também era usada como signo de "fé no crucificado".



Eles, portanto, tiveram de aderir à história tradicional da crucificação que tinha sido oficialmente esboçada pelos Apóstolos e apresentada como base teológica do cristianismo. Quaisquer incidentes da crucificação que não se encaixassem nesses princípios teológicos e nessas tradições fundamentais, tiveram de ser eliminados de suas narrativas, não com o propósito de enganar, mas para que os despreparados para saber a história completa não ficassem confusos pela apresentação dos elementos místicos reservados aos integrantes do círculo interno e aos seguidores mais avançados.

Disto pode o leitor depreender que a história completa e os fatos reais da crucificação estavam ao dispor dos Patriarcas que fundaram a primitiva Igreja Cristã entre o quarto e sétimo séculos A.D., e que eles tinham conhecimento de todos os pormenores. A verdade é que os Patriarcas tiveram maior acesso a estes registros e muitos outros hoje perdidos ou ocultos, do que nós nos dias de hoje, a despeito das ligações que possamos ter com a mais completa e maior biblioteca de escritos secretos ainda em existência.

Sabemos que os Patriarcas da igreja primitiva tiveram acesso aos registros de que falamos, porque nas reuniões dos Concílios da igreja cristã primitiva, e nas discussões havidas entre as maiores autoridades da mesma, houve referências a certas partes de manuscritos e registros oficiais que tratavam da crucificação e outros incidentes da vida de Jesus, que hoje estão ocultos ou foram destruídos. A destruição de muitos registros deste tipo é provada pelo fato de que, no passado, vários concílios da igreja antiga



autorizaram a destruição de certos manuscritos por eles discutidos, porque decidiram que a existência dos registros poderia embará-los no futuro. Os registros oficiais de muitos desses concílios contêm longas e acaloradas discussões sobre esses manuscritos e seu conteúdo; também verificamos que um certo número de eminentes autoridades da igreja primitiva se desligaram dos concílios e atraíram a ira da igreja sobre suas cabeças, por não concordarem com a destruição de documentos tão importantes e com o plano de ocultar fatos conhecidos.

Em capítulos anteriores deste volume fiz referências a declarações de alguns Patriarcas revelando o quanto conheciam a respeito de detalhes secretos ou ocultos da vida de Jesus. Sem dúvida, muitos desses importantes registros e manuscritos estão preservados no Vaticano, em Roma, pois era desejo dos Patriarcas do sétimo ao décimo segundo séculos reunir e ocultar do exame público ou particular todos os livros e manuscritos pertencentes às raras coleções das terras orientais que pudessem conter declarações diferentes das que eles haviam estabelecido como doutrinas e tradições oficiais de sua igreja. Conhecemos, por exemplo, um incidente ocorrido durante as Cruzadas na Terra Santa, quando uma magnífica biblioteca contendo vinte mil manuscritos raros e de importância histórica, relativos principalmente a assuntos religiosos, e em particular a fatos anteriores e contemporâneos à vida de Jesus, foi completamente destruída – reduzida a cinzas depois que uns poucos manuscritos escolhidos foram enviados a Roma.



Felizmente para nós, alguns manuscritos de grande importância sobreviveram a todos os processos destrutivos; é deles que muitos acontecimentos da vida de Jesus foram extraídos e publicados neste livro. Os incidentes relativos à crucificação, tirados desses registros, são especialmente iluminadores, mas por serem os relatos demasiado longos para poderem caber em um só volume, tive de escolher apenas as partes mais relevantes e reuni-las nos parágrafos que vêm a seguir.

Em primeiro lugar, descobrimos que a crucificação de Jesus não ocorreu pelas mãos dos judeus, como protesto contra Seus ensinamentos ou punição pela tentativa de assumir qualquer liderança. A idéia de que os judeus perseguiram e depois crucificaram Jesus é um ponto de vista adotado pelos Patriarcas da primitiva Igreja Cristã, porque vinha ao encontro dos princípios teológicos que eles desejavam estabelecer e às tradições que eles desejavam utilizar como base de suas doutrinas.

As autoridades cristãs em geral argumentam que Jesus foi um prescrito entre os judeus, com exceção das escassas centenas ou milhares de pessoas que se tornaram os Seus seguidores: mas esta idéia é destituída de fundamento quanto aos incidentes e fatos tais como os conhecemos. Embora seja verdade que os judeus não consideravam Jesus um dos seus e sim um gentio, e que muitos deles ridicularizavam a idéia de que alguém da Galiléia ou alguém que fosse considerado Nazarita, pudesse fazer alguma coisa de valor, eles não O teriam crucificado por ser um estrangeiro nem por considerá-lo um



"presunçoso". A idéia de que Ele estivesse destruindo sua religião ou prejudicando sua igreja não é apoiada por nenhum fato real. O próprio Jesus disse, em mais de uma oportunidade, que Ele não viera para destruir a lei ou as palavras dos profetas, nem para depreciá-los ou detrair de sua condição superior entre os judeus, mas para cumprir as previsões desses mesmos profetas e apoiar as leis que eles haviam estabelecido.

Também se afirmou que Jesus tentou desviar a fé dos judeus em seu Deus para uma outra divindade, ou para uma trindade de Deuses, e que por isto condenaram Sua obra. Também não encontramos qualquer justificativa para esta crença; quando Ele próprio foi argüido a respeito de qual seria o primeiro mandamento, respondeu: "Ouve, ó Israel, o Senhor Nosso Deus é um, e amarás o Senhor Teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e com todas as tuas forças."

Sem dúvida isto confirmava o ponto de vista religioso dos judeus, e não poderia tê-los contrariado. Embora seja verdade que Ele criticou algumas práticas na sinagoga, e que tentou dirigir o pensamento do povo a ideais mais elevados, isto em si não teria justificado a crucificação de Jesus pelos judeus, que simplesmente O teriam ignorado.

Jesus não foi mais radical do que a fora Isaías, nem mais liberal em sua ortodoxia que Miquéias. Ele não tentou fundar uma nova seita nem uma nova igreja de qualquer espécie, apesar das afirmações de muitos cristãos que



pensam que foi Jesus quem estabeleceu a primeira igreja cristã e iniciou o primeiro movimento cristão dirigido à fundação de uma seita individual e separada. Mesmo que Ele o tivesse feito, isto não teria sido algo inusitado naquela terra, pois havia várias seitas entre os judeus, algumas muito antigas, outras muito recentes, como a dos fariseus, saduceus, essênios, nazaritas, kutitas, betusianos e muitos outros que, por sinal, nunca foram punidos com a morte. Jesus pode ter Se proclamado o Messias, para desgosto dos ortodoxos, mas de acordo com o costume judeu qualquer membro da Casa de Judá podia ter feito a mesma coisa sem ser morto pelos judeus por ter esta crença. Ele pode ter falado de Si mesmo (embora não haja registros desta declaração) como o "único Filho de Deus", mas duvidamos que a simples afirmação quanto a ser "Filho de Deus" teria provocado antagonismo de qualquer espécie; isto porque todo judeu acreditava que Deus era seu "Pai" e sempre orava a Deus chamando-O seu Pai Celestial, chamando a si mesmo de Filho de Deus. Este conceito da divindade era comum em Israel.

Um ponto notável com relação à crucificação de Jesus está no uso da cruz. Este pormenor nos confirma que Roma ordenou Sua morte, que a punição foi romana e não judia, pois os judeus O teriam apedrejado, conforme era o costume, caso tivessem desejado livrar-se Dele por qualquer motivo. O fato de que Sua morte foi decretada à maneira romana, pelas mãos de pessoas oficialmente encarregadas de fazer cumprir a sentença de morte de maneira legal, indica que o caso não foi ligado à violência popular ou à perseguição



religiosa por parte dos judeus, mas uma sentença proclamada oficialmente em Roma.

Devemos lembrar que muito mais importante que a afirmação dos Apóstolos ou Discípulos de Jesus de que Ele era o Messias e Filho de Deus, foi o título que Lhe foi conferido por seguidores entusiásticos que O idolatravam e sem discrição ou discriminação o proclamaram "Rei dos Judeus". Isto sim provocou uma situação séria que foi a verdadeira causa da crucificação.

Os judeus estavam ansiosos por um líder, fosse este o verdadeiro Messias ou alguém que o antecesse ou representasse antes de sua vinda. Se um automeado ou verdadeiramente predestinado líder lhes trouxesse uma mensagem de paz e felicidade e fizesse milagres de cura, teria sido tolerado pela maioria dos judeus, senão pela totalidade deles. A inquietação entre os judeus da Palestina, mais suas esperanças e planos de se livrarem do jugo de Roma já haviam causado grande ansiedade aos conquistadores romanos, no passado. Em toda parte os espões do governo romano buscavam descobrir sinais de um possível levante ou rebelião, e a escolha de um líder capaz de iniciar outra guerra; quando os murmúrios e declarações abertas dos entusiastas seguidores de Jesus proclamaram-No "Rei dos Judeus", houve motivo para considerar o assunto suficientemente sério para ser levado ao conhecimento de Roma, ali recebendo atenção oficial.



Sem dúvida Jesus era temido por Roma, conforme dizem muitos registros antigos que se referem a esta fase da história. Seus ensinamentos simples se opunham aos ensinados na forma de doutrinas oficiais pelos romanos. Suas pregações tendiam ao socialismo santo, com o qual o imperialismo tirânico de Roma jamais poderia se harmonizar. A única ofensa que pode ser atribuída a Jesus em toda a Sua carreira foi de cunho político no entender dos romanos. O exército romano estacionado em Israel e os espões pagos por Roma possibilitavam ao governo tomar medidas drásticas sempre que houvesse a possibilidade de existir um traidor em seu meio ou de haver uma rebelião.

Caifás poderia ter sido espião do governo romano, pelo que podemos inferir dos relatórios secretos que fez a Roma quanto às atividades de Jesus. Por outro lado, ele pode ter sido simplesmente um inimigo pessoal, pois é verdade que tudo fez para manter Roma informada a respeito de Jesus e para dificultar o trabalho Dele. Embora sendo Caifás um eminente líder do Sinédrio, ele não representava este corpo ao fazer seus relatórios ou ao assumir esta atitude. Há notícias de que Caifás chegou ao ponto de oferecer grandes somas em dinheiro com a finalidade de obter provas e assegurar-se de que Roma emitiria um mandado de prisão e julgamento de Jesus. Neste homem, pois, encontramos um inimigo maior de Jesus e Seu trabalho do que o próprio Judas.

Depreende-se do exame de alguns registros antigos que a maioria das revoltas e disputas que eram comuns na Palestina daquele tempo foram



propositadamente atribuídas a Jesus, mais precisamente aos Seus seguidores. Roma foi gradativamente se convencendo de que poderia pôr fim às grandes despesas feitas com a constante investigação e espionagem quanto aos movimentos dos seguidores do Cristo em Jerusalém, e diminuir o trabalho que já tinham tido ao lidar com assuntos semelhantes, tirando de circulação o líder da chamada nova facção. Por conseqüência, na época em que Jesus entrou em Jerusalém para realizar a fase culminante de Seu trabalho, após uma jornada longa e bem sucedida nas regiões próximas, já havia um mandado de prisão nas mãos dos oficiais de Jerusalém.

Por Ele ter chegado às vésperas do período das festas, decidiram as autoridades que não seria aconselhável interferir na quietude e na sagrada paz dos Dias de Festa dos judeus. Caifás temia um levante na hora em que fosse feita a prisão, o que seria desastroso para as tradições da igreja, pois perturbaria as celebrações dos peregrinos e também poderia prejudicar a grande coleta de fundos que sempre ocorria quando havia tantos milhares de visitantes em Jerusalém.

Há várias referências nos registros indicando que o assassinio de Jesus não só tinha sido considerado, mas, de fato planejado por alguns mercenários ligados aos fanáticos religiosos de Jerusalém e às autoridades romanas locais. Ficou decidido, entretanto, que o ato seria atribuído aos judeus e não aos romanos, pois estes tinham todos os poderes para agir abertamente, condenando Jesus como agitador político.



A história de Judas, como é apresentada na versão cristã, está deturpada, modificada que foi para ilustrar o fato de que entre os seguidores de Jesus, como ocorrera com todos os grandes líderes ou Avatares do passado, havia um representante das forças do mal e dos princípios malévolos do mundo, símbolo do elemento indigno encontrado em todos os aspectos da vida. Os fatos históricos são que os oficiais indicados para prender Jesus compreenderam que, se o aprisionassem publicamente, enquanto estava pregando ou realizando milagres, teriam de se haver com uma situação perigosa que resultaria no uso de força e de armas, na destruição de vidas e propriedades, e na criação de uma situação indesejável tanto para os romanos como para o povo judeu.

Por isto ficou decidido que Jesus seria preso em particular, quando estivesse fora da cidade e acompanhado de poucos seguidores. Era necessário alguém, entretanto, que O identificasse a distância, usando as vestes brancas comuns aos Essênios. Judas se dispôs a servir neste caso, em troca da propina que lhe foi oferecida, e na verdade ele encarnava aquele elemento que a história da Bíblia apresenta.

O fato de Jesus saber o que estava por acontecer, e que seria por traição e relatórios falsos que Ele terminaria Sua carreira, está evidenciado não só pelas histórias cristãs mas por muitos registros privados. Os soldados que representavam o governo romano seguiram as indicações de Judas e encontraram Jesus no local por Ele visitado freqüentemente, no Jardim de



Getsemani, onde pretendia manter consultas secretas com Nicodemos, José de Arimatéia e outros. Enquanto os soldados se ocupavam em prender Jesus, José de Arimatéia afastou-se rapidamente para informar aos demais o que havia ocorrido e fazer planos imediatos para ajudar Jesus. Pilatos foi consultado e concordou em adiar os procedimentos até que passassem os dias da Festa. Ele temia a possibilidade de algum impedimento legal no que acontecera, de que haveria críticas e de que sua posição estava ameaçada. Ao lermos nas entrelinhas de várias histórias antigas, não percebemos nas ações de Pilatos qualquer sentimento interior ou exterior ao lidar com Jesus, que fosse impessoal ou generoso.

O mandado de prisão exigia um julgamento imediato, mas Pilatos encontrou razões legais para adiar o caso sem antagonizar as autoridades romanas e ao mesmo tempo servir a seus próprios propósitos. Alguns vieram a Pilatos apresentando-se como judeus ou como defensores do governo romano, exigindo que a ordem do Imperador fosse imediatamente cumprida. O mandado era de tal natureza que exigia a sentença de morte se o réu fosse considerado culpado das acusações. Consta dos registros que as decisões dos juizes e testemunhas menores foram relatadas a Pilatos naquela mesma noite, mas que não havia naquelas decisões suficiente força para que Pilatos permitisse uma execução imediata. Algumas histórias cristãs dão a entender que havia seguidores de Jesus na própria casa de Pilatos. Não encontramos razão que comprove esta afirmação, apenas sabemos que o próprio Pilatos



havia se beneficiado de um trabalho místico a distância, de Jesus, o qual resultará na cura de um mal em sua mão. Entretanto, se todos os que haviam sido curados ou auxiliados por Jesus tivessem sido Seus seguidores sinceros, teria havido uma multidão tão numerosa de seguidores em Jerusalém que ninguém teria ousado planejar a crucificação. Não é incomum na vida dos Avatares que a mesma mão e o mesmo braço que no passado estiveram paralisados e foram curados se tornassem o braço e a mão que primeiro os golpeassem. Pilatos pedia o adiamento mais estava sendo pressionado e acabou cedendo.

A tentativa de transferir o caso para a Galiléia, porque Jesus não era judeu, e deixá-lo a cargo de Herodes que estava presenciando a festa de Jerusalém, também falhou. Herodes não tinha suficiente estabilidade e não estava livre de críticas, de modo que não ousou tomar parte em um assunto que ele sabia ser mais sério do que parecia à primeira vista. Nesse meio tempo, os intrigantes temiam que Jesus escapasse de suas garras, mas Seus seguidores não tentaram nada além de exigir um julgamento justo e tempo suficiente para prepararem a defesa. O próprio Jesus parecia despreocupado quanto à controvérsia que havia entre os altos magistrados, pois foi registrado que, durante essas horas amargas, ele continuou a fazer tratamentos, a pregar, e manter a mente calma. Devemos pensar na majestade dessa mente para manter-se pacífica, sabendo o que estava por acontecer, pois Jesus sabia. Os seguidores de Jesus que tentavam preparar uma defesa ou assegurar Sua libertação lembraram que, na ocasião das Festas, era costume conceder a vida e a



liberdade a um criminoso; este ponto foi apresentado aos oficiais, com o argumento de que a multidão preferia que Jesus fosse o agraciado. Este plano também falhou. Finalmente, Pilatos entregou Jesus à turba de acusadores e inimigos pessoais, iniciando-se o processo da flagelação, preliminar à crucificação. O modo pelo qual os líderes da turba se comportaram nesta ocasião, como confirmam todos os registros, mostra a grande inimizade e o rancor dos judeus que odiavam Jesus.

Enquanto isto, os Apóstolos e irmãos essênios silenciosamente continuavam com seus planos e apelavam para as altas autoridades no sentido de salvar a vida de seu Mestre. Os que sabiam o que estava sendo feito com relação a apelos ao Imperador para que reconsiderasse, e a outras autoridades para que intervissem, não podiam compreender porque as coisas não se resolviam mais rapidamente; segundo os registros, um grande número de seguidores de Jesus achava que mais fraudes estavam sendo perpetradas, enquanto que os que sabiam compreendiam tudo, pois Jesus os havia esclarecido quanto à real natureza da crucificação; sabiam que ela seria feita e o que significaria para o grande trabalho da organização secreta. Havia dois grupos, portanto, que observavam os acontecimentos: um era movido pela ansiedade, temeroso de que cada hora perdida tornasse impossível impedir a crucificação, e o outro grupo que sabia intuitivamente e talvez por informações secretas a ele transmitidas, que tudo terminaria de modo diferente do que esperavam os demais.



Quase uma semana havia se passado desde a emissão do mandado de prisão e uma hora se seguiu a outra até que o corpo de Jesus fosse colocado na cruz, no Gólgota, uma pequena colina bem próxima aos portões da cidade, tão redonda e parecida com um crânio que era chamada Gólgota. Ali outros condenados haviam sido crucificados, conforme o costume romano de muitos anos. A cruz sempre havia sido usada para fins de perseguição e execução pelos romanos, e era um emblema dos Essênios, simbolizando o sofrimento, os testes e tribulações do homem; mas a elevação desta cruz em particular, com sua preciosa carga, tornou-se imediatamente um novo símbolo para os Irmãos de Branco e para a Fraternidade Secreta; a partir daquela hora a cruz recebeu um novo significado no pensamento místico e espiritual. As facções judias que se haviam reunido para testemunhar a elevação da cruz se dispersaram para irem se preparar para a chegada do Sábado, e somente os gentios e membros das organizações secretas permaneceram no local para observar e proteger o corpo de seu Mestre.

Muitos comentários foram feitos, no passado e também recentemente, sobre as palavras pronunciadas por Jesus enquanto estava na cruz. Os que tentam argumentar que Jesus não era o grande Mestre e Filho de Deus proclamado pelos Apóstolos e Discípulos, citam São Marcos XV:34, onde ele diz que Jesus falou em uma das línguas que conhecia: "Eloi, Eloi, lama sabachthani?", traduzido com o significado: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? " São Mateus nos dá palavras idênticas. Mas os quatro livros de



Mateus, Marcos, Lucas e João concordam entre si em que, logo após dizer estas palavras, Jesus entregou o espírito ou deu o espírito.

As palavras ditas por Jesus e a declaração de que em seguida entregou o Espírito são muito significativas do ponto de vista místico. Foi o Espírito Santo que Jesus entregou naquele momento, o mesmo Espírito Santo que habitou o ventre de Maria e manifestou o poder criativo do Logos; foi o mesmo Espírito Santo que desceu sobre Jesus no momento do batismo e O infundiu com a autoridade e o poder para ser o representante vivo do Logos na Terra. No momento da entrega do Espírito Santo, ainda na cruz, Jesus deixou que o poder e a autoridade especial retornassem à Consciência Cósmica, deixando-o no estado de alguém que havia completado Sua missão e não mais era o poder vivente do Logos na Terra. É por isto que Lucas descreve o incidente dizendo que as palavras de Jesus foram: "Pai, em Tuas mãos entrego o meu Espírito" enquanto João escreveu que Jesus disse: "Está consumado."

Todo místico compreenderá que as referências a entregar o Espírito Santo não podem, de forma alguma, aludir à entrega da vida, vitalidade ou consciência vital. Os que tentaram, a partir do quinto século depois de Cristo, transmitir a idéia de que Jesus efetivamente morreu quando ainda se encontrava pregado na cruz, ou que Sua transição ocorreu naquelas condições, usam o termo "entregar o Espírito" no sentido de entregar a vida e a consciência. Se devemos considerar o Espírito Santo, neste exemplo em particular, com o significado de vitalidade, força, vida e animação, então precisamos ser



coerentes e interpretar o termo da mesma forma em todos os casos em que foi usado relativamente à vida de Jesus. Poderemos então afirmar que, ao ser batizado e receber o Espírito Santo, Ele recebeu vida, vitalidade e consciência, e que aquele foi o início de Sua existência como criatura vivente? E bastante claro, pelo que sabemos da história do Batismo contida nos Evangelhos cristãos, que a descida do Espírito Santo foi a infusão da autoridade sagrada e Divino poder no corpo de Jesus, completando Sua preparação e levando ao ponto máximo Seu perfeito desenvolvimento como Filho Divino de Deus, Avatar e Cristo vivente. Foi a reversão deste processo que ocorreu na cruz, a retirada do Espírito Santo e da condição crística, no momento da culminação de Sua breve missão, e do fim de Sua condição de Cristo.

Por tudo isto, podemos compreender que as palavras "Eloi, Eloi, lama sabachthani? " não poderiam significar "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? ", e que deve haver um sentido oculto nesta expressão, ou então que as palavras em questão foram mal interpretadas.

Pesquisando nos registros antigos e na versão original e transcrições originais dos arquivos religiosos, verificamos que as palavras são: "Heloí, Heloí, lama sabachthani?". Então descobrimos que Jesus disse: "Meu Templo de Hélios, Meus Irmãos de Hélios, por que me abandonas-tes? ", referindo-se aos Irmãos do Templo de Hélios onde havia sido iniciado. Esses irmãos, segundo se esperava, evitariam qualquer sofrimento desnecessário e dariam todo auxílio que se fizesse necessário. Naquele momento supremo, em meio a intenso



padecimento, Jesus não tinha ciência de tudo que estava sendo feito por Ele e provavelmente interpretou a ausência de tantos Irmãos como uma falta de atenção em momento tão crucial. Foi nesse instante que Jesus passou ao estágio da transição de Mestre Divino para Mestre humano, tendo a transição culminado na Ascensão que será o tema do próximo capítulo. Vemos, portanto, que o problema relativo a Suas últimas palavras fica resolvido como uma indicação a mais de Sua real majestade e harmonização divina.

No momento em que o Sol lançava seus derradeiros raios no horizonte e o céu parecia escurecer mais rapidamente ameaçando uma tempestade, o que pareceu muito significativo para os fiéis, ocorria um distúrbio no palácio de Pilatos; um mensageiro havia chegado, trazendo um documento com o selo particular de Tibério e todos estavam ansiosos por saber seu conteúdo. O documento instruía Pilatos a cancelar o mandado de prisão e paralisar todos os procedimentos até que Cirênio pudesse fazer uma investigação completa. Enquanto isto, Jesus deveria ser posto em liberdade e aguardar que se fizesse um relatório completo.

Pilatos imediatamente despachou um mensageiro aos encarregados da crucificação para dar-lhes a notícia, instruindo-os para que não permitissem mais nenhuma perseguição ou tortura. Na verdade, as instruções diziam que, caso ainda houvesse vida no corpo de Jesus, Ele deveria ser tirado da cruz e enviado a um abrigo para ser tratado. Estas eram as boas novas esperadas por



Nicodemos, Mateus e José de Arimatéia, e que representavam más notícias para os intrigantes, especialmente os que estavam comprometidos na conjuração.

A tempestade começou, retardando a remoção do corpo de Jesus por algumas horas, mas Ele recebeu alimento e bebida, e foram colocados suportes sob Seu corpo para evitar que os cravos que O torturavam rasgassem ainda mais a Sua carne. Os poucos fiéis notaram com grande ansiedade que uma sombria quietude e entorpecimento se mostravam no corpo de Jesus e que aos poucos Ele ia perdendo a consciência. Assim que foi possível, quando a tempestade amainou, foram trazidas tochas e o corpo foi examinado revelando que Jesus não estava morto. O sangue que fluía das feridas era prova de que o corpo ainda tinha vida; a cruz foi imediatamente baixada e o corpo removido. O corpo foi levado para um jazigo de propriedade de José de Arimatéia, supostamente construído para uso de sua família. Como era um homem rico, o jazigo era elaborado e muito bem feito. O corpo foi colocado em um local especial do túmulo, previamente arrumado para este fim, e então terapeutas ligados à Fraternidade Essênica prestaram toda assistência possível no tratamento das feridas de Jesus.

Os Essênios haviam obtido permissão para usar o jazigo para enterrar Jesus, e as autoridades haviam dado a permissão na crença de que este seria o local permanente do sepultamento. Por isto, logo depois que o corpo foi colocado no túmulo, os guardiões da Fraternidade que se encontravam no exterior anunciaram a chegada de oficiais que vinham inspecionar o túmulo e



aprovar o sepultamento. Jesus já havia voltado à plena consciência, Seus ferimentos tinham sido pensados e o corpo vestido com roupas brancas, para que Ele pudesse dormir um pouco, quando os oficiais chegaram. Eles puderam testemunhar o fechamento da câmara e apuseram seus selos sobre as lajes e sobre a porta. Aparentemente, tudo que era necessário e legal para tornar aquele jazigo um local de sepultamento permanente havia sido cumprido de acordo com a lei oficial; mas segundo os nossos registros, muita coisa deixou de ser feita, pois os Essênios haviam providenciado para que os oficiais não fossem longe demais no processo de lacrar e tornassem impossível entrar ou sair da câmara mortuária. A descrição da mesma, nos registros de que falo, não é tão completa que nos permita compreender inteiramente a sua forma e estrutura e não temos certeza se havia duas portas ou apenas uma. Mas conforme todos os registros, parece, que uma grande laje foi utilizada para selar a entrada depois que as portas foram fechadas, com o propósito de ocultar a entrada para que o jazigo, que estava situado no lado de uma rocha, não ficasse muito aparente nem chamasse muita atenção. Também foi registrado que Nicodemos temia que alguma coisa pudesse ter sido planejada, pois sabia que algumas pessoas tinham conhecimento da traição de Caifás e que o ressentimento dos seguidores de Jesus poderia levar a alguma forma de burlar a lei. Foi por isto que ele exigiu que o túmulo fosse guardado, para satisfazer a Caifás e à lei.

Tarde da noite, a tempestade que havia amainado voltou a rugir por todo o vale da Judéia e raios e trovões flamejaram e ecoaram por sobre as



montanhas da região. Segundo os registros, a tormenta foi incomumente violenta, deixando vazias as ruas de Jerusalém e as estradas fora dos muros não tinham quaisquer peregrinos, forçando os guardas e soldados a procurar abrigo.

NOTA DO EDITOR:



No *Semanário Ilustrado da Índia* (7 de julho de 1974), a seguinte legenda acompanhou a fotografia de um templo antigo: "O TÚMULO DE JESUS", Srinagar. Há oitenta e três anos, Mirza Ghulam Ahmad Qadiani declarou que Cristo não foi crucificado e ressuscitado na forma que os cristãos acreditam, nem subiu aos Céus onde continua a viver, como acreditam os muçulmanos. O "profeta" do Punjabi apoiou suas afirmações na pesquisa de velhos textos e na sua própria interpretação do Corão. Ele tentou provar que Cristo escapou da crucificação e foi para a Caxemira, onde morreu na idade de 120 anos. Nehru, em sua obra "Glimpses of World History" (Relances da História Mundial) escreve: "Em toda a Ásia Central, em Caxemira, Ladakh e até no Tibete e mais para o norte, continua a existir uma forte crença de que Jesus ou Isa por ali viajou. Não é improvável que ele o tenha feito."



CAPÍTULO XVI: OS FATOS SECRETOS DA RESSURREIÇÃO

Pouco antes do nascer do Sol, José de Arimatéia e outros Essênios que haviam se ocultado por perto, aproximaram-se do jazigo, enquanto os guardas se protegiam da chuva em alguns abrigos para gado, a uma certa distância. Utilizando os meios anteriormente planejados, e tirando vantagem da negligência dos oficiais que não haviam lacrado adequadamente a entrada, eles retiraram a laje e abriram o jazigo. Quando entraram, encontraram Jesus descansando tranqüilamente, recobrando rapidamente as forças e a vitalidade. Uma hora depois, a tempestade havia serenado o suficiente para que os Essênios O escoltassem para fora do sepulcro.

Jesus havia usado todos os poderes do Seu ser, pela perfeita harmonização com o Cósmico, para restaurar a força e a consciência em todas as partes de Seu corpo e em todas as Suas faculdades grandemente desenvolvidas. Por isto puderam os Essênios colocar Seu corpo sobre um potro e cobri-Lo com mantos pesados. Dirigiram o potro com sua preciosa carga através da chuva leve e pela densa escuridão até um local afastado, pertencente à Fraternidade, a pouca distância dos muros da cidade.

Encontramos no Livro de João, na Bíblia Sagrada, um fato interessante relativo à crucificação e que aparece nos registros antigos que estou



citando, um incidente que é freqüentemente passado por alto pelos mais críticos estudiosos da Bíblia. O fato se refere à prática usual de quebrar os ossos do corpo de toda pessoa crucificada e de deixar o corpo pendurado na cruz por vários dias para impedir a possibilidade de sobrevivência; no entanto, o corpo de Jesus foi retirado da cruz sem que Seus ossos tivessem sido quebrados, embora os soldados tivessem quebrado os ossos dos dois criminosos que estavam nas cruzes próximas. Isto não foi uma falha dos soldados, pois eles obedeceram a lei quebrando os ossos dos dois criminosos e estavam tão acostumados a seguir este procedimento que não podemos crer que, tendo feito seu trabalho nos outros dois corpos, esquecessem de fazê-lo no terceiro. Os antigos registros a que venho me referindo declaram que, quando os soldados foram notificados de que o corpo deveria ser retirado imediatamente porque chegara uma ordem neste sentido, e que tudo deveria ser feito para que Jesus pudesse voltar à consciência e à saúde caso não tivesse ainda passado pela transição, eles compreenderam que não deveriam torturar, ferir ou de outro modo afetar a condição de Jesus, e sim livrá-Lo tão rapidamente quanto possível da agonia em que se encontrava.

É interessante chamarmos atenção para o fato de que, em nenhuma passagem dos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, existe a declaração positiva, feita com base na observação pessoal desses discípulos, de que Jesus morreu na cruz, ou que estava morto quando o removeram e colocaram no sepulcro. Em João XIX :33 encontra-se a declaração de que os soldados



acreditaram que Jesus estava morto, mas São João não faz uma declaração positiva e, quando menciona o golpe de lança, não nos dá motivos para crer que isto teria causado mais que um ferimento superficial; por outro lado, o fato de que teriam fluído sangue e água indicaria que Jesus ainda estava vivo. Sei que no Credo dos Apóstolos, usado pela maioria das igrejas cristãs, há referência ao fato de que Jesus padeceu e morreu na cruz, e acredita-se geralmente que as afirmações do Credo foram tiradas de afirmações feitas pelos diferentes Apóstolos. A verdade é que o Credo atual passou por várias modificações nos séculos que se seguiram à crucificação, em vários Altos Conselhos da Santa Igreja, e que os primeiros esboços do credo, que tenho em meu poder, são muito diferentes dos que foram adotados mais tarde. No terceiro dos cinco esboços do credo, encontramos que Jesus foi "preso a uma cruz, levantou no terceiro dia". No primeiro esboço original lê-se que Jesus foi crucificado sob Pôncio Pilatos e "no terceiro dia ressurgiu dos mortos". No terceiro esboço o teor foi modificado para "padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado".

A declaração, no esboço anterior do credo, quanto a Jesus ter ressurgido dos mortos deve ser associada às palavras de Lucas XXIV:5, onde é feita esta pergunta aos que procuravam por Jesus: "Por que procurais os vivos entre os mortos? " Devemos ter em mente que Jesus foi colocado num sepulcro destinado aos mortos, em um local próprio para os mortos e cercado pelos chamados mortos. Em outras palavras, a pergunta poderia ser reformulada assim: "Se procurais Jesus, o sempre vivente Filho de Deus, por que vindes ao cemitério



e examinai tumbas e sepulcros procurando por Ele? Por que esperais encontrar uma pessoa viva onde só os mortos se encontram?" As primeiras minutas do Credo dos Apóstolos mostram que a idéia que se desejava transmitir era a de que, após a crucificação, Jesus fora temporariamente colocado em um sepulcro entre os mortos, e que Ele logo saiu daquele local e retornou ao seu lugar entre os vivos.

Nenhuma insinuação existe nas primeiras minutas do credo ou nas discussões posteriores havidas nos altos conselhos da Igreja, quando o credo sofreu várias modificações nos diferentes séculos, de que se acreditasse que Jesus morrera na cruz ou no sepulcro logo após a crucificação. O credo foi composto muito tempo depois dos dias dos Apóstolos e da composição da Bíblia; por isto teve de ser inventado e criado como muitas doutrinas novas do cristianismo. Na Enciclopédia Católica Romana vemos que muitas eminentes autoridades declararam que o credo surgiu não antes da segunda metade do século 5 A.D.; elas também admitem que a idéia de que foram os Apóstolos que compuseram o credo no dia de Pentecostes é uma simples lenda, que remonta ao sexto século. Encontramos ainda a seguinte e interessante declaração na Enciclopédia: "Os modernos apologistas, ao defenderem o Credo dos Apóstolos, só admitem a velha forma romana, mas esquecem que, se a forma romana tivesse sido a inspirada composição dos Apóstolos, não teria sido modificada ao bel-prazer de várias igrejas nem teria sido totalmente suplantada pela forma atual."

Segundo os registros Rosacruz e outros escritos antigos, passado o Sábado, várias pessoas vieram ao sepulcro para ver o corpo de Jesus e trazer



especiarias, panos limpos e outras coisas, conforme era o costume quando havia um falecimento, mas encontraram o túmulo aberto e vazio. A tempestade, os raios, e possivelmente um leve tremor de terra, haviam feito grandes estragos no cemitério ; algumas lápides haviam sido atiradas a esmo e muitos sepulcros tinham sido abertos pelas pedras que haviam se deslocado de sua antiga posição.

Os soldados encarregados da guarda e proteção do túmulo de Jesus, e que tinham se afastado para um local mais abrigado durante a noite, estavam a postos logo cedo para receber os que chegavam ao local, e tinham preparado uma explicação do acontecido. Não quiseram admitir sua própria negligência, que daria causa a punições severas seguidas de prisão, e declararam que, no auge da tempestade, todos os sepulcros tinham sido abertos por um poder miraculoso; que uma luz ofuscante havia envolvido o túmulo de Jesus, e que tinham visto figuras misteriosas escoltando Jesus, que havia voltado à vida. Para os soldados, esta história não parecia muito diferente de outras narrativas que estavam circulando a respeito de Jesus e Seus milagres, e sobre as manifestações da ira de Deus e do amor de Deus, narrativas que tinham relação com muitas coisas incomuns havidas nos últimos nove anos.

O público, e em especial os seguidores de Jesus, estavam prontos a acreditar no que os soldados diziam. Como Pilatos compreendeu que o corpo de Jesus havia sido resgatado e que as histórias eram apenas uma explicação para satisfazer os curiosos, e visto que Roma havia autorizado a libertação de



Jesus e pouco se importava com seu paradeiro, não mandou fazer qualquer investigação.

A história contada pelos soldados e pelos prosélitos de Jesus tornou-se a explicação fidedigna dos acontecimentos.

Os outros incidentes relativos à Ressurreição, relatados na Bíblia Cristã e outras escrituras sagradas, podem ou não ser verdadeiros em todos os detalhes, pois estão baseados no testemunho de diferentes pessoas e de certo modo conflitam entre si. Um único fato de interesse está anotado nos registros Rosacruz com respeito ao sepulcro de Jesus, o qual diz que, nos primeiros anos após a Ressurreição, o jazigo de José de Arimatéia foi usado como santuário pela Fraternidade e por milhares de seguidores de Jesus; o túmulo estava bastante danificado, parcialmente aberto por uma grande rachadura na rocha que o abrigava, e por uma fenda na laje lateral; tudo indicava que o túmulo havia sido atingido por um raio durante a terrível tempestade. Como a tormenta tinha danificado o Santo Sepulcro e outros túmulos das vizinhanças, torna-se fácil compreender porque os soldados inventaram a história que já relatamos e porque ela foi aceita com tanta facilidade.

Assim que foi possível, os Essênios escoltaram e transportaram Jesus para o lar de um de seus membros, na Galiléia. Desejavam que Jesus descansasse e se recuperasse para depois conduzi-Lo a um local isolado e secreto, para ali passar algum tempo.



Jesus recuperava-se rapidamente, a ponto de poder caminhar durante parte da jornada. Ele encontrou um pequeno número de pessoas que O conheciam e que se surpreenderam ao vê-Lo ainda vivo. Existem muitas histórias tradicionais sobre Seu contato com os Discípulos e outros enquanto se recuperava.

O aparecimento de Jesus entre Seus Discípulos em várias ocasiões durante o período de recuperação constitui, em diversos casos, uma demonstração mística do Mestre, projetando Sua personalidade e consciência a locais distantes de Seu corpo físico. Estas demonstrações de leis espirituais elevadas eram comuns, não só para Jesus, mas, também para muitos eminentes Avatares do passado, alguns de Seus Apóstolos e Discípulos e muitos irmãos da Grande Fraternidade Branca que se faziam visíveis em pontos distantes com bastante freqüência. Hoje em dia encontramos nos ensinamentos Rosacruz as leis simples que auxiliam homens e mulheres a alcançarem o elevado grau de desenvolvimento psíquico que lhes permite projetarem a consciência psíquica a um ponto distante, de acordo com sua vontade, e se tornarem visíveis às elevadas faculdades de pessoas igualmente desenvolvidas e que chegaram ao necessário grau de receptividade.

Estava chegando o tempo de Jesus encerrar definitivamente seu trabalho missionário em público e entrar no estágio da atividade silenciosa de todos os grandes Avatares do passado, e que representa o objetivo de todo mensageiro da Grande Fraternidade Branca. Jesus devotava a maior parte de



Seu tempo ensinando a Seus Discípulos as doutrinas que deviam apresentar em seu trabalho com o público e preparando-os para o trabalho missionário que lhes caberia após o Seu afastamento.

A grande modificação que se processara na aparência pessoal de Jesus depois da ascensão do Espírito Santo quando Ele ainda estava na cruz, fez com que muitos que conheciam sua aparência física e aura espiritual não O reconhecessem quando O viram trajando vestes diferentes, de simples Essênio, no tempo que passou na Galiléia.

Os Discípulos sabiam que estava iminente um acontecimento ainda maior em Sua vida, e os grandes oficiais da Fraternidade já estavam se preparando para a manifestação final de Seu lugar Divino entre os homens. Durante quarenta dias Jesus continuou a ter uma associação íntima com Seus Discípulos e Apóstolos. Vemos que este período de quarenta dias tem grande significação e coincide com outros períodos de igual duração que mencionamos em outra passagem deste livro. Durante estes quarenta dias, Jesus compareceu a várias Ceias ou Festas Simbólicas típicas dos Essênios, que mais tarde se tornaram uma das formas de cerimônia da Igreja Cristã. Uma delas, a chamada última ceia, tornou-se importante nas doutrinas referentes à vida de Jesus; mas houve muitas outras Festas idênticas ocorridas mais tarde, em particular, e que não foram reveladas nos registros cristãos, provavelmente porque não foram significativas ou não foram assistidas por um número tão grande de Discípulos quanto a que ficou imortalizada.



No quadragésimo dia, então, os Apóstolos se reuniram de acordo com as instruções recebidas, no cimo de uma montanha fora da cidade de Jerusalém, onde estariam isolados da multidão e fora das vistas de qualquer transeunte. Jesus chegou ao pôr-do-sol e dispôs os presentes em semicírculo diante Dele, de frente para o Sol que se punha. Ele se colocou diante do grupo, e os presentes viam Sua magnífica figura formando uma silhueta contra o vermelho e o dourado do céu. Explicou-lhes então a finalidade do encontro secreto e o verdadeiro trabalho que deveriam realizar no futuro. Conforme dizem os registros, Ele primeiro anunciou que nenhum dos Apóstolos deveria deixar o círculo ou sair do cume da montanha antes que Ele recebesse de Seu Pai do Céu o Espírito Santo e a Divina autorização para continuar Seu trabalho como Apóstolo Oficial. Em outras palavras, Ele anunciou que o poder Apostólico lhes adviria de uma fonte Divina e que não deveriam quebrar o encanto da harmonização Cósmica que Ele iria estabelecer, até que todos e cada um deles recebessem o influxo do Espírito Santo. À luz do que realmente aconteceu, podemos facilmente compreender a importância do comando de Jesus para que permanecessem onde estavam e não se retirassem antes do tempo; pois Ele sabia que haveria um momento em que cada um acreditaria que a estranha assembléia estivesse terminada e que não seria mais necessário permanecer na montanha.

Naturalmente, os Apóstolos fizeram perguntas e aparentemente procuraram determinar a forma de atividade que deveriam adotar e de que



modo seu trabalho afetaria o estabelecimento do Reino dos Céus que Jesus havia afirmado estar iminente. Mas Jesus replicou com uma censura, assegurando-lhes que no devido tempo tudo lhes seria explicado. Também declarou que depois que o Espírito Santo descesse sobre eles e eles tivessem saído pelo mundo para cumprir sua missão individual, seriam representantes do grande trabalho em todas as partes do mundo. Após instruções adicionais quanto a seus primeiros atos depois da partida da montanha, Jesus disse que deveriam levantar-se e cruzar os braços sobre o peito, fazendo a saudação essênica. Então, dando alguns passos que O afastaram deles, mas mantendo-se diretamente entre eles e a última nesga do sol poente, elevou as mãos e os braços para o Céu e orou. Enquanto os Apóstolos observavam e escutavam, uma grande luz envolveu Jesus, e uma nuvem formou-se por sobre Sua cabeça e O foi envolvendo gradativamente.

Quando a nuvem se dissipou e de novo subiu ao céu, eles verificaram que Jesus desaparecera e já não se encontrava em seu meio. Tomados de espanto, eles olharam uns para os outros, como se esperassem uma explicação. Alguns deram mostras de que iriam sair das posições que lhes tinham sido atribuídas, quando um deles falou: "Esperemos, pois não fomos avisados para permanecer onde estamos até a chegada do Espírito Santo?" Percebendo que a hora de partir ainda não chegara, eles permaneceram de pé. Em poucos minutos apareceram duas figuras diante deles, apenas sutilmente visíveis, como se fossem formadas de luz violeta. Uma das figuras dirigiu-se aos Apóstolos, dizendo: "Não olheis



mais para a névoa em que vosso Mestre ascendeu, pois assim como Ele vos deixou, assim Ele retornará a vós muitas e muitas vezes; pois Sua missão terrena foi cumprida e Ele habitará em vosso coração e no coração dos que O amam, e de ora em diante orientará a missão de Sua vida através de Seus mensageiros da luz. Recebei, portanto, de vosso Pai que está nos Céus, o Espírito Santo e a Palavra, e com eles tereis o poder de ensinar e demonstrar as leis espirituais do Reino do Céu, e as chaves dos portais do futuro."

Então as figuras desapareceram como se fossem dissolvidas diante de seus olhos, e os Apóstolos souberam que haviam sido glorificados por seu Pai Celestial e recebido o Espírito Santo.

Em profunda paz e silêncio, os Apóstolos voltaram para suas casas na Galiléia, para residirem entre seus irmãos da Fraternidade. Naquela noite Jesus apareceu entre os Altos Sacerdotes do mosteiro do Carmelo e retirou-se para os aposentos que haviam sido destinados para serem o seu Sanctum. A porta de Sua vida pública, então, fechou-se para a humanidade.



CAPÍTULO XVII: A VIDA DESCONHECIDA DE JESUS

Segundo as histórias da Bíblia Cristã, a vida de Jesus, o Cristo, termina ou culmina com a Ascensão. Vários outros livros sacros, que originalmente formavam a biblioteca de escritos sagrados dos quais foram tirados os Livros da Bíblia que hoje são de uso corrente, continham relatos e incidentes da Vida de Jesus que não foram incluídos e, por este motivo, foram rejeitados. Os Livros da Bíblia que foram rejeitados constituem um volume separado, usado hoje em dia por muitas autoridades eclesiásticas por causa da interessante luz que lançam sobre muitos incidentes importantes da vida de Jesus e Seus Apóstolos.

A Ascensão, tal como foi descrita no capítulo anterior, foi um acontecimento totalmente místico e psíquico, nada havendo nas crônicas originais que justifique a crença de que Jesus ascendeu fisicamente aos Céus, numa nuvem. As palavras de Jesus de que iria para o Pai, ou voltaria a Seu Pai dos Céus, absolutamente não pretendia indicar que Seu corpo físico também se elevaria, nem pretendeu Jesus dizer exatamente quando ou como ocorreria seu retorno espiritual. Este importante acontecimento da vida de Jesus deve ser encarado no sentido místico e espiritual, assim como Suas declarações sobre a necessidade de nascermos de novo para entrarmos no Reino dos Céus. Ele explicou com clareza que, no caso do renascimento pelo Arrependimento, não se referia a um renascimento do corpo físico no decorrer da vida terrena de



qualquer pessoa. A idéia da Ascensão, entretanto, foi mal interpretada como doutrina espiritual, evoluindo para a crença na ressurreição e ascensão do corpo físico; este mal-entendido, encorajado pela teologia, é responsável pela rejeição de muitas doutrinas cristãs por aqueles que não podem conceber estas coisas em um sentido físico e material.

A descrição da Ascensão difere ligeiramente nos livros de Marcos e Lucas, pois, em uma vemos que Jesus foi recebido no Céu e, na outra, que Ele foi levado para o Céu. Nos Atos, lemos que Ele foi levado para o Céu e uma nuvem O encobriu de seus olhos. Ao analisarmos rigorosamente estes três relatos, notamos que a afirmação de que a nuvem O envolveu e "O encobriu de seus olhos" tem um significado espiritual que todos os estudantes de misticismo podem compreender. No trabalho dos mestres do Tibete, do Egito e da Índia, atualmente, e também no trabalho dos Mestres da Fraternidade no mundo ocidental, a formação de nuvens ou névoas pode ser invocada do invisível e envolver uma pessoa, impedindo que seja vista, e esta é uma demonstração feita freqüentemente para comprovar a operação de muitas leis Cósmicas e espirituais. Não tenho a intenção de sugerir que a nuvem que desceu sobre Jesus impedindo que fosse visto pelos Discípulos ou Apóstolos fosse da mesma natureza da nuvem mística que os Mestres de hoje criam quando desejam desaparecer temporária e gradualmente. Acredito que o desaparecimento de Jesus foi um acontecimento único e nunca foi duplicado por qualquer grande Mestre ou Avatar desde então; mas desejo chamar atenção para o fato de que o



desaparecimento feito desta forma não deveria significar que, por ter uma nuvem ou névoa se elevado após o desaparecimento de Jesus, Ele teria se elevado aos céus junto com a nuvem, fosse física, fosse espiritualmente. Como não podiam mais vê-Lo depois que a nuvem começou a se dissipar, era natural que os Discípulos presumissem que Ele estivesse na nuvem. Mais tarde, quando descreveram os fatos, sabendo que o incidente fora apenas o encerramento de Sua presença pública, eles transmitiram suas impressões como se Jesus tivesse realmente desaparecido na nuvem, conforme haviam acreditado na ocasião da ocorrência.

Ao consultarmos antigos registros vemos que Crishna, que foi crucificado e resgatado dentre os mortos, também subiu aos Céus, segundo o que acreditaram seus seguidores. A antiga descrição nos diz que, no momento da ascensão, uma grande luz o envolveu e ele desapareceu nessa luz. Também ficou pressuposto que Crishna retornou com a luz quando ela subiu da terra para o Céu. Os registros também mostram que a última aparição de Buda foi no alto de uma rocha, na montanha, na presença de seus prosélitos, sendo que uma grande luz o envolveu e nela ele desapareceu. Os seguidores de Buda afirmaram que ele ascendeu às regiões celestiais; por vários séculos após este fato, foram mostradas marcas na rocha, aos peregrinos, como sendo marcas dos pés do Buda, deixadas no momento da ascensão. Zoroastro, outro grande Avatar, também teria ascendido ao Céu, segundo as narrativas pré-cristãs, ao terminar sua carreira terrena. Os egípcios celebravam a ressurreição e ascensão



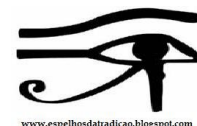
de Adônis, muitos séculos antes da Era Cristã. Os festivais em honra da ressurreição e ascensão de Adônis eram realizados em Alexandria, no Egito, o próprio berço do cristianismo, ainda no tempo de São Cirilo, bispo de Alexandria, no ano de 412 A.D., e na Antióquia, antiga capital dos reis gregos da Síria, no tempo do Imperador Juliano, em 361-363 A.D. Até os filhos de Israel cultuavam Adônis sob a denominação judaica de Tamuz, e havia um altar com este nome no Templo do Senhor em Jerusalém. Vários salmos de Davi eram partes do serviço litúrgico usado no culto a Tamuz, em especial o Salmo 110. O Dr. Parkhurst, eminente autoridade judaica, diz em sua obra intitulada O Léxico Hebreu: "Vejo-me compelido a identificar Tamuz, assim como o Hércules romano e grego, à classe de ídolos originalmente representativos do prometido Salvador (Jesus Cristo), o desejo de todas as nações. Seu outro nome, Adônis, é quase a palavra hebraica 'nosso Senhor', um título bastante conhecido do Cristo."

Pelo menos vinte outros Avatares antigos e deuses populares aparecem nos escritos antigos ligados à idéia de que ressurgiram dos mortos (não da morte) e ascenderam ao Céu, tendo sido este o incidente derradeiro de suas carreiras públicas. Deve-se notar que na maioria dos casos não está implícito que o desaparecimento de um Avatar das vistas do público e a ascensão de seu espírito ao reino invisível tenha significado uma ascensão em corpo físico ou o fim da existência física no plano terreno. Verificamos que nos antigos ensinamentos relativos aos grandes Avatares sempre se enfatiza o fato de que o espírito Divino ou a luz espiritual do Avatar retornou a Deus ou às



regiões celestiais, e que a luz do mundo se apagou. Esses povos antigos, chamados pagãos pelo cristianismo, não tinham a intenção de sugerir que o corpo físico subira ou desaparecera; apenas que ficara oculto aos olhos do público. Nas doutrinas cristãs, pelo contrário, encontramos o gradual desenvolvimento da idéia da ressurreição e ascensão do corpo em forma física. Esta idéia não constava das doutrinas cristãs originais, tendo sido acrescentada séculos mais tarde, quando muitas doutrinas cristãs foram inventadas ou tornadas teologicamente necessárias, conforme explicamos em outra parte deste volume. Esta mudança na interpretação da ressurreição e ascensão foi a causa de grande número de discussões nos tempos modernos, contrárias à aceitação das doutrinas cristãs em sua totalidade,

O desaparecimento de Jesus das vistas do público, o encerramento de Seu trabalho com o povo e de Sua missão pública como o Cristo, não marcou o fim de Sua existência no plano terreno em um corpo físico. Isto é afirmado positivamente em tantos registros antigos e fidedignos que não deixa de ser surpreendente a tentativa dos Patriarcas da Igreja Cristã de tornar a Sua ascensão um fato físico, proclamando o mesmo como o final de Sua carreira na Terra. Em muitas discussões do Concílio da Igreja, nos primeiros séculos depois de Cristo, foi francamente admitido pelas maiores autoridades que Jesus vivera até os cinquenta, sessenta ou setenta anos. Em algumas dessas discussões, o assunto da sucessão apostólica foi seriamente analisado por muitos anos; no decorrer das discussões, muitas provas, na forma de escritos e de tradições



orais, foram submetidas para demonstrar que, após a Ascensão, Jesus trabalhou com Seus Apóstolos.

Só depois que a doutrina da Ressurreição do corpo e da Ascensão do corpo no sentido físico foi considerada uma necessidade teológica, foi que os primeiros Patriarcas cristãos, em seus Altos Conselhos, decidiram eliminar todas as referências às atividades de Jesus após a Ascensão, e fizeram a Ascensão parecer a culminação de Sua existência física e de Sua missão crística

Os antigos registros da Grande Fraternidade Branca e outros documentos que constam dos arquivos Rosacruz demonstram claramente que, depois que Jesus retirou-se para o mosteiro do Carmelo, viveu por muitos anos, realizando reuniões secretas com Seus Apóstolos e devotando-Se, pela meditação e pela prece, à formulação de doutrinas e ensinamentos para serem divulgados pelos Apóstolos.

Os doze Apóstolos originais eram todos gentios escolhidos entre os que viviam na Galiléia. Talvez nunca tenha ocorrido aos estudiosos do cristianismo examinar a vida dos Apóstolos e verificar que todos viviam na Galiléia no tempo em que foram escolhidos para formar o conselho privado do movimento cristão. Dos doze, todos menos três, Lebeu, Paulo e Judas, eram de sangue ariano e membros da Fraternidade Essênia. Lebeu e Judas eram da raça judia mas tinham adotado a religião gentia, tornando-se heréticos e abandonando grande parte das doutrinas judaicas. Depois da morte de Judas e



de outros, as vagas ocorridas no Conselho foram preenchidas por outros gentios da Fraternidade Essênia, escolhidos pelo próprio Conselho.

O Conselho dos Apóstolos se reunia no mosteiro, e seus membros viviam praticamente à sombra do mesmo, porque havia sessões diárias que bem poderiam ser chamadas de escola ou faculdade apostólica. Esta escola foi a base para o estabelecimento de um colégio semelhante na Igreja Romana.

Segundo os registros, Jesus só comparecia uma vez por semana, para ter com os Apóstolos, e isto se dava sempre num Sábado, quando se celebrava uma cerimônia de natureza misteriosa, na qual todos os que não se encontravam realizando um trabalho missionário fora dali participavam de uma Festa Simbólica. Nos outros dias da semana, havia reuniões para instrução dos Apóstolos em seu trabalho, presididas por vários Sumos Sacerdotes do mosteiro.

Esta fase do trabalho de Jesus com Seus Apóstolos escolhidos constitui o grande período desconhecido de Sua vida. Somente alguns fatos de destaque aparecem nos registros quanto aos anos finais de Sua vida e Sua associação com os Apóstolos. Consta que, cerca de dez dias após o afastamento de Jesus da vida pública, Seus Apóstolos se reuniram num certo local em Jerusalém para estabelecer a primeira congregação do movimento que se organizava e que se transformaria mais tarde na Igreja Crística.



Jesus não tomou parte na fundação desse movimento; pois, consta dos registros que os Apóstolos só contavam fazer uma reunião pública com o propósito de continuar os ensinamentos de Cristo, mas a congregação que se reuniu foi tão numerosa e o poder do Espírito Santo se tornou tão manifesto, que o entusiasmo dos homens e mulheres presentes e as preces e lamentos dos arrependidos atraíram a atenção de escarnecedores e outros. Por isto, concluiu-se que seria aconselhável organizar o trabalho dos Apóstolos em um movimento definido, com nome definido e um local adequado para as reuniões. Nada existe nos registros que demonstre ter Jesus concordado com este plano, ou que o tenha considerado, pois Seu contato com o público havia terminado e Seus interesses voltavam-se exclusivamente para a instrução e orientação dos Apóstolos em seu desenvolvimento pessoal e em sua compreensão dos ensinamentos, a fim de que pudessem continuar o trabalho com eficiência. Desde a ascensão, quando o Espírito Santo descera sobre os Apóstolos e lhes concedera autoridade para continuar Seu trabalho, Jesus considerou os Apóstolos Seus sucessores e mensageiros públicos. Os planos que eles desenvolveram para facilitar e melhorar seu trabalho junto ao povo aparentemente não receberam qualquer comentário de Jesus, pois nada consta nos registros sobre este ponto.

Passado um ano, o movimento da Igreja Crística se desenvolvera tanto que foi organizado de forma a incluir um círculo interno, devotado exclusivamente à preservação dos ensinamentos de Cristo e à manutenção de



certos símbolos e tradições. Foi nessa época que a cruz foi adotada como símbolo cristão; mas, por estranho que possa parecer, não foi adotada com um corpo crucificado sobre ela, mas com uma rosa.

A Fraternidade Essênica, parte da Grande Fraternidade Branca, sempre havia usado a cruz como símbolo. Este havia se originado nos dias de Akhenaton como símbolo místico e esotérico, que o Faraó do Egito usou nas escolas de mistério como emblema do corpo do homem com os braços estendidos, representando o homem físico com seus sofrimentos e as tribulações da vida terrena. Naquele tempo, a cruz não era utilizada para a crucificação e sim no sentido místico, pois o corpo humano com os braços estendidos lembrava uma cruz, especialmente quando se voltava para o sol nascente para fazer a saudação mística usual. Nessa ocasião, a sombra do corpo humano formava uma cruz. O fato de que essa sombra não passava de algo passageiro e irreal, com existência temporária, sugeria um emblema do corpo físico e da existência física. Em muitos escritos antigos das escolas de mistério do Egito, e mesmo em escritos hieroglíficos nas paredes dessas escolas de mistério, a cruz era gravada ou pintada, e tinha relação com princípios esotéricos.

Em alguma época entre a adoção da cruz como símbolo do corpo humano e a formação da Igreja Crística, uma rosa foi acrescentada para servir de segundo elemento do símbolo místico. A rosa foi comparada à alma do homem, por causa de seu desabrochar gradativo, de seu doce perfume, sua



exuberante coloração e manifestação de maturidade. O acréscimo da rosa à cruz formou um símbolo combinado significando que a personalidade-alma evolui e se torna rica em experiência e manifestação através de sofrimentos, provas, tribulações e incidentes do corpo físico e da vida física. Assim, a cruz e a rosa se transformaram no emblema da expressão da alma através da experiência humana, física. É fácil reconhecermos nesta simbologia mística uma bela razão para a combinação da cruz e da rosa como emblema da Igreja Crística. Mais tarde o próprio Jesus foi chamado "A Rosa", a "Rosa de Sharon", a "Linda Rosa" e "Rosa Sagrada"; a rosa na cruz foi interpretada por muitos como uma representação da alma de Jesus na cruz, em toda sua beleza e desabrochar, porém, não crucificado. Só muitos séculos mais tarde os Patriarcas da Igreja, em seus Concílios, estabeleceram a cruz com o corpo crucificado como emblema do movimento cristão.

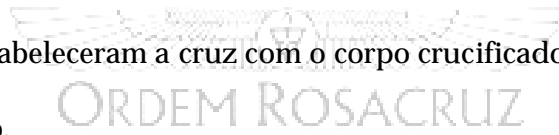




ILUSTRAÇÃO (A Cruz e a Rosa)

A rosa foi colocada sobre a cruz como símbolo de crucificação, assim como a pomba, o Sol e a serpente. A rosa na cruz tornou-se o símbolo oficial dos Rosacruz, mas foi também usada por vários ramos da Fraternidade Essênica e Grande Fraternidade Branca, antes de sua adoção oficial como emblema universal. O emblema dos primitivos Templários era uma rosa vermelha sobre uma cruz, adotado por eles por causa dos Essênios. Em alguns manuscritos místicos antigos, encontramos a rosa chamada de Nauruts, Nausir ou rosa de Isuren, de Tamul ou Sharon, ou ainda Rosa Aquática, Lírio, Padma, Pena, Lotus — crucificada nos céus para a salvação do homem. Jesus, o Cristo, foi chamado A Rosa, Rosa de Sharon, ou de Isuren. Em tudo isto vemos a relação entre o emblema Rosacruz e o misticismo cristão inicial.

O círculo interno da Igreja Crística também se transformou em uma organização militante voltada para a preservação do símbolo sagrado, a cruz, mais tarde adotando o nome que, traduzido para o latim, seria Militia Crucifera



Evangélica Esta organização militante, que incluiria representantes de todos os países e neles continuaria suas atividades, tinha por finalidade proteger o sagrado emblema para que não fosse adotado por outras organizações não autorizadas, especialmente para que não fosse mal utilizada ou mal interpretada de uma forma que não fosse condizente com os verdadeiros princípios de Cristo. Esta organização militante acabou por incluir os Hospitalários e os Cavaleiros da Cruz e outras organizações similares, que desempenhavam atividades em nome da cruz e em nome dos princípios cristãos. Por muitos séculos a organização se manteve muito secreta e pouco conhecida, formada por algumas centenas de homens, que controlavam e dirigiam as atividades de organizações aliadas; no tempo das Cruzadas para libertar e redimir a Terra Santa do controle de infiéis e pagãos, a Milícia dirigiu e controlou as importantes atividades das tropas. Também é interessante notar que, após muitos séculos, a organização repentinamente passou a ser um corpo não-sectário de defensores da Cruz, por intermédio de uma convenção convocada em Luneburg, Hanover, em 27 de julho de 1586, patrocinada por Henrique IV, rei da França, a Rainha Elisabete da Inglaterra, o rei da Dinamarca e potentados de muitas terras. Nessa convenção foram revelados os antigos registros da organização, e as doutrinas da organização e da Fraternidade Essênica, bem como da Grande Fraternidade Branca, foram revisados e adotados como regras, regulamentos, ensinamentos e práticas da Milícia. Tudo foi então compilado em um grande livro de quase duas mil páginas, completadas no ano



de 1604, sendo a obra final denominada Naometria, A Milícia tornou-se uma organização importante na prevenção de guerras e formas de perseguição em nome da religião. A filiação na Milícia passou a ser unha honra resultante da prestação de serviços incomuns e notáveis em favor do simbolismo puro da cruz e do desenvolvimento místico e religioso do homem.

Logo após a formação do círculo interno pelos Apóstolos, na Palestina, os membros do mesmo foram enviados a várias terras para difundir a palavra da Igreja recém-formada. Pedro foi enviado a Jerusalém, Antióquia e Roma. O velho Jaime também trabalhou em Jerusalém. São João, após fazer algum trabalho missionário em Jerusalém, centralizou suas atividades em Efeso, onde estabeleceu uma igreja. São Paulo inicialmente ajudou o trabalho em Antióquia, depois em Icônio, Listra, Derbe, Troas, Filipéia, Tessalônica, Bera, Atenas, Corinto e outras cidades. Os demais Apóstolos trabalharam primeiro como assistentes nas novas igrejas e depois se dirigiram para outras terras; foi assim que a Igreja Crística lançou suas bases nas mais avançadas nações.

Enquanto isso Jesus delineava e aperfeiçoava as doutrinas e ensinamentos que havia recebido por inspiração nos dias de Sua condição de Cristo; no confinamento de Seu sanctum, Ele apresentava os ensinamentos aos Sumos Sacerdotes e aos Apóstolos que vinham visitá-Lo de tempos a tempos.



A maioria das doutrinas e ensinamentos aperfeiçoados por Jesus nessa época foram preservados pelos Apóstolos e principalmente pelos Altos Sacerdotes da Fraternidade; foi desses ensinamentos preservados que foram extraídos muitos ensinamentos que hoje a Fraternidade utiliza em todo o mundo. O resumo dos ensinamentos secretos de Jesus, revelados em Suas reuniões públicas e particulares com os Apóstolos, Discípulos e oficiais da Fraternidade, constitui um maravilhoso volume de princípios metafísicos e leis espirituais. É possível que sejam revelados ao público no devido tempo, pois seriam de inestimável valor para os estudiosos do cristianismo e para os estudantes de misticismo.

A morte ou transição final do grande Mestre Jesus está registrada em documentos antigos onde consta que ela transcorreu pacificamente na presença de irmãos da Fraternidade, no mosteiro de Carmelo. Seu corpo permaneceu em um ataúde no Monte Carmelo por muitos séculos; finalmente foi removido para um sepulcro secreto guardado e protegido por Seus irmãos.

Assim termina a história do Grande Iniciado — o Messias e Filho de Deus -- o AMEM do mundo, Senhor e Redentor.



APÊNDICE

ALGUMAS CRÍTICAS INTERESSANTES

Logo após a publicação da primeira edição deste livro e durante o período de distribuição da segunda e terceira edições, foram enviadas muitas cartas ao autor, contendo comentários críticos ao conteúdo da obra. Muitos desses comentários merecem a atenção do leitor.

Naturalmente, era de se esperar que uma nova versão das antigas histórias da vida de Jesus, e a apresentação de fatos até então inéditos sobre Sua vida, provocassem objeções sérias por parte da ortodoxia cristã, além de comentários críticos de duas classes de pessoas: os defensores da fé e os estudiosos negligentes da teologia cristã. Nem o autor nem os editores deste volume esperavam que o sacerdócio ou o clero cristão aprovasse ou endossasse este livro. Entretanto, foi isto que ocorreu em muitos casos.

Um dos fatos interessantes revelados pelas cartas contendo críticas e pelos comentários sobre o livro, publicados em diversos jornais e revistas, é o de que muitos clérigos cristãos eminentes, que não deveriam ter tentado criticar o livro sem antes se tornarem bem versados na história do cristianismo, correram a publicar sua conde nação centralizando seus argumentos em censuras devastadoras. Tomando essas censuras e fundindo-as, por assim dizer, em um só molde, encontramos as seguintes opiniões típicas:



"O autor da Vida Mística de Jesus nos apresenta uma história singular que desafia muitas declarações dos Evangelhos, mas falha redondamente em citar qualquer autoridade cristã para confirmar suas provocadoras declarações."

Outros clérigos denunciaram a obra, em público e em particular, dizendo que "o autor não cita registros cristãos, nem qualquer parte dos registros evangélicos para consubstanciar as declarações que faz".

Este tipo de crítica é injusto, ou pelo menos desqualificado, pois o livro é apresentado como uma versão diferente da que é geralmente apresentada pelas autoridades cristãs com relação à vida de Jesus; o bom senso diria a qualquer pessoa que um livro inteiramente diferente contendo declarações desafiadoras não poderia basear-se em citações tiradas da Bíblia ou dos escritos cristãos.

A opinião do autor é a de que, se ao escrever o livro ficasse limitado a citações das histórias cristãs e a declarações dos Evangelhos Cristãos, não haveria motivo para escrever a obra, pois as Igrejas cristãs têm dado ao mundo histórias interessantes e atraentes sobre a vida de Jesus, tanto quanto lhes permitiram seus conhecimentos. Simplesmente citar os Evangelhos seria o mesmo que colorir flores. Se não tivessem sido descobertos fatos que contrariam as afirmações dos Evangelhos cristãos e não tivessem sido encontrados dados que estão ausentes dos registros cristãos, não haveria necessidade de preparar mais um livro sobre a vida do grande Filho de Deus.



Parece estranho, entretanto, que esses clérigos cristãos não encontrassem outros pontos para censurar no livro. Os vários capítulos do mesmo apresentam afirmações que, se fossem mentirosas, deveriam ter sido apontadas pelos críticos como falsas e sem fundamento, mas que, se são verdadeiras, devem ter forçado os cristãos ortodoxos a admitirem que este novo livro contém novas luzes e novos conhecimentos.

Por exemplo, por que todos esses clérigos críticos se recusaram a argumentar ou explicar a declaração de que Jesus não viveu em Nazaré e não era Nazareno por virtude de Sua associação com uma cidade que não existia em Seu tempo? Nenhuma entre as inúmeras críticas publicadas contra este livro pelos defensores ortodoxos dos registros cristãos contém um só argumento a respeito de Nazaré. Mas, se o ponto em questão é verdadeiro, abre uma porta muito ampla para críticas sérias quanto a uma afirmação fundamental feita a respeito de Jesus. Outro ponto interessante é que nenhum dos críticos, eruditos ou não, tentou mostrar que as citações deste livro relativas à desconhecida juventude de Jesus eram incoerentes, improváveis ou sem qualquer importância. Contudo, para os milhares de pessoas que leram o livro e lhe deram valor, os fatos relativos à juventude de Jesus foram de grande destaque por lançarem uma importante luz sobre toda a vida do Mestre.

Para esses críticos, parece bastar o ato de deixar o livro de lado, como afirmaram que fizeram, ou atirá-lo à lata de lixo, conforme revelam incisivamente, afirmando que "todo o livro é uma obra de ficção sem corroboração".



A mesma atitude foi assumida por pessoas cultas e sábias em todas as eras, relativamente a novas revelações no campo da religião e da filosofia, e também da ciência. Foi esta mesma atitude que levou a Igreja a desprezar os conselhos de pessoas que haviam sido iluminadas por novas verdades. Muitas delas foram queimadas na fogueira ou condenadas à prisão perpétua, para mais tarde serem canonizadas como santas. Em todas as eras sempre existiram os que se recusaram a crer em fatos novos, condenando os que tentavam trazê-los à luz.

Entre as muitas idéias peculiares apresentadas em alguns jornais e revistas, sobre este livro, houve uma opinião típica publicada na seção de cartas de leitores do jornal Sun de New York em 15 de agosto de 1929. Um leitor escreveu o seguinte comentário:

"Em sua seção apareceu recentemente uma carta afirmando que H. Spencer Lewis tinha escrito um livro sobre a vida de Jesus com base em dados contidos nos arquivos da Ordem Rosacruz. Parece-me estranho que depois de dois mil anos apareça alguma coisa que possa ser acrescentada ao conhecimento atual sobre este assunto."

Esta idéia aparentemente foi a base das objeções de um grande número de leitores deste volume. Por que, perguntaram eles, foram necessários quase dois mil anos para que estas revelações interessantes sobre a vida de Jesus fossem publicadas? Por que, perguntaram outros, devemos crer que depois de tanto tempo possa ter sido encontrada alguma coisa nova sobre a



Vida de Jesus, quando milhares de investigadores e buscadores passaram centenas de anos pesquisando em vão?

Estas perguntas e comentários críticos não merecem longas respostas ou explicações. Poderíamos perguntar, por que os aventureiros que foram à Califórnia em 1849 haveriam de achar ouro depois de padres, índios e tantos outros terem procurado em vão durante dezenas de anos? Por que deveriam os astrônomos estar esquadrinhando o céu a todo momento na esperança de encontrar novos mundos ou planetas, depois de tantos anos de pesquisas que, aparentemente, já revelaram tudo que podiam revelar? Por que acreditar que será possível encontrar novas luzes que aumentem o cabedal do conhecimento humano? E por que, perguntamos, presumir que o conteúdo deste livro trata de "uma recente descoberta de fatos históricos?" O livro não contém esta afirmação. Os fatos nele contidos foram conhecidos e preservados por eminentes autores por centenas de anos; esses mesmos fatos foram levados ao conhecimento de proeminentes clérigos do mundo inteiro por vários séculos, mas estes se recusaram a publicar os fatos, a acrescentá-los a seus registros, a revelá-los de alguma forma. Mesmo que tais fatos tivessem sido descobertos recentemente e anunciados pela primeira vez na história do mundo, não causariam grande surpresa nem pareceriam incompatíveis com a verdade. Escavações são feitas no Egito e outras partes do Oriente com o fim de descobrir novos fatos relativos à história do homem e ao progresso da filosofia e da religião. A cada ano novas



luzes são lançadas sobre as vidas de povos e incidentes da História relativos ao período coberto pela Bíblia Cristã.

Tenho recebido centenas de recortes de jornais e artigos de revistas mostrando que em várias partes do mundo estão sendo realizadas pesquisas, na esperança de se encontrarem novos fatos relativos à vida de Jesus e a toda a história da Criação contida na Bíblia. Expedições de arqueólogos especializados em pesquisas bíblicas, e teólogos devotados à tarefa de traduzir e pesquisar registros escritos de grande antigüidade, têm se dirigido à Palestina e Oriente Próximo, fazendo grandes gastos, com o propósito exclusivo de obterem maiores informações sobre os períodos de que trata a Bíblia Cristã.

Recentemente, estas expedições trouxeram à luz muitas tumbas e cemitérios contendo evidências indisputáveis de primitivos enterros cristãos, contendo escritos, anotações, datas e outros fatos que esclareceram muitos pontos da vida e da obra de Jesus e Seus seguidores naquelas partes do mundo.

A História nos revela claramente que muitos livros de escrituras sacras foram rejeitados quando a Bíblia atual foi compilada. Muitos desses livros rejeitados foram trazidos à luz e são extremamente interessantes. Muitos mais estão sendo descobertos e traduzidos, não havendo razão para supormos que todos os fatos da vida de Jesus foram descobertos por investigadores ortodoxos ou quaisquer outros.



Nada há de estranho em que os registros Rosacruz tenham contido tais fatos por muitos séculos; também não é verdade que os Rosacruz deliberadamente ocultaram esses fatos ou que mantiveram em segredo a posse desses antigos registros. Até pouco tempo atrás os melhores tradutores e pesquisadores das novas variações da Bíblia Cristã e da História Cristã recusavam-se a examinar os registros Rosacruz ou outros registros existentes na Índia, no Egito e em outras terras, por causa de preconceitos pessoais ou por medo da condenação eclesiástica.

Voltando à declaração feita anteriormente, neste apêndice, quanto ao fato de que o livro foi endossado por muitos clérigos eminentes, para grande surpresa do autor e dos editores, o autor sente que esta é a ocasião apropriada para expressar sua apreciação a esses teólogos cultos e de mente aberta, que lhe escreveram agradecendo pela nova história, especialmente pela ênfase que foi dada ao aspecto místico da vida de Jesus. Também agradece aos obreiros cristãos que usaram alguns capítulos deste volume como tema de aulas dominicais e em palestras ligadas ao estudo da Bíblia, em grande número de estações radiofônicas. Desta forma, os fatos contidos neste livro foram levados ao conhecimento de milhares de pessoas, resultando diretamente na leitura mais cuidadosa e aprofundada das páginas da Bíblia Cristã.

As cartas de elogio, de apoio, e as que solicitaram autorização para citar passagens do livro em aulas e palestras públicas, deram grande satisfação ao autor e aos editores, pois seu único propósito ao editá-lo foi apresentar



novos fatos ao mundo. Se estes fatos puderem ser divulgados sem a necessidade de novas edições da obra, a satisfação será ainda maior. Os editores doaram cerca de dois mil livros às maiores bibliotecas da América do Norte, para que milhões de pessoas possam ter a oportunidade de ler a obra. Temos certeza de que a mesma continuará a ser condenada e criticada, mas criticar a verdade não tem o poder de destruí-la. Existem milhares de cristãos de hoje que dizem ter sua fé sido fortalecida pela compreensão mais íntima e mais abrangente da vida mística de Jesus.





Harvey Spencer Lewis, F.R.C.

1883 - 1939



www.espehosdatradicao.blogspot.com